

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Mestrado em Sociologia – Área de Especialização em Recursos Humanos,
Desenvolvimento Sustentável

Modos de vida e diferenças culturais na Comunidade da Colmeia

Dissertação de Mestrado apresentada por:
Isabel Margarida Veiga da Costa Alho

ÉVORA

2000

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Mestrado em Sociologia - Área de Especialização em Recursos Humanos,
Desenvolvimento Sustentável

Modos de vida e diferenças culturais na Comunidade da Colmeia



104 993

Dissertação de Mestrado apresentada por:

Isabel Margarida Veiga da Costa Alho

Orientada por:

Professor Doutor Francisco Ramos

ÉVORA

2000

SIGLAS

CAI - Centro de Animação Infantil

CCRA - Comissão de Coordenação da Região do Algarve

CML - Câmara Municipal de Loulé

CNP - Classificação Nacional de Profissões

DAS - Divisão de Acção Social

IEFP - Instituto de Emprego e Formação Profissional

IGAPHE - Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado

INE - Instituto Nacional de Estatística

INH - Instituto Nacional Habitação

IPSS - Instituição Particular de Solidariedade Social

PDM - Plano Director Municipal

PRUQ - Programa de Requalificação Urbana de Quarteira

PIDCD - Projecto Integrado de Desenvolvimento Comunitário de Quarteira

Agradecimentos

Gostaria de dirigir algumas palavras de agradecimento a todos aqueles que me ajudaram de forma directa ou indirecta para a realização deste trabalho.

Em primeiro lugar, dirijo o meu agradecimento ao meu orientador, Professor Doutor Francisco Ramos, pelos ensinamentos e sabedoria que me transmitiu desde o primeiro dia do Curso de Mestrado, pela disponibilidade que sempre demonstrou e pelo incentivo em momentos de dúvidas.

À minha amiga Manuela pelos cuidados de “ama” do meu filho Miguel e pela preciosa colaboração no processamento do texto e na elaboração de quadros e gráficos, assim como ao meu cunhado Ângelo.

À Sónia e à Sandra, colegas e amigas do PIDCQ pelas palavras e atitudes de encorajamento e incentivo e pela ajuda no tratamento de dados do inquérito por questionário em programa informático.

Ao Director do Departamento de Cultura Educação e Acção Social, Professor João Felizardo pela facilidade que me deu em articular o desempenho profissional com a vida académica.

Aos colegas da Câmara Municipal de Loulé, da Divisão de Planeamento e Ordenamento do Território pelo profissionalismo e boa-vontade na digitalização dos mapas do concelho.

Gostaria de referir a população da Comunidade da Colmeia pela disponibilidade, pelo afecto e pela participação numa “História” que é a sua.

Finalmente, ao meu marido e ao meu filho a quem dedico este trabalho; ao Alexandre pela paciência, pelo apoio e compreensão das minhas indisponibilidades e ao Miguel pela paz que transmite o seu sorriso e pela alegria na partilha de uma experiência que enriqueceu as nossas vidas.

ÍNDICE GERAL

	f.
INTRODUÇÃO	10
I PARTE - ENQUADRAMENTO TEÓRICO CONCEPTUAL	13
CAPÍTULO I - A HABITAÇÃO ... UM DIREITO CONSTITUCIONAL	14
1 - AS POLÍTICAS DE HABITAÇÃO EM PORTUGAL	14
CAPÍTULO II - A COMUNIDADE	29
1 - COMUNIDADE	29
2 - CULTURA: SINÓNIMO DE CULTURAS	30
3 - MODOS DE VIDA: A DIALÉCTICA ENTRE O MATERIAL E O SIMBÓLICO	34
4 - IDENTIDADE: UM RECURSO PARA A MUDANÇA	38
II PARTE - QUESTÕES METODOLÓGICAS	40
CAPÍTULO III - METODOLOGIA	41
1 - TIPO DE ESTUDO	41
2 - INSTRUMENTOS DE OBSERVAÇÃO E PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DE DADOS	42
III PARTE - TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS	52
CAPÍTULO IV - CARACTERIZAÇÃO GERAL DA COMUNIDADE	53
1 - SÍNTESE HISTÓRICA	53
2 - ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO	55
3 - DEMOGRAFIA	59
3.1 - Evolução da população	59
3.2 - Estrutura etária	60
3.3 - Estado da população	62
4 - CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-ECONÓMICA	63
5 - EQUIPAMENTOS	67
5.1 - Ensino e formação profissional	67

5.2 – 3ª idade e saúde	68
5.3 – Desporto	69
5.4 – Prevenção e segurança	70
5.5 – Habitação	70
<i>CAPÍTULO V – O CASO DA COLMEIA</i>	72
1 – ENQUADRAMENTO GERAL	72
2 – LOCALIZAÇÃO E EQUIPAMENTOS	74
3 – O TECIDO SOCIAL	75
3.1 – Diagramas familiares	76
<i>CAPÍTULO VI – ESTRATÉGIAS FAMILIARES DE MOBILIDADE</i>	86
1 – PERCURSO DE VIDA EM TERMOS GEOGRÁFICOS	86
2 – PERCURSO PROFISSIONAL	88
3 – PERCURSO HABITACIONAL APÓS A VINDA PARA O ALGARVE	90
4 – ANTIGO BAIRRO – OPINIÕES	91
<i>CAPÍTULO VII – QUADRO ACTUAL DE VIDA</i>	93
1 – ESTRUTURA FAMILIAR	93
2 – VIDA LOCAL: A CASA E AS SOCIABILIDADES	99
<i>CAPÍTULO VIII – NOTAS DE CAMPO</i>	103
1 – O REGISTO DAS EMOÇÕES	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
BIBLIOGRAFIA	130
OUTROS DOCUMENTOS	136
ANEXOS	137
1 – Guião do inquérito por questionário	138
2 – Guião da entrevista	139
3 – Sinopses das histórias de vida	140

ÍNDICE DE QUADROS

	f.
QUADRO 1 - <i>Variação da população da freguesia de Quarteira de 1920 a 1991.....</i>	59
QUADRO 2 - <i>Evolução da população residente</i>	60
QUADRO 3 - <i>Índices de estrutura de Quarteira - 1991</i>	62
QUADRO 4 - <i>População residente, com 12 ou mais anos, segundo a condição perante a actividade económica e sexo</i>	63
QUADRO 5 - <i>As 10 profissões mais representativas</i>	65
QUADRO 6 - <i>Educação Pré-Escolar em Quarteira</i>	67
QUADRO 7 - <i>Escolas do 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e do Ensino Secundário em Quarteira</i>	68
QUADRO 8 - <i>População escolar da Escola Profissional de Gestão e Tecnologia Marítimas 1999/2000</i>	68
QUADRO 9 - <i>Equipamentos desportivos em Quarteira</i>	69
QUADRO 10 - <i>Evolução do número de famílias/habitações</i>	70
QUADRO 11 - <i>Identificação de deficiências no edificado</i>	71
QUADRO 12 - <i>Idades da população da Comunidade da Colmeia</i>	76
QUADRO 13 - <i>Origem da família</i>	87
QUADRO 14 - <i>Perfil Psico-social dos entrevistados</i>	98

ÍNDICE DE GRÁFICOS

	f.
GRÁFICO 1 - <i>Pirâmide de idades da freguesia de Quarteira - 1991</i>	61
GRÁFICO 2 - <i>Pirâmide de idades da cidade de Quarteira - 1991</i>	61
GRÁFICO 3 - <i>Distribuição por grupos etários (Quarteira)</i>	62
GRÁFICO 4 - <i>Taxa de desemprego da freguesia de Quarteira</i>	64
GRÁFICO 5 - <i>Pedidos de emprego de residentes da freguesia de Quarteira</i>	65
GRÁFICO 6 - <i>Estrutura do emprego na freguesia de Quarteira - 1991</i>	66
GRÁFICO 7 - <i>Origem da família</i>	88
GRÁFICO 8 - <i>Sector de actividade do representante da família</i>	90
GRÁFICO 9 - <i>Tipologia familiar</i>	94
GRÁFICO 10 - <i>Representação da situação familiar</i>	96
GRÁFICO 11 - <i>Modelos de vida com que se identifica</i>	97
GRÁFICO 12 - <i>Significado da mudança para a actual casa</i>	100

ÍNDICE DAS FOTOGRAFIAS

	f.
FOTOGRAFIA 1 - <i>Vista geral do Bairro e Polidesportivo</i>	74
FOTOGRAFIA 2 - <i>Fachada principal de dois edifícios do Bairro</i>	75
FOTOGRAFIA 3 - <i>Formanda do Curso de Costura</i>	104
FOTOGRAFIA 4 - <i>Festa de Natal (21/12/98)</i>	105
FOTOGRAFIA 5 - <i>Festa de Natal e entrega dos Diplomas do Curso de Costura</i> .	105
FOTOGRAFIA 6 - <i>Formandas do Curso de Pintura</i>	109
FOTOGRAFIA 7 - <i>Formandas e aula teórica do Curso de Artes Domésticas</i>	110
FOTOGRAFIA 8 - <i>Almoço de Confraternização no encerramento do Curso de Artes Domésticas</i>	110
FOTOGRAFIA 9 - <i>Comemorações do Dia Mundial da Criança (1/6/99)</i>	120
FOTOGRAFIA 10 - <i>"Clube de avós" - Festa de Natal 22/12/99</i>	123

ÍNDICE DOS MAPAS

	f.
MAPA 1 - <i>O concelho de Loulé no contexto da região (Distrito de Faro)</i>	55
MAPA 2 - <i>A freguesia de Quarteira no concelho de Loulé</i>	56
MAPA 3 - <i>A Comunidade da Colmeia integrada na freguesia de Quarteira</i>	72

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objecto de estudo os modos de vida e as práticas culturais de uma comunidade sujeita a uma acção de realojamento.

A Comunidade da Colmeia, pseudónimo utilizado, foi realojada em 1997 num total de 57 famílias que incluem 239 indivíduos. A população da Colmeia residia num bairro de barracas constituído com materiais frágeis, não possuindo infra-estruturas sanitárias mínimas, nem equipamentos sociais. É em consequência do agravamento em torno das situações de habitação precária e de fenómenos de marginalidade que se deu o reconhecimento por parte das entidades responsáveis da urgência de uma resolução que passou pelo realojamento destas famílias.

Assim, a aquisição de habitação no Bairro da Colmeia, surgiu de diferentes necessidades e aspirações, de trajectórias sociais distintas (profissional, habitacional e grupo de origem), associando-se à concretização de diferentes práticas culturais.

A motivação que presidiu à escolha deste tema: “Estudo de uma comunidade sujeita a uma acção de realojamento”, deveu-se ao facto de me enquadrar profissionalmente na Divisão de Acção Social da Câmara Municipal de Loulé durante todo o processo de realojamento, a experiência profissional vivenciada junto desta população suscitou-me algumas reflexões sobre a possibilidade da existência de alterações provocadas pela transição ao nível das diferentes práticas culturais e modos de vida, articulando a experiência relacional do Bairro anterior e do Bairro de realojamento.

Os modos de vida enquanto forma de apropriação, organização e transformação do espaço onde cada indivíduo se movimenta revelou-se também como factor de reflexão e interesse para a elaboração do presente estudo.

A abordagem dos modos de vida constitui um contributo considerável na análise da vida quotidiana.

O espaço surge como um elemento material em torno do qual se organizam combinações de interações e de percepções. Neste sentido os diversos elementos constitutivos da vida quotidiana impõem-se através da organização e uso de determinado espaço.

A presente investigação divide-se em três partes: a primeira refere-se ao enquadramento teórico conceptual, a segunda remete para a metodologia utilizada e a terceira corresponde à apresentação e análise de dados, seguido das notas de campo, considerações finais, bibliografia consultada e anexos.

A primeira parte é constituída por dois capítulos e decorre a partir da presente introdução:

- Capítulo I - A Habitação ... um direito constitucional, que aborda “as políticas de habitação em Portugal” como temática de suporte teórico fundamental.
- Capítulo II - São abordados conceitos fundamentais para a elaboração do tema.

A segunda parte contém um capítulo:

- Capítulo III - onde justifico a metodologia utilizada, o tipo de estudo, os instrumentos de observação e o método para análise de dados.

A terceira parte contém cinco capítulos, que se apresentam da seguinte forma:

- Capítulo IV - corresponde a uma caracterização geral da comunidade, iniciando com uma síntese histórica, seguindo do enquadramento demográfico e geográfico e de uma breve caracterização sócio-económica.
- Capítulo V - refere-se a uma caracterização geral do Bairro da Colmeia e aborda o tecido social da comunidade apresentando as famílias que a constituem sob a forma de Diagramas Familiares.
- Capítulo VI - analisa os factores de mobilidade das famílias da Colmeia que se relacionam com o percurso de vida pessoal, profissional, familiar e habitacional.

-
- Capítulo VII - caracteriza a estrutura familiar, e traça o perfil psicossocial de forma sumária dos residentes da Colmeia, também é feita uma abordagem à satisfação residencial e às relações de vizinhança e amizade.
 - Capítulo VIII - as notas de campo, constituem um registo de emoções de acontecimentos quotidianos da vida da comunidade.

Termino com as considerações finais, onde apresento algumas reflexões que resultaram da realização desta investigação.

I PARTE - ENQUADRAMENTO TEÓRICO CONCEPTUAL

CAPÍTULO 1 - A HABITAÇÃO ... UM DIREITO CONSTITUCIONAL

1 - AS POLÍTICAS DE HABITAÇÃO EM PORTUGAL

“À teoria é conferido o papel de comando do trabalho científico que se traduz em articular-lhe os diversos momentos: ela define o objecto de análise, confere à investigação, por referência a esse objecto, orientação e significado, constrói-lhe as potencialidades explicativas e define-lhes os limites” (Pinto 1975:62).

Neste sentido e na linha duma tradição sociológica, “(...) a definição de uma problemática de investigação implica que o investigador inscreva o seu trabalho científico no quadro de uma ou mais teorias, cientificamente legítimas - quadro teórico que serve de base de referência e de legitimação ao processo de investigação” (Pais 1993:11).

A matriz das referências teóricas constitui o elemento fulcral em qualquer processo de pesquisa, daí a necessidade de aprofundar o mais possível a problemática em questão.

Assim, num primeiro momento, irei abordar as políticas sociais de habitação em Portugal. De seguida, irei desenvolver o quadro teórico a fim de desenvolver a problemática.

No pós-guerra, as sociedades europeias ocidentais criaram um instrumento poderoso de promoção de bem-estar social, designado por Estado-Providência, traduzindo-se no compromisso por parte do Estado pela obtenção do pleno emprego e a responsabilidade pela produção de uma larga gama de serviços em sectores como a Educação, a Saúde, a Segurança Social e a Habitação.

Durante trinta anos as economias europeias cresceram a ritmos sem precedentes, em pleno emprego, atingindo níveis de bem-estar social dificilmente imagináveis no princípio do século. Portugal, condicionado pela ditadura e pela guerra colonial, com uma conjuntura adversa, manteve-se na rectaguarda do desenvolvimento constituindo um ténue reflexo dessa

gloriosa expansão, com um atraso considerável e ondas de repercussão tardia. A partir da crise do sistema monetário internacional e do choque petrolífero do início dos anos 70, tudo mudou. O desemprego ressurgiu atingindo níveis cada vez mais preocupantes. A exclusão social e a pobreza tornaram-se visíveis e alarmantes e ainda mais intoleráveis por contrastarem com os níveis de bem-estar atingidos pela classe média.

No contexto europeu, Portugal não ficou imune a estes problemas, ressentindo-se do atraso na implementação das políticas sociais, que se fez sentir com particular intensidade quando alguns problemas sociais atingem uma fase aguda devido ao modelo de desenvolvimento adoptado.

Segundo Marielle Gros, “à semelhança do que já havia sido verificado noutros contextos europeus nas últimas décadas do século XIX, em Portugal passa a existir com regularidade uma chamada de alerta por parte dos Higienistas que denunciam os efeitos perigosos de um crescimento urbano sem controlo organizado. A insalubridade das cidades e das habitações é, pouco a pouco, constituída em problema sócio-político merecedor de medidas tendentes a salvaguardar a saúde pública” (Gros 1994:81).

A precarização da habitação enquanto problema social passou a ocupar um lugar importante registando-se uma relativa valorização deste sector nas Políticas Públicas totais. Deste modo, as Políticas de Habitação Social foram iniciadas com o primeiro programa que procurou implementar a participação directa do Estado na construção de “bairros sociais” e que data de 1918/19. Este programa visava a construção de um número considerável de habitações e rendas competitivas, sendo a gestão deste organizada pelo Ministério do Trabalho. Este programa acabou, no entanto, por se saldar num completo fracasso devendo-se principalmente à falta de disponibilidade financeira do Estado.

No ano de 1993, o “Estado Novo” define a sua política em matéria de habitação. É o Estado que numa primeira fase e em eventual colaboração com os Municípios vai promover a construção das casas económicas através do Ministério das Obras Públicas (realização) Secretaria das Corporações e da Previdência Social (atribuição e gestão). Numa segunda fase, o Estado poderia limitar-se a tratar dos terrenos e da construção.

Contudo, a passagem das declarações programáticas às realizações concretas não se revelou directa, encontrando dificuldades que limitaram o seu alcance.

Após a Segunda Guerra, Salazar lançou programas de habitação social: as casas económicas, as casas de renda económica, as casas para pescadores, as casas para funcionários públicos, etc., todavia nenhuma delas contemplou as famílias das barracas. Os que vieram a beneficiar desses programas foram os funcionários, os polícias e até ministros.

Em 1943, o Governo autorizou o serviço de construção de Casas Económicas, casas estas financiadas e geridas pelas instituições de Segurança Social, as organizações corporativas e as empresas concessionárias de serviços públicos.

Depois de 1958, as instituições de Segurança Social vieram a ser a principal e talvez a única fonte de financiamento do programa. As outras fontes - o Tesouro Público, as autoridades locais e o Banco do Estado - passaram a ter muito pouca importância.

De acordo com Marielle Gros "o Estado manteve, no entanto, um estreito controlo sobre a construção, atribuição e gestão das casas económicas pois, constituiu a referência central de toda a intervenção do Estado em matéria de alojamento, o programa das casas económicas pode ser considerado como o principal programa do Estado Novo" (Gros 1994:83).

A partir da década de 60, o agravamento pela falta de investimento em habitação social é bem patente no crescimento das habitações clandestinas, no desenvolvimento dos bairros de lata, no número de situações de sublocação de habitações existentes, etc., frequentemente antigas e com deficientes condições de habitabilidade.

Com a institucionalização da liberdade de expressão decorrente das mudanças políticas desencadeadas pelo 25 de Abril de 74, eclodem movimentos populares de reivindicação em torno da distribuição e ainda mais pontualmente da gestão do consumo social urbano: alojamento e equipamentos sociais. A sua amplitude está em consonância com a extensão das carências. Mas se, pelo menos num primeiro momento, parece existir um consenso em torno de uma mais intervenção do Estado na resolução dos problemas urbanos coexistem de facto três estratégias distintas e concorrentes

entre si: a primeira procura “uma mudança radical e visa fazer intervenção do Estado o factor fundamental da evolução da situação habitacional” sendo adoptada entre 1974/75; a segunda tendência corresponde à perspectiva de intervenção do Estado para corrigir as piores consequências do actual sistema de produção e distribuição, assumindo maior expressão a partir de 1976; a preocupação principal da terceira abordagem é o nível de actividade do sector da construção civil, o aumento da procura de habitação nova de modo a assegurar um alto nível de emprego é, para ela, um objectivo prioritário.

O período 1974-77, segundo Nunes da Silva, “foi marcado por um forte predomínio das preocupações sobre um progressivo envolvimento do sector público no desenvolvimento urbano, tanto directa como indirectamente” (Silva 1989:74). Foram utilizadas diferentes vias na prossecução deste objectivo: “o programa SAAL - Serviço Ambulatório de Apoio Local (programas cooperativos combinados com sistema de renda resolúvel, apoiados financeira e tecnicamente pela administração central); o início do sector cooperativo forte; o programa dos contratos de desenvolvimento de habitação (contratos de habitação social acordados entre firmas privadas de construção civil e a administração central); programas de critério às autarquias locais. No entanto, os resultados destas políticas só começaram a ser visíveis dois ou três anos após o seu lançamento, quando os primeiros programas a serem iniciados se aproximaram da sua conclusão” (Silva 1989:74).

O período entre 1978 e 1980, caracterizou-se por “cortes drásticos nos investimentos do sector público, como parte de uma política económica e financeira de austeridade, visando a estabilização económica e o controle da inflação. Os cortes nas despesas públicas traduziram-se em orçamentos restringidos. Foram também impostos “tectos” de crédito às instituições de crédito” (Silva 1989: 74). Tanto as promoções públicas como cooperativas de habitação foram reduzidas sem qualquer aumento compensatório do sector privado. O congelamento a nível nacional das redes habitacionais ocorrido em 1974 tinha praticamente eliminado o mercado de arrendamento. O principal incentivo introduzido neste período consistiu na criação de programas especiais de crédito à aquisição de casa própria a juro bonificado, em função do agregado familiar e dos custos global e unitário do fogo.

Em 1980, “os poderes públicos lançaram novos programas de desenvolvimento, reintroduzindo esquemas especiais de apoio ao sistema cooperativo e subindo simultaneamente os “tectos” de crédito e impostos aos empréstimos a conceder para aquisição de casa própria” (Silva 1989: 76).

O período entre 1981 e 1983, “foi marcado pela expansão do sector privado, embora muito condicionado pela crise económica, em especial depois de 1982. O Governo alterou radicalmente a orientação geral da sua política: o FFH – Fundo de Fomento da Habitação (organismo do Estado para a promoção de habitação social) – foi extinto e a promoção de habitação social passou a ser tarefa das autarquias locais e das cooperativas de habitação” (Silva 1989: 76).

Entre 1983 e 1985, a crise económica atingiu a sua maior intensidade. As políticas definidas para o sector da habitação “limitaram-se ao muito curto prazo, e sofreram importantes restrições devido à austeridade económica, que novamente impôs a redução do crédito e das despesas públicas. As principais características das orientações seguidas neste período foram: apoio a programas habitacionais, municipais e cooperativos; linhas de crédito especiais para reabilitação de habitações em mau estado de conservação; linhas de crédito especiais para a produção de solo urbano pelos municípios; uma nova lei das rendas (permitindo a sua actualização controlada, e introduzindo subsídios de renda para os estratos populacionais mais desfavorecidos), que, todavia, só entraria em vigor em Julho de 1986; o relançamento do programa de crédito à aquisição de casa própria” (Silva 1989: 77).

Em 1987 surgiu um dos programas mais importantes de realojamento: o PIMP – Programa de Intervenção a Médio Prazo. Através do D.L. 226/87, de 6 de Junho, em que foi dada a possibilidade às Câmaras de fazerem acordos de cooperação com o poder central para realizar operações de realojamento. O IGAPHE – Instituto de Gestão do Património Habitacional do Estado – subsidiava a fundo perdido 50% dos custos das operações e o INH – Instituto Nacional de Habitação – financiava a juro bonificado os outros 50%. Este programa foi implementado a nível nacional.

Apesar de, entre 1982 e 1989, ter havido um aumento de fogos construídos na ordem dos 46%, verificou-se que, parte das despesas em

capital tem vindo a diminuir. A participação da Administração Central e Local na percentagem de construção de fogos baixou substancialmente, bem como a participação das empresas públicas, constituindo esta situação uma das principais insuficiências do Estado-Providência em Portugal. Acrescenta-se, no entanto, que, no período 1982 e 1989, houve uma taxa de aumento da construção de fogos devido, sobretudo, à actividade privada. Uma das características do Estado-Providência em Portugal é uma menor importância relativa ao papel do Estado enquanto produtor nas políticas sociais, deixando maior campo de acção aos sectores privados no fornecimento de bens e serviços na área das necessidades básicas das populações.

Em 1993, surgiu o PER - Programa Especial de Realojamento - que, ao contrário do programa anterior, foi implementado apenas nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, sendo áreas com maiores problemas habitacionais, devido aos fluxos migratórios que se fizeram sentir desde a década de 50.

Apesar das novas linhas orientadoras para uma política de habitação para os anos 90, presentes no PER, em geral a atribuição de um apartamento num prédio a famílias residentes nas áreas degradadas da cidade tem vindo a ser considerada como a solução fundamental e suficiente para assegurar a transformação dos modos de vida e satisfação residencial destas populações e para "limpar" da sociedade portuguesa as manchas de "sujidade" e incómodo social que é a existência de barracas e de condições deficitárias de habitabilidade.

Em 1996 foi criado o PER-FAMÍLIAS, que pode ser considerado um sub-programa do PER. Esta modalidade de PER cria condições para que as famílias mais equilibradas do ponto de vista económico tomem a iniciativa de procurar a sua própria habitação assumindo os encargos que ela representa (Secretaria do Estado de Habitação e Comunicação, 1997). O PER-FAMÍLIAS permitiu às pessoas adquirirem a sua própria casa ou reabilitar uma casa de sua propriedade em qualquer parte do país.

Ao longo de todos estes anos é objectivo do governo consolidar as estruturas que assegurem a melhoria de qualidade de vida dos portugueses. O sector habitação constitui um dos mais importantes vectores de uma política de qualidade de vida por parte do estado. Assim, segundo

Mozzicafredo, “as Políticas Sociais (...) são enquanto instrumentos dos Direitos Sociais obtidos ou atribuídos aos indivíduos, que se traduzem em forma ou medidas de política de regulamentação do Estado e da situação social dos indivíduos no mercado, na sua melhoria de condições de trabalho e de vida, a situações de grupos e classes sociais” (Mozzicafredo 1992: 86).

Segundo este autor, o Estado é “um sistema estruturador das relações entre a sociedade civil e a autonomia política mas sobretudo que estrutura as relações de poder fundamentais dentro da sociedade política” (Mozzicafredo 1992: 3).

As políticas desenvolvidas pelo Estado são Políticas Sociais. O objectivo das Políticas Sociais para Marielle Gros, “será muito menos efectuar uma redistribuição do rendimento em favor dos mais necessitados do que fornecer serviços compatíveis com o justo lugar ocupado na sociedade pelos indivíduos definidos pela sua presença que uma unidade orgânica” (Gros 1994: 86). “A Política Social de Habitação deve ser vista, como objectivo fundamental, a fruição do serviço de habitação, o qual pode ser alcançado da seguinte forma: Facilitar o acesso à propriedade (...), proporcionar o acesso a uma habitação arrendada às famílias cujos rendimentos são insuficientes para a obterem, tomando o Estado a seu cargo a diferença entre a renda técnica e a taxa de esforço que o locatário pode suportar com a renda social e proporcionar as condições mínimas de habitabilidade aos fogos destes carenciados” (Portaria nº 580/83 de 17 de Maio).

“O conceito de Política de Habitação compreende o conjunto de medidas adoptadas e postas em prática pelo Estado no sentido de alcançar ou garantir o equilíbrio global entre a procura da habitação no mercado” (Fonseca 1994: 21).

“São consideradas habitações sociais as habitações de custos controlados providos pelas Câmaras Municipais, Cooperativas de Habitação Económica, pelas Instituições Particulares de Solidariedade Social e pela iniciativa privada com o apoio financeiro do Estado destinadas à venda ou ao arrendamento” (...) só podem ter acesso às habitações sociais os agregados familiares cujos rendimentos ilíquidos mensais não excedam os limites máximos definidos em função do salário mínimo nacional (Portaria nº 580/83 de 17 de Maio).

Estas medidas de política visam como já foi referido o realojamento. Segundo Isabel Guerra o realojamento é, “uma tentativa de redistribuição social visando a igualdade de oportunidades e a criação da condição de uma maior justiça social” (Guerra 1997: 12).

Para Maria João Freitas, o realojamento tem estado quase sempre associado à necessidade de atribuir alojamento a famílias vítimas de catástrofes que dele carecem com urgência ou seja, (...) muitas vezes realojar é dar casa” (Freitas 1994: 26). Não só para assegurar a transformação dos modos de vida e satisfação residencial dessas populações, como também, para banir da sociedade portuguesa o cancro social que é a existência de barracas e de condições deficitárias de habitabilidade.

O alojamento é uma necessidade básica no desenvolvimento das populações sendo hoje, universalmente aceite e reconhecido o Direito à habitação, com padrões mínimos a adoptar para que o homem aí possa encontrar a protecção indispensável contra os elementos adversos da natureza, assim com condições de higiene e conforto mínimas num enquadramento social tanto quanto possível perfeito. Os processos de realojamento não são meros programas de construção, têm a capacidade de todos os programas que alteram modos de vida, forma de estar e de habitar.

Um alojamento deficiente cria na população condições desfavoráveis, sob o ponto de vista da saúde física e mental a acrescentar às dificuldades materiais. Segundo Henrique Sá “Os problemas de habitações estão minimamente ligados aos problemas de saúde e de enquadramento social, havendo assim uma relação muito estreita entre doença, delinquência e bairros miseráveis” (Sá 1988: 21).

Para Maria João Freitas, “Constroem-se casas para pessoas abstractas ou muitas vezes casas para pessoas que técnica ou politicamente se postula que têm (ou deveriam ter) determinadas características” (Freitas 1994: 28).

Esta autora faz referência a Michelson que, já em 1977, afirmava que: “Por exemplo, as autoridades em habitação social encaram as pessoas em termos da sua capacidade económica. É assumido que a habitação social foi criada para famílias que não podem competir no mercado privado da habitação e requerem casas novas, seguras e decentes, feitas expressamente para elas (...) os técnicos que concebem estas habitações não contemplam que

estes clientes têm famílias em diferentes estados no ciclo de vida, diferentes idades, problemas sociais e interesses específicos (...) Então, não surpreende que muitas famílias encarem como indesejáveis as habitações sociais que lhe são atribuídas, uma vez que estas foram construídas somente para o seu status económico, e não para as suas actividades quotidianas, e que essas habitações tendem a reflectir mais do que uma dimensão da sua existência” (Freitas 1994: 25).

Para a autora, esta questão sugere a necessidade de uma análise dos processos de decisão sobre os espaços residenciais, através do estudo das políticas de habitação e das próprias relações que são estabelecidas entre técnicos e políticos com o seu produto final (espaços residenciais) e com os consumidores/utilizadores desse mesmo produto (população).

“Esta tarefa de reflexão e definição de conteúdos programáticos da intervenção; de conhecimento em profundidade das especificidades do tecido social que se vai querer desmanchar e costurar de novo; da preparação do aparelho político, técnico e burocrático para as intervenções propostas; de discussão, ponderação e preparação de soluções inovadoras e adequadas às realidades de intervenção, impõem-se como uma necessidade urgente. Se esta tarefa for uma vez mais esquecida e relegada para planos mais secundários os agentes responsáveis por estas intervenções correm o risco de comprometer definitivamente a resolução, ou o desagravo dos problemas habitacionais existentes e de potenciar problemas sócio-urbanísticos ainda mais graves do que aqueles a que agora se quer fazer face” (Freitas 1994: 26).

Na mesma linha de pensamento encontra-se Paulo Machado que nos diz: “Não menos importante numa óptica de reflexão sobre a política social na cidade parece ser o facto desses novos espaços habitacionais resultarem de processos de salubridade Material e Moral, que decorrem da ideia de que para melhorar as condições de vida das populações e promover o seu bem-estar é imperativo arrasar o velho e o degradado, substituindo-o pelo novo, por aquilo que respeita as exigências técnicas da qualidade da construção. A reactividade do grupo social é tomada como elemento perverso, a violência contra o edificado como uma manifestação de mau feito.

Deste modo o tecido urbano é descomplexificado, quer dizer, simplifica-se a umas quantas medidas de qualidade, habitacional, sem

atender ao imbricado social existente, à matéria humana de que é composto. Em bairros de ocupação espontânea – a re(criação) e apropriação do espaço, torna-se fácil.

(...) pelo contrário, a ocupação de bairros arquitectados – por exemplo nos de habitação social tornam essa expressão local, dita de contra aculturação, bastante mais difícil e criam, frequentemente, problemas de gestão do novo património, dada a persistente incapacidade de adaptação por parte dos moradores a espaços que não são (porque não fazem) a cidade. A monofuncionalidade das novas urbanizações evidenciam o absurdo das soluções criadas à luz de modelos despidos do elemento humano. De facto, os resultados dos nossos estudos sobre satisfação residencial destas populações numa fase de pré-realojamento, a exigência de novos espaços habitacionais com ressonância rural está ausente (...) É sabido que o realojamento conduz, em muitos casos, a situações de insolvência provocada pelo aumento das despesas (globais) com a habitação, sem o correspondente aumento do rendimento” (Machado 1995: 148,149).

Teresa Pinto afirma que o realojamento introduz “efeitos perversos” tais como, “perda de sociabilidades locais e de factores identitários fundamentais com incidências importantes no modo de apropriação do espaço residencial e das suas formas de vida social; Maior isolamento social e espacial, pela tendência a um centramento das actividades e temporalidade da vida quotidiana em torno da casa e pela diminuição dos espaços apropriáveis exteriores ao bairro; aumento da conflitualidade interna e disfuncionalidades da dinâmica social traduzíveis em sentimentos generalizados de insegurança e na interiorização de uma imagem negativa e estigmatizante” (Pinto 1994: 33).

Maria João Freitas também refere que “o que é possível observar é que a dimensão funcional da extensão do espaço doméstico deixa de ter tanto sentido em situações de realojamento destas famílias no pressuposto de que as novas condições habitacionais suprimem as carências que a implicam (...) O princípio da privacidade domina: não se abre a porta sem se perguntar quem é (...) as portas dos espaços mais privados encontram-se generalizadamente fechadas, e o desejo de criação da maior privacidade na

sala relativamente à porta de entrada está patente em muitos enunciados de intenção da transformação do alojamento” (Freitas 1990: 29).

As casas são construídas segundo normas ditadas pelas recomendações técnicas para a habitação social, e muitas vezes os mal alojados partilham condições habitacionais e de vida bastante abaixo dos padrões médios de qualidade de vida e bem estar. “O uso das habitações deverá satisfazer as necessidades de convívio indispensáveis à vida familiar, e, noutras ocasiões deverá permitir o isolamento por motivo de repouso ou sono.” (Sá 1988: 23).

Assim, uma habitação que contribua para o desenvolvimento e integração social da população deve ter em conta alguns padrões na sua construção. A superfície do alojamento deve ser a necessária para corresponder correctamente às várias actividades humanas: o sono, a preparação das refeições, a higiene pessoal, locais para estudo, descanso, trabalho, arrumação, relações extra familiares, etc.. A superfície total deve ser compartimentada de forma adequada, em locais perfeitamente adaptados às funções a que se destinam.

A orientação de uma casa desempenha um papel relevante no seu conforto interior em especial no que se refere à insolação e também quanto à sua protecção contra os ventos desfavoráveis. A ventilação natural por outro lado é um excelente meio de defesa contra a humidade, permitindo a evacuação dos fumos e dos cheiros. Um outro factor muito importante a ter em conta na construção de uma habitação é a iluminação natural e a qualidade de luz.

Fixar o lugar onde se vai construir uma habitação é uma decisão fundamental a tomar, na medida em que essa escolha irá condicionar todo o comportamento futuro do agregado populacional. Como as características respeitantes ao clima e facilidade de transporte, a natureza dos solos nos seus aspectos físicos, químicos e biológicos, apresentam um papel muito importante para se evitarem despesas desnecessárias no estabelecimento de infra-estruturas.

Outro elemento a ter em conta são a proximidade de água potável e a possibilidade de uma rede de drenagem e de esgotos convenientes.

Dá-se geralmente pouca atenção ao processo de adaptação dessas populações ao meio urbano, ninguém põe em dúvida, que seja difícil, na

medida em que os homens sofreram uma mudança radical de estruturas e ficam sujeitos a uma formidável aceleração, em contacto com os aspectos materiais de uma civilização de nível tecnológico muito mais elevado. Com eles vieram também acrescer à sua personalidade hábitos enraizados, usos, costumes, convicções religiosas e uma concepção muito particular do mundo em que vivem.

Não basta então, que se projecte o alojamento para um uso social correcto, que a sua construção obedeça rigorosamente aos hábitos de vida comuns e que se obedeça à dimensão do tipo de família, é necessário saber criar um ambiente convidativo, atraente no qual as populações possam organizar o seu *habitat*.

Também para outros autores “É fundamental para a satisfação residencial, a organização do fogo, considerando aspectos básicos e essenciais de conforto ambiental, bem conhecidos, aspectos também básicos e igualmente conhecidos de ordem funcional e no campo do equilíbrio entre a privacidade e sociabilização e aspectos pouco conhecidos, mas também importantes de caracterização inferiorizada e de intenções evocativas do espaço doméstico, são todos factores que qualificam unitariamente um fogo dotando-os por vezes com um carácter “único” que incentiva a apropriação e adesão dos seus habitantes” (Coelho e Pedro 1998: 282).

“A nossa casa, o nosso fogo, da porta de entrada para dentro, é o nosso espaço de apropriação específica, constituído por diversas zonas mais privadas ou mais comuns ao agregado familiar, mais intimas e reservadas ou mais sociais e de recepção, mais pessoais e isoladas ou mais conviviais e de encontro. (...) O nosso fogo pode ser todo ele um espaço de privacidade e forte apropriação pessoal, quando se vive só ou num reduzido grupo familiar com grande comunhão de gostos, atitudes, exigências e hábitos domésticos, ou pode constituir um verdadeiro complexo de espaços e sub-espacos servindo um grupo familiar alargado, com grande diversidade de exigências e modos de vida diários individuais e com características gregárias muito específicas ou críticas” (Coelho e Pedro 1998: 278).

De acordo com o que já referi anteriormente “A Habitação é um bem heterogéneo, durável e essencial à sobrevivência quotidiana, constituindo um indicador indirecto das desigualdades sociais na cidade. É também um



elemento essencial à estruturação urbana é uma fonte de conflito e de negociação entre instituições e agentes envolvidos na sua produção, consumo e apropriação. (...) A questão da habitação é hoje um campo de estudo multidisciplinar e do confronto de diversas teorias” (Guerra 1997: 165).

Segundo a autora, existem diversas abordagens sobre a questão do alojamento estas estão relacionadas com a diversidade dos quadros conceptuais e das Escolas e correntes de pensamento.

Keith Basset e John Sohr (1980) apresentam cinco abordagens da questão do alojamento cujo recurso às diferentes teorias sociais orienta os centros de interesse:

1. Abordagem Ecológica - O que a caracteriza é a assumpção de uma relação natural entre o meio ambiente e o comportamento humano. A análise ecológica consistiu fundamentalmente na observação dos modos de localização e de diferenciação residencial (Modelo de Burgess 1925).
2. Abordagem Neo-Clássica - Pretendiam desenvolver uma teoria explicativa das estruturas espaciais e da localização residencial. A sua importância advém do facto de enfatizarem as preferências das famílias e da procura de habitação, introduzindo um factor de racionalidade económica e sociológica nas formas de produção e apropriação do espaço (Modelo de Alonso 1964).
3. Abordagens Weberianas - Introduzem a lógica da procura, a lógica da oferta. Contestam a capacidade de escolha dos sujeitos em função dos rendimentos já que agem no contexto de outros constrangimentos do mercado. (Abordagem de Pahl e Sanders 1975, 1981).
4. Abordagem Marxista - O alojamento é, simultaneamente, um factor de troca (mercadoria) e um factor de uso (essencial à reprodução da força de trabalho) valores contraditórios na lógica do actual modelo de produção. A crise do alojamento é, pois, uma crise estrutural que só será resolvida numa sociedade onde as necessidades básicas e os bens e serviços que as satisfazem estejam socializados.
5. Abordagens dos modos de vida - Surgem na sequência da teoria do Interaccionismo Simbólico e psicologia Ambiental - Interessa-se pelas formas e usos de apropriação do espaço (Abordagens de Lefévre e Chombart de Lauwe 1959).

Para Isabel Guerra, a análise das formas de apropriação do alojamento têm-se tornado uma das problemáticas centrais da Sociologia Urbana nas últimas décadas, esta abordagem não tem sido objectivo privilegiado de análise, a maioria dos contributos para este campo advém de outras disciplinas sociais nomeadamente a Antropologia e a Psicologia Comportamental, etc..

“A própria definição da noção de “Apropriação do espaço” é pouco clara, recobrando domínios variados, seja qual for a perspectiva em que é utilizada. Parece significar, não apenas um processo de uso funcional ou instrumental do alojamento mas recobrir um domínio diversificado de práticas: culturais, simbólicas, afectivas, etc..” (Guerra 1997: 171).

Existem dois grandes níveis de abordagens da análise de apropriação dos alojamentos:

a) Uma abordagem sobretudo de ordem sociológica, no quadro dos modos de vida e formas de apropriação do alojamento, que têm vindo a ser definida em torno de três eixos fundamentais: A função do espaço do alojamento na estruturação dos modos de vida; As formas de usos e apropriação do espaço de habitar; Os factores de satisfação residencial.

Isabel Guerra (1997) refere alguns autores que se enquadram nestes níveis de abordagem:

Lefébvre propõe o estudo da vida quotidiana numa oposição ao modo de produção. As diferentes concepções dos modos de vida opõem-se no lugar e importância que atribuem ao trabalho, às categorias sócio-profissionais, e às sociais.

Léger escreve que a tendência é para que o sucesso dos modos de vida venham da desgraça do modo de produção.

É Lefébvre quem primeiramente define a relação com os objectos familiares, as relações de vizinhança, e o habitar como uma relação de apropriação.

Para Bachelard habitar é visto como investir afectos, imaginários, reais, irreais, conscientes e inconscientes. A função de habitar é pensada essencialmente a partir de duas dimensões, a satisfação de uma necessidade e o resultado de um modelo cultural.

Para Michel Conan habitar é um comportamento pelo qual os homens dão sentido ao espaço onde vivem, sentindo que, simultaneamente, os protege, reforça a permanência da sua identidade e lhes permite fazer face às mudanças adaptando a sua personalidade sem entrar em ruptura com a sua unidade.

b) - A apropriação psico-sociológica com recurso às variáveis estruturantes da Psicologia Social. Na abordagem da Psicologia, parte-se do pressuposto de que a casa é um propósito de processos culturais e psicológicos fundamentais e pretende-se averiguar os significados da casa para os moradores, o papel do alojamento no relacionamento com a vizinhança.

Valorizam-se as dimensões da apropriação, enraizamento e identidade que advêm de formas de apropriação positiva da casa e considera-se que essa apropriação positiva é indispensável para o equilíbrio psicológico, familiar e social.

Apropriação, enraizamento e identidade são conceitos que referenciam a ideia de que as pessoas investem significados e afectos nos lugares com que se relacionam.

A casa é também um factor de identidade, já que é um sistema complexo que nos orienta as relações com os lugares, com o espaço e com a sociedade. Detém também, fortes laços cognitivos e afectivos, que permitem a integração do "eu" não apenas como um problema de representação da auto-imagem mas, sobretudo, num significado que atribuímos à casa de que nos apropriamos como um traço estruturador da identidade pessoal.

Assim, nesta temática torna-se indispensável reflectir sobre a noção de comunidade.

CAPÍTULO II - A COMUNIDADE

1 - COMUNIDADE

As definições encontradas sublinham geralmente, duas características: o aspecto geográfico e as interações sociais no seio de uma unidade geográfica. Para alguns autores, um grupo de pessoas que partilham os mesmos interesses, mas não necessariamente o mesmo bairro ou aldeia, constituem igualmente uma comunidade.

Murray Ross, separa na sua definição o âmbito territorial e os grupos de interesses. "Comunidade, no sentido em que é tomado, refere-se a dois agrupamentos de pessoas: a) toda a população de uma região específica, por exemplo, toda a população de uma província, de um Estado, de uma Nação ou do Mundo (...); embora a organização comunitária diga respeito habitualmente a pequenos territórios (exemplo; uma aldeia, uma vila, uma cidade, etc.). b) Grupos de pessoas que partilham uma função ou um interesse, como o bem-estar, a agricultura, a educação, a religião. Não é considerada toda a população local, mas somente os indivíduos que têm em comum um interesse ou uma função. A organização pode consistir - é muitas vezes o caso - em levar essas pessoas a desenvolver a consciência e o sentimento de pertença a uma comunidade e a trabalhar nos problemas comuns suscitados pela partilha de uma função ou de um interesse" (Ross 1967: 91).

Biddle, insiste na necessidade de ter uma noção mais fluída da comunidade bem como as pessoas envolvidas mudam frequentemente ao longo de um mesmo processo de desenvolvimento. "Para nós a comunidade é todo o sentido do bem comum ao qual os cidadãos podem ser ajudados a aceder. Neste sentido, a comunidade é uma realização, não está simplesmente ligada a uma residência geográfica. A percepção da comunidade não é estática; muda segundo o problema que retém a atenção dos cidadãos. É

preciso esperar que ela toque um número crescente de pessoas prontas a assumir responsabilidades cada vez mais” (Biddle 1965: 62).

“Por comunidade entendemos um grupo local integrado por pessoas que compartilham um território bem definido, as quais estão ligadas por laços de intimidade e convívio pessoal e participam de uma herança cultural comum” (Dias 1961: 39).

Nestas acepções evidencia-se com maior ou menor insistência que, para que haja comunidade não é suficiente a partilha de um espaço geográfico, mas sim a partilha com outros de certas preocupações, funções ou interesses, a consciência de pertencer a um colectivo, como diz Biddle (1965), a comunidade não é uma realidade estática.

Seguiu-se então todo um processo que se iniciou com a existência de três conceitos distintos e que ancorou num só conceito, Modos de Vida que é simultaneamente globalizador das questões da identidade e parte integrante e indissociável duma cultura.

Trata-se fundamentalmente da estreita relação entre Cultura, Modos de Vida e Identidade, já que cultura pode designar o modo de vida duma sociedade enquanto produto da actividade histórica, material e simbólica dos Homens. Actividade esta que coloca num mesmo palco, o histórico e o quotidiano, os recursos e os constrangimentos, as referências sociais e culturais, as representações, os projectos de vida e as estratégias, face às opções que o indivíduo tem que fazer. Estando desta forma aqui implícitas as suas trajectórias de vida, as suas situações sociais concretas e as suas orientações e interesses que são os eixos estruturadores da Identidade.

2 - CULTURA: SINÓNIMO DE CULTURAS

Abordar o conceito de cultura é acercarmo-nos das elaborações antropológicas e sociológicas sobre o mesmo, passando-se decididamente à camada macrossociológica da realidade social.

Actualmente, a noção de cultura reúne todo um conjunto de elementos como os papéis, os modelos, os valores, os símbolos e a acção, entre outros. No entanto, isto nem sempre aconteceu e o significado do termo cultura foi

assumindo ao longo do tempo diferentes acepções, alterando-lhe o sentido e o alcance.

Uma retrospectiva histórica conduz à identificação de posições divergentes, que permitem “(...) apreender a cultura como um todo, sob os vários enfoques: ideias (conhecimento e filosofia), crenças (religião e superstição), valores (ideologia e moral) normas (costumes e leis), atitudes (preconceitos e respeito ao próximo), padrões de conduta (monogamia, tabu), abstracção de comportamento (símbolos e compromissos), instituições (família e sistemas económicos), técnicas (artes e habilidades), e artefactos (machado de pedra, telefone)” (Lakatos 1991:130).

Cultura seria assim entendida como “sendo um conjunto ligado de maneiras de pensar, de sentir e de agir mais ou menos formalizadas que, sendo apreendidas e partilhadas por uma pluralidade de pessoas, de maneira simultaneamente objectiva e simbólica, para organizar essas pessoas numa colectividade particular e distinta” (Rocher 1982:198).

Cultura, dirige-se pois, a toda a actividade humana (afectiva, cognitiva e ao agir). Cultura é acção, ou seja, é antes de tudo vivida pelas pessoas no seu contexto espaço-temporal, podendo-se inferir a partir daqui a sua existência e traçar-lhe os contornos.

Esta perspectiva leva necessariamente a caminhar num outro sentido, o da pluralidade cultural:

Encarando cultura, como conceito globalizador das maneiras de pensar, sentir e agir, partilhadas por uma pluralidade de pessoas, estamos perante um conceito multidiscursivo, nele englobando-se diferentes culturas (ou subculturas) decorrentes das diferenças que se encontram, quer situando-nos ao nível micro ou macro.

Já vai longe o tempo em que a cultura era sinónimo de entre outros, livresco, erudito e elitista, resultando dum modelo dicotómico em que se opunha por um lado a cultura elitista e, por outro lado, a cultura de massas ou popular. Na sociedade actual, este modelo de carácter redutor, foi substituído por um outro que admite a existência duma pluralidade de culturas, no entanto, penetrada “pela cultura de massas”.

Edgar Morin (Lopes 1993) apelida as sociedades actuais de policulturais falando de “cultura escolar”, “religiosa”, “nacional”,

“supranacional” ou duma “cultura de quotidiano”. Alain Touraine refere ainda a existência duma “cultura de juventude”, “comunitária” e “homossexual” (Vilaça 1993).

A esta pluralidade cultural está subjacente uma multiplicidade de conceitos de cultura. Estão aqui implícitas não só “(...) diferenças ideológicas e discursivas (...) mas sobretudo a multiplicidade das classes de objectos, de processos ou fenómenos que podem ser considerados culturais” (Gusmão 1988:7).

Pode-se então afirmar que “cultura designa o modo de vida duma sociedade particular (...)” (Currie 1986: 315) enquanto produto da actividade histórica, material e simbólica dos Homens.

Convém referir a posição de Dilthey (Melo 1978), proveniente da distinção feita por Dilthey entre ciências naturais e ciências culturais ou de espírito, a distinção entre natureza e cultura tem sido um problema ao qual muitos autores prestaram a sua atenção.

Segundo Dilthey, as *ciências naturais* são as que provêm dos sentidos, surgem “de fora para dentro” do ser humano, visam a explicação da natureza física. As *ciências culturais* ou de espírito estruturam-se dentro do próprio homem, pretende-se a compreensão da realidade humana, psicológica. No seguimento desta distinção também Rickert (Melo 1978) define a natureza como algo factual, produzido sem actividade humana e a cultura como a incorporação de qualquer valor reconhecido pelo homem.

“O valor é, então, o que caracteriza o objecto cultural, o fenómeno cultural, pois sem tal essência o fenómeno ou objecto seriam meramente naturais” (Melo 1978: 18). Ainda nesta linha de raciocínio, Cassirer (Melo 1978) considera a cultura como um processo de libertação progressiva do homem, isto é, um processo no qual ele vai dominando a natureza.

A natureza é um aspecto intencional do espírito, analisa e interpreta a acção do ser humano sobre a natureza ou o mundo físico. Porém, cultura não é o mesmo que civilização já que nesta recai também a vertente técnica e económica.

“Fundamental no fenómeno da cultura, na cultura, é pois a intencionalidade do sujeito cultural, seja ele individual ou colectivo, a sua vivência, a qualidade e intensidade desta vivência. No que toca à

compreensão de cultura como desenvolvimento, processo, teleologia, há que acentuar, seja qual for a forma cultural realizada, seja qual for a tomada de consciência do sujeito cultural, a consecutiva afirmação do espírito como realidade que conquista seres e objectos, que cresce e se diversifica, que se autonomiza frente a outras formas de realidade: ou seja que as 'espiritualiza'" (Melo 1978: 21).

A acção de espiritualização da cultura, ou da intencionalidade do sujeito cultural, não pretende destruir a base física e material da realidade mas visa organizá-la consoante um determinado princípio ou uma determinada maneira de ser.

O conceito de cultura só faz sentido quando se apela àquele que a produz. Só existe cultura se existir um sujeito que a produza. Como dentro da espécie humana existem diferentes indivíduos, diferentes realidades e diferentes sociedades torna-se necessário adoptar o princípio de diferenciação entre culturas. Todas as culturas são igualmente válidas, todas são espiritualizações da natureza, todas provêm da intencionalidade do sujeito, em suma, todas têm igual valor. À máxima que apela à *cultura em si* devemos substituir a da *cultura para si*, para aquele que a faz.

Não se trata de dizer que uma cultura tem maior nível do que outra mas apenas de afirmar a sua direcção libertadora, isto é, a afirmação do espírito no sentido da sua autonomia, da sua libertação dos condicionalismos externos.

Desde sempre, o homem, oriundo da natureza e da ordem natural, não se fixou nela. À esfera natural quis adicionar uma cultural onde de dominado passou a dominador. A evolução humana mostra-nos que quanto mais o homem progride mais cultura existe e quanto mais cultura existe mais o homem progride. A sociedade, como organização humana, é o elemento onde a cultura mais se faz sentir, por diversos motivos: primeiro, porque a sociedade é um veículo de tradições e historiais culturais; segundo, porque é nela que se opera a divisão de trabalho e, muitas vezes, é pelo trabalho que se dá a apropriação da natureza e/ou a construção de culturas; em terceiro lugar, porque é em sociedade que o ser humano encontra interlocutores, cria comunicações, transmite experiências e vivências, capta, interioriza e elabora novas culturas.

“A sociedade não é, tal como o homem individual, um fim em si mesma, mas um veículo onde a cultura se comunica e por onde se repercute” (Melo 1978: 93). A sociedade humana possui essa mais-valia para enriquecer – a cultura e a diferenciação de culturas – é motivo para o seu progresso e para a sua maturidade. Neste sentido, ela é contrária à sociedade animal, que estagna imediatamente mal aparece o seu inimigo.

3 - MODOS DE VIDA: A DIALÉCTICA ENTRE O MATERIAL E O SIMBÓLICO

Partindo do todo a que se chama vida, o conceito de modos de vida, possui, naturalmente, um carácter empírico e convencional. E tal como o conceito de cultura surge, numa primeira instância, como algo ambíguo, complexo e multidiscursivo.

No quadro das macroteorias que compõem o corpo teórico da sociologia, podemos situar o conceito *Modos de Vida* em duas grandes correntes: a marxista e a interaccional-sistémica.

Assente nos princípios subjacentes às “esferas de produção e de consumo”, o entendimento de modos de vida, numa perspectiva marxista, é feito primordialmente a partir da categoria sócio-profissional, do rendimento e do lugar que os indivíduos ocupam na estrutura económica (Rodrigues 1992: 100).

No entanto, esta posição não é totalmente aceite por outros autores, nomeadamente por Luís Capucha (1994) que, ao citar Currie, avança com a ideia de que modos de vida são o elemento mediador que articula os recursos e os constrangimentos. Tal resulta do facto da noção de modos de vida passar a ser encarada numa perspectiva global e integrada, resultante duma dialéctica entre os aspectos materiais e os aspectos sócio-culturais, favorecendo as “relações estabelecidas entre os actores sociais e, sobretudo, a forma como concebem as situações sociais futuras e a forma como contribuem para as produzir” (Costa 1995:113).

É partindo deste pressuposto que Firmino da Costa, operacionaliza o conceito, tendo por base quatro dimensões: a social (dimensão das pertenças, classes e redes sociais); a cultural (dimensão dos símbolos e orientações); a espacial (dimensão da localização dos contextos de interacção) e a dimensão temporal que compreende os trajectos passados ou virtuais que fazem com

que pessoas com posições sociais idênticas divirjam quanto aos seus valores e grupos de referência; aos seus estilos de vida e comportamentos; ao tipo de recursos a que podem ter acesso; às regras construídas nos seus contextos de interação e por fim, às suas estratégias e projectos de vida.

De acordo com Luis Capucha (1990), existem quatro tipos de modos de vida. O primeiro poderá ser designado por *restrição* e encontra-se, essencialmente, entre as famílias de operários mais desqualificados, sem emprego regular e de baixa escolaridade. Em termos de bens de consumo, este limita-se aos bens indispensáveis para sobreviver. As suas condições de vida podem ser classificadas de miseráveis, caracterizadas por diversas carências (culturais, económicas e sociais). A sua estratégia de vida é a da sobrevivência diária, o presente é pobre e o futuro sem perspectivas.

O segundo modo de vida identificado, é designado por *poupança*. As profissões do grupo que se insere neste grupo são desqualificadas, predominando os operários da construção civil ou de limpeza, todavia apresentam uma regularidade de rendimentos superior à do tipo anterior. Os produtos que consomem são os mais baratos, à excepção dos momentos de reunião familiar e outras festividades, nas quais apresentam um consumo ostentatório. A sua estratégia de vida baseia-se no acumular de poupanças. O seu tempo é vivido em função do futuro, no qual investem em detrimento do bem-estar actual. Mantém uma forte identidade cultural, preservando os valores próprios da sua origem.

Um outro tipo de modo de vida identificado por Luis Capucha (1990) é o *prazer imediato*. Este é característico das famílias de rendimento incerto e não muito abundante, ou as que obtêm os seus rendimentos através de actividades marginais. O seu consumo está associado à ostentação – cada vez que há dinheiro – à comida e bebida excessiva e por objectos da tecnologia de ponta. Toda a sua vida é estruturada em função do prazer que possam obter no presente, independentemente dos cálculos futuros. A estratégia de vida assenta no prazer convival, no expediente e na dependência da assistência, para o que desenvolvem diversas estratégias de manipulação da própria imagem.

Finalmente, o autor apresenta o *investimento na mobilidade* que é característico das famílias de empregados e operários de maior escolaridade,

qualificação profissional e rendimento fixo. Privilegiam os bens destinados ao conforto e os destinados à escolarização dos filhos. A sua estratégia de vida assenta na acumulação de capital escolar e social, na qual o presente, não sendo esquecido, é vivido em função do futuro.

Com efeito, tendo em conta os distintos usos do conceito, Jacques Currie apresenta três conceptualizações que, apesar de revelarem algumas diferenças, não esgotam de forma alguma a noção de modos de vida.

Assim, numa primeira acepção do conceito modos de vida designam “as práticas quotidianas, nas suas dimensões subjectivas e objectivas dum grupo humano” (Currie 1986:315), ou seja, é como se “os modos de vida aparecessem como aspectos observáveis das expressões cognitivas (representações, imagens, categorias utilizadas, ...), normativas (valores, esperanças, ...) e práticas, dos diversos meios sociais que eles próprios exprimem pela sua diferenciação, a especificidade duma formação social”.

Numa segunda acepção, a necessidade de “agarrar” as diferenciações sociais no tempo e no espaço, leva a ter em consideração no estudo dos Modos de Vida, “diferentes campos e as relações que entre eles se estabelecem (campos esses que podem ser) (...) de trabalho ou de lazer, de cultura ou de consumo, de sociabilidade ou de política, de economia ou social” (Currie 1986:315).

Reconhecendo Modos de Vida como um conceito totalizante dos diferentes aspectos da vida e tendo presente o conceito de cultura anteriormente definido, pode-se então constatar a estreita relação existente entre ambos.

Ainda nesta acepção do conceito, Isabel Guerra resume Modos de Vida a dois grandes aspectos fundamentais:

- “a análise das relações entre as diferentes práticas quotidianas (de trabalho, de vida familiar, de consumo, de lazer, etc)”;
- “(...) a análise das relações que o conjunto destas práticas quotidianas estabelecem com as relações sociais mais gerais”. (Guerra 1993 a): 65)

É nesta relação social mais generalizante que podemos dizer, numa terceira acepção do conceito, que Modos de Vida tende a encerrar em si, numa forma harmoniosa, “os processos de organização das respostas dos actores sociais (indivíduos ou grupos) às suas condições de vida; é a maneira que o actor tem de produzir a sua vida, a partir daquilo que a sua vida faz dele (Currie 1986: 316).

Na concepção de Pierre Bourdieu (1994), estamos perante o *habitus*, que resulta da articulação da dimensão individual com a dimensão social. É um produto de condicionamentos que tendem a reproduzir a lógica objectiva dos condicionamentos mas dando espaço às transformações. É um sistema de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, princípios geradores de práticas e representações.

Mais do que uma estrutura (como na segunda acepção do conceito) Modos de Vida aparece assim, como uma estruturação, como sendo o lugar onde se articulam não só o histórico e o quotidiano, os recursos e os constrangimentos mas também as avaliações, as representações, as referências sociais e culturais, os projectos de vida e as estratégias (não necessariamente conscientes) elaboradas para ultrapassar as contradições vividas e ideologicamente significativas.

Esta abordagem interaccional-sistémica é igualmente assumida por Luís Capucha e Firmino da Costa, referindo-se este último a Modos de Vida como uma “mediação entre estrutura e acção, servindo para traduzir as configurações estandardizadas de estratégias, de práticas e de representações que articulam umas com as outras, de forma durável” (Costa 1995: 112, 113). É precisamente, nesta articulação entre a rede das práticas sociais e a rede das respostas, que segundo Currie (1986), se inscreve o universo simbólico do indivíduo.

Estamos novamente aqui em presença do conceito de cultura que se impõe, na forma como o indivíduo encara globalmente a vida social, enquanto produto, da actividade histórica, material e subjectiva. É precisamente com o seu capital cultural e com as estratégias definidas que o indivíduo, pode produzir sociedade, não só no sentido da reprodução, mas também e aqui já numa óptica claramente marxista, no sentido da produção

de novo, no seu limite, duma nova sociedade, entendida numa estreita relação dialéctica com Modos de Vida.

4 - IDENTIDADE: UM RECURSO PARA A MUDANÇA

A transformação dum modelo de vida, “resulta de processos de comparação, de insatisfações ou mesmo insucessos que desencadeiam a dúvida e do deslocamento simbólico dum modo de vida sobre um outro, em particular por processos de identificação” (Currie 1986: 335).

Os indivíduos e as famílias esforçam-se por construir uma nova identidade que salvguarde, no entanto, uma parte dos valores e experiências do seu passado que eles não querem nem podem perder. Este esforço surge no âmbito da reorganização dos seus sistemas de actividades, de escolhas que o indivíduo é obrigado a fazer em função dos seus recursos e face às constantes solicitações decorrentes das múltiplas dificuldades com que se depara no seu dia-a-dia.

Segundo José Azevedo (1992) podemos encontrar dois tipos de abordagem no estudo deste processo de construção da identidade: a tradicional, em que o meio social se situa no interior do indivíduo e a ego-ecológica que tenta compreender as representações não a partir do meio exterior mas sim do meio interior. Destaca-se nesta última, o imaginário que o sujeito constrói sobre si próprio (identidade pessoal), sobre as relações interpessoais e sobre a sociedade (identidade colectiva e social). Mais recentemente, reforça-se esta ideia afirmando que “a identidade é pessoal nas dimensões construídas pelo sujeito como imagem de si e é social nas identificações que o sujeito integra como dimensões de pertença social a grupos” (Guerra 1993 a): 70).

Sobre esta natureza social da identidade, Calhoum Mendes, distingue-a em primária e secundária. “Enquanto que a primeira assenta em relações sociais directas, a identidade social secundária parte das relações indirectas. Ora, nestas considerações sobre o tipo de identidades, é fácil encontrar um denominador comum: a produção da identidade” (Mendes 1994: 157).

Quer seja individual, quer seja social, a identidade é sempre um processo de construção acerca do qual José Madureira Pinto dá um contributo

para o seu entendimento, quando refere que esta produção “(...) implica a imbricação de dois processos: o processo pelo qual os actores sociais se integram em conjuntos mais vastos de pertença ou de referência, com eles se fundindo de modo tendencial (processo de identificação) e o processo através do qual os agentes tendem a autonomizar-se e diferenciar-se socialmente, fixando em relação aos outros distâncias e fronteiras mais ou menos rígidas (processo de identização)” (Pinto 1991: 218).

Construídas assim por processos de integração/diferenciação, inclusão/exclusão e através de práticas de confirmação/distinção estatutárias e classistas, as identidades sociais devem sempre ser entendidas, de acordo com White, “(...) tendo-se em conta as tendências históricas e as transformações culturais” (Mendes 1994: 155).

Enquanto realidade situada num determinado tempo histórico (ligada quer ao ciclo de vida dos indivíduos, que à relação com a época histórica da sociedade em que vive) e, num determinado espaço social, a identidade é um conceito “eminente relacional” e relativo.

Relativo, quando nos referimos aos recursos sociais e culturais desiguais que cada actor social detém e da sua capacidade de os utilizar nos processos acima mencionados. Com efeito, as referências culturais dos indivíduos, os seus percursos sociais concretos e os interesses e objectivos que possuem, constituem em larga medida, os eixos estruturadores da identidade.

Não se pode falar portanto, em identidades como sendo realidades estáticas e definitivas. Elas fazem parte da própria dinâmica transformadora do social.

II PARTE - QUESTÕES METODOLÓGICAS

CAPÍTULO III - METODOLOGIA

1 - TIPO DE ESTUDO

Toda a acção de pesquisa se traduz no acto de perguntar. Por isso, todas as regras metodológicas têm como objectivo exclusivo o de esclarecer o modo de obtenção de respostas.

Neste sentido surge a pergunta de partida para a presente investigação: *De que modo as diferentes referências, raízes e práticas culturais se integram no agrupamento habitacional da Colmeia enquanto comunidade?*

Entendo a metodologia como um processo de análise e crítica dos pressupostos, princípios e procedimentos lógicos que moldam a investigação de determinados problemas da realidade.

Optei, nesta investigação, por uma metodologia essencialmente de cariz qualitativo direccionada para o estudo de comportamento humano, relacionado com os modos de vida de uma comunidade.

Parece fazer sentido a escolha da abordagem qualitativa para análise das práticas sociais quotidianas da comunidade da Colmeia, uma vez que pretendo questionar a integração das diferentes referências, raízes e práticas culturais na comunidade.

Neste estudo, interessa produzir algum conhecimento relativamente às trajectórias individuais e familiares, de forma a detectar mecanismos e princípios explicativos de práticas sociais quotidianas que reflectam indicadores de análise e percepção dos modos de vida e diferenças culturais.

Inserido no âmbito da abordagem qualitativa surge o estudo de caso enquanto procedimento que permite uma análise intensiva de um campo limitado de fenómenos. A unidade de análise em estudo é uma comunidade composta por 57 famílias, o que permite efectuar uma recolha mais intensiva de informação acerca de um vasto leque de práticas e de representações sociais. Pretendo com este tipo de pesquisa estudar mais profundamente o objecto de análise.

No sentido de conhecer a realidade social foi necessário utilizar instrumentos e metodologias de pesquisa que permitam obter informações junto da população escolhida com a finalidade de adquirir um conhecimento inteligível e operacional da mesma.

A escolha das técnicas e métodos a utilizar constitui, até ao momento, uma das fases mais delicadas da pesquisa, tendo aqui, seguido a regra de que estes se devem adaptar aos objectivos da investigação.

Objectivo geral:

- Caracterizar a população residente na Comunidade da Colmeia, nos seus aspectos sócio-económico, familiar e cultural;

Objectivos específicos:

- Identificar os impactos do realojamento na Comunidade da Colmeia;
- Analisar as práticas sociais quotidianas dos moradores da Colmeia.

2 - INSTRUMENTOS DE OBSERVAÇÃO E PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DE DADOS

A recolha de informação processou-se através de trabalho de campo e foi realizada entre Dezembro de 1998 a Janeiro de 2000. Para recolha de dados utilizei os seguintes instrumentos: a observação directa, a observação – participante, conversas informais, a pesquisa e análise documental, o inquérito por questionário e a entrevista. Outra forma de registo de observação foram as notas de campo.

Quando se trata de sondar opiniões, atitudes, sentimentos, comportamentos, a observação é utilizada em simultâneo com outras técnicas, uma vez que através da observação é possível captar os aspectos mais pertinentes que se prendem com o ambiente físico, social e cultural, tendo também a componente comportamental dos sentimentos e emoções (gestos, expressões, etc.) da pessoa observada. Não efectuei uma observação estruturada com base em categorias classificatórias de observação, na medida em que o estudo não contempla hipóteses nem visa obter dados normativos. O sistema de observação adoptado enquadra-se no tipo descritivo e narrativo, por não existirem categorias pré-definidas (Boutin et al 1994: 152).

A integração do investigador no grupo implica uma observação e participação activa em aspectos da vida social. “Consiste em viver com os outros, sem, todavia, querer ou imaginar ser um deles” (Gonçalves 1992: 95). Desde o início desta investigação que já existia um elevado grau de familiarização com esta comunidade. A confiança do grupo e o envolvimento do observador na vida quotidiana do grupo já tinham sido atingidos. A minha actividade profissional permitiu um trabalho directo com esta população, desde 1995. As conversas informais registaram-se nas mais variadas situações rotineiras do quotidiano ou mesmo em situações excepcionais, contribuindo no processo de relacionamento entre mim e a população. Por vezes, permitiram obter respostas sem fazer perguntas. No entanto, a participação requer um esforço acrescido e permanente de distanciamento, “o investigador deve, constantemente, reflectir sobre a sua experiência: quanto mais empírica for a sua investigação, mais reflexiva esta deverá ser” (Gonçalves 1992: 95).

Foi possível manter um distanciamento com a população, por ser identificada como a profissional que acompanhou estas famílias num processo de realojamento e integração no actual espaço residencial, disponibilizando nesta fase de integração dois dias por semana de atendimento técnico à população realojada.

A forma de registo das observações foi feita através de notas de campo. Estas põem em evidência elementos da comunidade considerados ilustrativos e constituem um retrato do desenrolar de acontecimentos da vida quotidiana da comunidade. “O quotidiano é feito de pequenos acontecimentos, de factos breves e de fenómenos episódicos. A etnografia, que não é a história da longa duração, não rejeita a fugacidade dos acontecimentos breves e simples do dia-a-dia” (Ramos 1997: 255).

A consulta dos processos familiares elaborados em 1997, no decorrer do processo de realojamento, também forneceu informação complementar que contribuiu para a construção do inquérito por questionário e para a construção dos diagramas familiares.

O inquérito por questionário como técnica utilizada no decorrer da pesquisa desempenhou um papel importante na obtenção de informação necessária ao desenrolar de todo um processo de investigação.

Hoje, o inquérito por questionário é a técnica de construção de dados que mais se compatibiliza com a racionalidade instrumental e técnica que tem predominado nas ciências e na sociedade em geral. A sua natureza quantitativa e a sua capacidade de “objectivar” informação confere-lhe um estatuto significativo para a compreensão dos fenómenos em causa.

“O inquérito pode ser definido como uma interrogação particular acerca de uma situação englobando indivíduos, com o objectivo de generalizar. Neste caso, o investigador intervém colocando questões, mas sem intenção explícita de modificar a situação na qual actua enquanto inquiridor” (Ghiglione e Matalon 1993: 8)

“Um inquérito consiste, em suscitar um conjunto de discursos individuais, em interpretá-los e generalizá-los, os problemas metodológicos levantados pela prática e pela sua utilização estão relacionados com estas características e só podem ser analisados relativamente a eles”. (Ghiglione e Matalon 1993: 10)

De facto, “O inquérito, impedindo por completo o vaivém entre teoria e dados durante a pesquisa, que outras técnicas proporcionam, acaba por ser a que mais reifica o dado, pois as respostas surgem enformadas em tabelas quantitativas que dão a ilusão de serem completamente despidas de qualquer acção não-lógica.” (Ferreira 1986: 193)

A construção e aplicação do inquérito por questionário teve como objectivo recolher informações que pudessem ser apresentadas sob a forma de resultados quantificáveis.

Para operacionalizar a problemática teórica que configura a investigação procedi à identificação de variáveis nas quais os conceitos são traduzidos.

Pretende-se através delas captar características pessoais como o sexo, a idade ou elementos de identificação pessoal ou ainda do meio em que vive ou trabalha. São ditas objectivas porque são de fácil resposta e são de imediata categorização. A aplicação do inquérito por questionário teve por finalidade realizar uma caracterização sócio-económica da população da Comunidade da Colmeia. (Ver anexo 1)

A análise estatística dos dados foi a modalidade de análise dos dados usada no tratamento da informação contida nos questionários. Tratou-se do

trabalho de apuramento e organização das respostas em função das questões: perceber a frequência das respostas para cada uma das questões. O principal procedimento foi a codificação e a quantificação das diversas variáveis das questões fechadas. Em causa está a análise das frequências dos fenómenos e da sua distribuição.

“A análise estatística e a expressão gráfica dos dados são muito mais do que simples métodos de exposição de resultados, fornece critérios explícitos e estáveis para a recolha, organização e sobretudo para a interpretação dos dados assegurando assim a coerência e o sentido de conjunto do trabalho”. (Quivy 1992: 221)

Os resultados obtidos na aplicação do inquérito por questionário foram tratados com o recurso ao programa informático S.P.S.S. (Statistical Package For The Social Sciences – conjunto de programas estatísticos para as ciências sociais). Neste sentido, obtive frequências simples de todas as variáveis.

A aplicação do inquérito foi conseguida na totalidade dos agregados familiares (57). O inquérito foi respondido por um representante de cada agregado familiar.

O inquérito por questionário não só permitiu uma caracterização sócio-económica da comunidade, mas também permitiu seleccionar os 10 indivíduos para a aplicação das entrevistas.

Neste contexto, a opção pela entrevista derivou do facto de esta técnica permitir um aproveitamento considerável da informação de uma análise qualitativa dos dados obtidos. Instala-se assim uma verdadeira troca durante a qual o entrevistado exprime as suas percepções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações, as suas experiências.

A entrevista apresentou-se como um conjunto de questões abertas colocadas da mesma forma e com a mesma ordem, apoiando-se num guião.

As perguntas abertas permitem aos entrevistados “expressarem-se através das suas próprias palavras; não sugerem respostas, indicam um nível de informação de que os entrevistados dispõem; indicam o que é mais relevante no espírito dos entrevistados” (Foddy 1996: 143)

Como vantagem da recolha de dados, a entrevista oferece várias garantias: “Pode ser utilizada com todos os segmentos da população, analfabetos ou alfabetizados, fornece uma amostra muito melhor da

população geral, o entrevistado não precisa de saber ler ou escrever” (Lakatos 1996: 86)

O modelo de entrevista adoptado foi a entrevista semi-estruturada (Ver anexo 2). Este tipo de entrevista é aquela em que o entrevistador segue o roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são pré-determinadas, sem deixar de conceder alguma liberdade ao entrevistado.

A ordem das questões colocadas revelou-se flexível para alguns entrevistados.

Algumas entrevistas foram conduzidas por forma a aproveitar os discursos espontâneos dos entrevistados. De acordo com a classificação de Ghiglione e Matalon, algumas entrevistas foram do tipo semi-directivo, uma vez que a ordem com que foram introduzidas as questões, não obedeceu ao guião, mas teve como preocupação obter reacções a determinados temas.

No que respeita às entrevistas efectuadas à população em estudo, estas foram objecto de gravação, de forma a poderem ser transcritas na totalidade.

Com base nas 10 entrevistas realizadas selecionei as 3 entrevistas que melhor representavam a informação recolhida e que permitiram um melhor aprofundamento da informação para elaboração de “Histórias de Vida”

A selecção das 3 entrevistas recaiu nos seguintes critérios:

- Origem geográfica e étnica das famílias
- Testemunhos de maior riqueza e experiência vivencial

“O estudo tipológico não está de resto, reservado às histórias de vida, diz antes respeito a todo o material dito qualitativo recolhido através de entrevistas e perguntas abertas. Ele permite aprofundar um ou vários temas e, por consequência, diversificar o exame dos principais núcleos de referências de um *corpus*” (Poirier 1995: 139).

Este tipo de análise permite, através da pluralidade de relatos, identificar contradições e particularismos, pois “cada relato possui a sua tonalidade própria, a sua especificidade, a sua coerência” (Poirier 1995: 138). Os conteúdos do discurso poder-se-ão agrupar por afinidades ou, inversamente, por diferenciações. Estas agregações conduzirão à constituição de tipologias.

A opção em recorrer às histórias de vida surge porque, “se nós somos, se cada indivíduo representa a reapropriação singular do universo social e

histórico que o rodeia, nós podemos conhecer o social partindo da especificidade e irreduzível de uma *praxis* individual (...) da reivindicação da subjectividade à ciência: aquilo que o torna único é um acto ou uma história individual apresenta-se-nos como uma via de acesso - muitas vezes possível - ao conhecimento científico de um sistema social. É uma via não linear, muitas vezes crítica que exige a invenção de chaves e de métodos novos para se deixar percorrer” (Ferraroti 1983: 52)

A história de vida é uma narração de uma história pessoal, logo é única e singular. Para a sua realização é necessário apelar à não directividade e ao estabelecimento de atitudes de compreensão e relações de empatia face ao narrador, de modo a proporcionar neste, a abertura e confiança suficientes para uma conversação livre, aberta e profunda. Portanto, deverá ser permitido ao narrador contar tudo aquilo que à partida esteja desprovido de importância no estudo a efectuar.

A utilização de uma técnica como “histórias de vida” ou “método biográfico” remete para alguns riscos, nomeadamente o facto de estarmos perante uma relação de proximidade entre a análise qualitativa e a subjectiva onde o narrador e o entrevistador mantêm um relacionamento interpessoal.

Esta técnica pode ser analisada à luz de várias dimensões, como considera Daniel Bertaux:

- como discurso sobre a sua própria vida e os estudos das relações simbólicas;
 - como discurso sobre as práticas e a procura de uma imagem estável das relações sociais que estruturam objectivamente as situações sociais;
 - como testemunho histórico e reconstituição de períodos históricos recentes pela história oral;
 - como método de análise dos fenómenos de mobilidade social.
- (Ferraroti 1983: 24)

A opção por uma destas dimensões justifica, à partida, a metodologia utilizada nesta pesquisa, visto permitir uma organização temporal de acontecimentos, quer do ponto de vista familiar quer individual, a identificação das decisões, motivações e valores ao longo de um percurso de vida, bem como as mutações destas, às apreciações e às opções de vida dos entrevistados.

Com base nesta última perspectiva seria até correcto corrigir o termo “histórias de vida” por “histórias de práticas”, tal como afirma Bertaux (1978), isto porque “As histórias de vida constituem somente um meio, entre outros, mas sem dúvida o melhor, de apanhar o sentido das práticas individuais. No entanto, não é ainda esta a sua característica principal. Esta decorre do facto de podermos observar através das histórias de vida, o que nenhuma outra técnica nos permite atingir: as próprias práticas, os seus encadeamentos, as suas contradições, o seu movimento” (Poirier 1995: 93).

A análise de conteúdo surge no seio desta pesquisa como técnica privilegiada para se tirar partido de um material dito «qualitativo», ou seja, as entrevistas e as histórias de vida. Fornece pois, um leque de apetrechos que na prática balizam o tratamento e interpretação de um «corpus» abundante, complexo e recheado de informações.

A análise de conteúdo configura-se actualmente enquanto “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a «discursos» extremamente diversificados (...) Enquanto esforço de interpretação a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da subjectividade e da fecundidade da subjectividade” (Bardin 1988: 9).

Esta técnica de investigação permitindo a interpretação, a análise dos conteúdos e a procura do latente, afirma-se assim como uma renúncia à leitura simples e ingénua da realidade. É pois, uma técnica de ruptura, na medida em que diz não “(...) «à desilusão da transparência» dos factos sociais, recusando ou tentando afastar os perigos da compreensão espontânea. É igualmente «tornar-se desconfiado» relativamente aos pressupostos, lutar contra a evidência do saber subjectivo, destruir a intuição em proveito do «construído», (...)” (Bardin 1988: 28).

Em traços gerais, poder-se-á dizer que os métodos de análise de conteúdo correspondem aos seguintes objectivos: o desejo de rigor, a necessidade de descobrir e de compreender.

Segundo Krippendorff, a análise de conteúdo permite fazer inferências, válidas e replicáveis, dos dados para o seu contexto. Na realidade, é a inferência que permite a passagem da descrição à interpretação, enquanto meio de atribuição de sentido às informações (Vala 1986: 103).

“A finalidade da análise de conteúdo será pois efectuar inferências, com base numa lógica explicitada, sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e numa lógica explicitada. Pode-se então, sumariar as seguintes condições de produção de uma análise de conteúdo: os dados de que dispõe o analista encontram-se já dissociados da fonte e das condições gerais em que forma produzidos; o analista coloca os dados num novo contexto que constrói com base nos objectivos da pesquisa; para proceder a inferências a partir dos dados, o analista recorre a um sistema de conceitos analíticos cuja articulação permite formular as regras da inferência” (Vala 1986: 104).

Deste modo, o analista no seu trabalho de “poda”, tendo presente os objectivos, quadro referencial teórico, procederá à desmontagem do *corpus*, aqui definido como um material qualitativo constituído pelo conjunto das 3 Histórias de Vida, delimita “(...) as unidade de codificação, ou as de registo. Estas, de acordo com o material ou código, podem ser: a palavra, a frase, o minuto, o centímetro quadrado. O aspecto exacto e bem delimitado do corte, tranquiliza a consciência do analista. Quando existe ambiguidade na referenciação do sentido dos elementos codificados, necessário é que se definam unidades de contexto, superiores à unidade de codificação, as quais (...), permitem, contudo, compreender a significação dos itens obtidos, repondo-os no seu contexto” (Bardin 1988: 36).

As unidades de registo consideradas na análise dos *corpus* foram as unidade de informação enquanto segmento de conteúdo que caracteriza as posturas, opiniões e dados das entrevistas. Consideradas pois, unidades semânticas que são recortadas “*en esprit et non à lettre*” (Vala 1986: 114). Deste modo, a unidade de contexto é correspondente aos temas enquanto que permite compreender a significação da unidade de registo.

O analista para tirar partido de um “(...) *corpus* abundante, multiforme e recheado de informações” (Poirier 1995: 101), como são as histórias de vida necessita de percorrer uma longa e morosa “caminhada” de exploração e análise que decorre entre os níveis descritivos e os níveis interpretativos.

O problema reside no facto de não existirem princípios fixos ou “(...) o pronto-a-vestir em análise de conteúdo, mas somente algumas regras base (...)” (Bardin 1988: 31) que orientam os passos do investigador.

Isto significa que a análise de conteúdo é tributária do material que se pretende analisar e dos fins que se procuram atingir, exigindo que o investigador reinvente a cada momento as maneiras de proceder para que se verifique o sucesso da análise.

Numa primeira fase procedi a uma pré-análise do *corpus*, o que consistiu na transcrição das entrevistas, classificação e ordenamento do material. A passagem de um texto oral a texto escrito (registo por via de gravação) comporta um incessante trabalho de transcrição integral o que obriga a incessantes paragens e vindas atrás. Este processo visando recriar o discurso o mais fidedignamente possível baseou-se nos seguintes princípios:

- respeito pelas marcas de oralidade e níveis de conversação (silêncios, riso, etc);
- respeito pelo estilo do narrador (cabendo ao investigador decifrar em modificações).

A par desta tarefa de transcrição optei por deixar largas margens para posteriores anotações. Num segundo momento procedi a uma leitura cuidadosa do *corpus*. A pouco e pouco as margens foram enriquecidas com anotações que podem ser de duas ordens – aquelas que se centram no sujeito e aquelas que se centram nas temáticas:

- na margem esquerda os acontecimentos narrados e que esclarecem o sentido da narrativa actual e as questões que o investigador coloca; na margem direita, as problemáticas em questão, ou seja, as que se situam no conjunto de *corpus* centrando-se no guião;
- no texto, com diferentes cores (cada uma correspondente à sua temática) sublinhei os conteúdos mais significativos do discurso, tendo em conta as problemáticas;
- no texto, a vermelho as frases mais características e que poderiam ser utilizadas como forma de caracterizar situações típicas.

Na fase seguinte prossegui à organização de *corpus* em função de instrumentos que permitissem a comparação dos conteúdos. Para tal elaborei grelhas de análise “(...) em função da perspectiva teórica que determinou as orientações para a recolha de dados e a partir das etapas realizadas precedentemente” (Poirier 1995: 111).

Estas grelhas contém as sinopses de cada história de vida (Ver anexo 3) onde organizei o *corpus* segundo temas. Poder-se-á então definir a sinopse como uma síntese da história em função dos temas focados. Esta reorganização permite ao investigador o conhecimento da totalidade específica de cada história "(...) estabelecer o sistema categorial que permitirá reunir os elementos do inquérito e analisá-los numa dupla perspectiva, horizontal e transversal - de estabelecer, portanto, um sistema que permita ventilar as respostas" (Poirier 1995: 112).

Com base ainda na grelha das sinopses realizei a análise tipológica, isto é, foram convertidas as categorias ou componentes em indicadores. Este tipo de análise permite, através da pluralidade de relatos, identificar contradições e particularismos, pois "cada relato possui a sua tonalidade própria, a sua especificidade, a sua coerência" (Poirier 1995: 138). Os conteúdos do discurso poder-se-ão agrupar por afinidades/similitudes ou inversamente, por diferenciações. Estas agregações conduzirão à constituição de tipologias tradutoras de "posturas tipo".

III PARTE - TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

CAPÍTULO IV - CARACTERIZAÇÃO GERAL DA COMUNIDADE

Neste capítulo apresento uma caracterização da Comunidade da Colmeia, procurando obter um enquadramento no Concelho de Loulé, na Freguesia de Quarteira e no Algarve.

Por vezes, procurei obter um quadro comparativo relativamente às seguintes características: evolução da população, estrutura etária e estrutura sócio-económica.

Utilizei alguns dados demográficos do Recenseamento Geral da População - 1991, recolhi informação contida no Relatório Trimestral do Mercado de Emprego da Direcção Regional do Algarve - Centro de Emprego de Loulé (1º trimestre de 2000). Recorri ainda à informação contida no PDM de Loulé, no PRVQ da CMLoulé - 97, no Plano de Renovação Urbana no Algarve, da CCRA - 98.

A caracterização da Comunidade da Colmeia foi possível pela aplicação do inquérito por questionário e consequente tratamento e análise de dados que realizei no decorrer desta pesquisa.

Recorri ainda à consulta dos processos familiares da DAS da CMLoulé, elaborados no decorrer do processo de realojamento (1997) para construção dos diagramas familiares.

1 - SÍNTESE HISTÓRICA

A Comunidade da Colmeia localiza-se na cidade de Quarteira. A freguesia de Quarteira está situada na costa do barlavento algarvio sensivelmente a 37º 4' de latitude N e a 8º 6' de longitude W. Quarteira marca na fisionomia da costa do Algarve o início da zona baixa de areias que, depois da formidável acumulação ao sul de Faro se prolonga por toda a costa até ao Guadiana. Fica situada a 11 Km da cidade de Loulé - sede do concelho e a 21 da cidade de Faro - sede de distrito.

Quarteira foi citada no foral concedido a Loulé em 1266, como propriedade real, tendo recebido foral próprio em 1292, no reinado de D. Dinis. Tal como outras povoações não se sabe ao certo quando foi fundada. De seu nome inicial Carteia sabe-se que foi construída junto a uma outra, Loulé Velho e atribuída aos romanos a sua fundação. No entanto há quem defenda que as suas origens remontam ao tempo dos Fenícios ou Cartagineses, tendo sido importante centro de salgamento e comércio de peixe salgado.

“Foi antigamente uma povoação importantíssima, pelo sei grande comércio de marinhas e sal e pescarias; e até alguns escritores asseveram que foi aqui a famosa cidade de Carteia fundada, pelos anos do mundo 3500 (504 antes de Cristo) pelos túrdulos ou pelos cúneos. Esta Carteia foi invadida pelo mar, que actualmente ocupa parte do terreno em que estava fundada. O terramoto de 1755, acabou de destruir os restos; e os seus habitantes que escaparam a este medonho cataclismo, foram construir as suas cabanas de junco a 300 do castelo velho. Depois foram edificando algumas casas de pedra; e além da magnífica casa dos morgados de Quarteira já tem alguns edifícios sofríveis, e os banhistas que aqui concorreram no tempo próprio têm feito prosperar bastante esta povoação” (Oliveira 1986: 7).

Esta praia revelou, desde os tempos seculares, certa notoriedade, que lhe advinha principalmente das armações de atum, que decorriam todos os anos entres os meses de Março e Junho, período em que os pescadores viviam em choças de palha e junco.

No período da guerra de 1914-1918, a exploração de fábricas de conserva conferiu à zona de Quarteira certa prosperidade, a que se seguiria um período de declínio, até que nas últimas décadas acabou por impor-se como estância balnear, para o que reúne condições particularmente favoráveis.

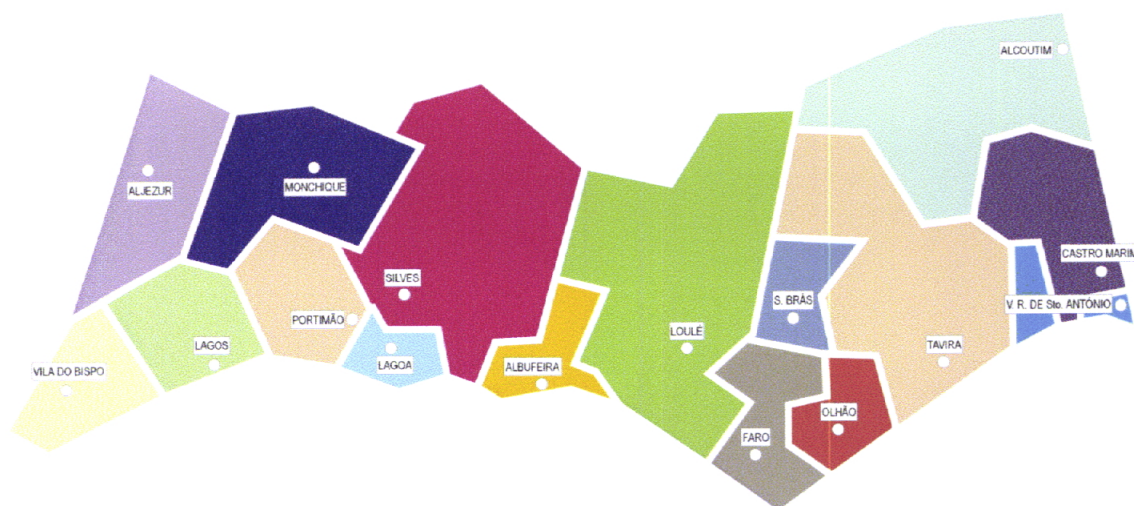
A sua esplêndida situação geográfica, aliada a uma notável exploração da indústria da pesca, fez, no passado, progredir sensivelmente a povoação onde as cabanas de colmo foram cedendo lugar a casas de adobo de construção grosseira, estas a pequenas casas térreas de aspecto já pretensioso e por último e sobretudo, no “bairro balnear”, às vivendas junto da avenida

marginal e das suas ruas transversais, que apresentavam já aspecto de um certo conforto e modernismo.

Durante os anos 50 e seguintes afluíam anualmente a Quarteira, veraneantes provenientes na sua maioria de Grândola, Faro, Olhão, S. Brás de Alportel, Almodovar, Ourique, Castro Verde e uma numerosa colónia de louletanos.

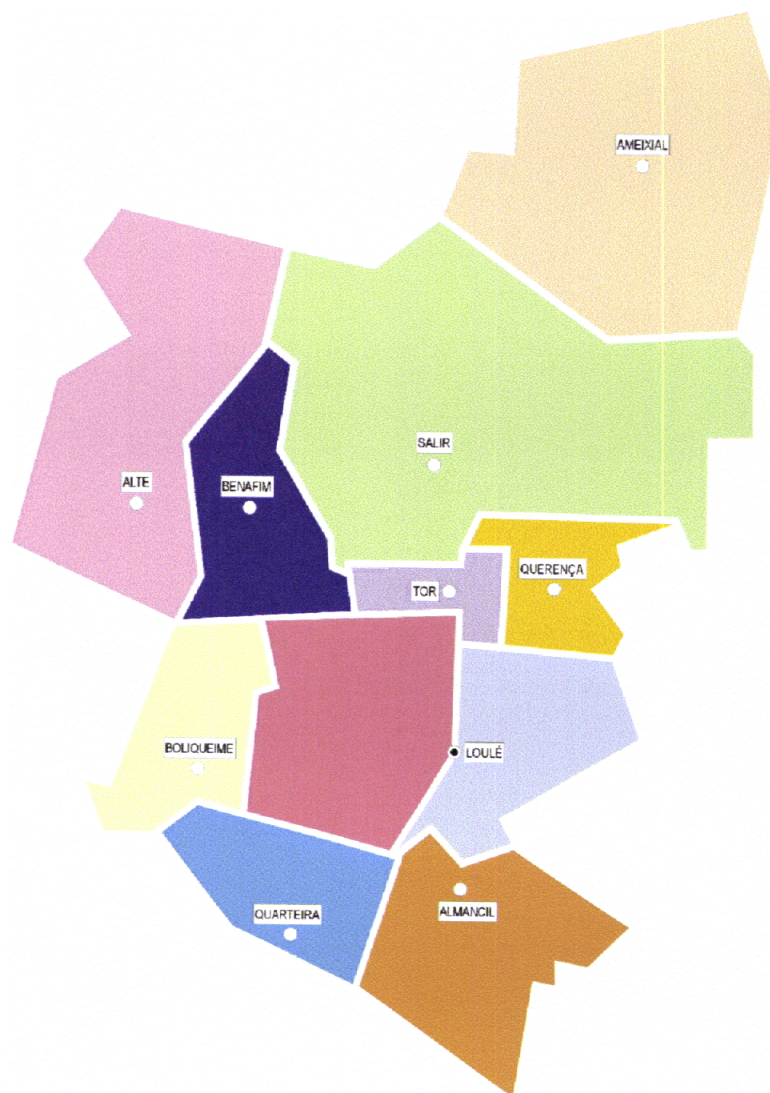
Nos anos 60, com o desenvolvimento do turismo no Algarve, Quarteira começou a ganhar importância, inicialmente como centro de pesca artesanal, sendo o seu pescado muito apreciado. No entanto, foi o turismo de massas que fez com que a pequena aldeia, logo se transformasse num dos principais centros de veraneio da região.

2 - ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO



MAPA 1 - O concelho de Loulé no contexto da região (Distrito de Faro)

O Concelho de Loulé está situado no “coração” do Algarve e confina a nascente com os concelhos de Faro e Tavira, a norte com o Alentejo, a poente com Silves e Albufeira e a sul com o Oceano Atlântico.



MAPA 2 - A freguesia de Quarteira no concelho de Loulé

Loulé é o maior concelho do Algarve em área, com 765 Km², e o segundo maior em população residente com 46585 habitantes, em 1991. Encontra-se subdividido em 11 freguesias: S. Clemente, S. Sebastião, Almancil, Quarteira, Querença, Tôr, Benafim, Salir, Alte, Boliqueime e Ameixial, que correspondem sensivelmente a 15% da área territorial do Algarve.

No território municipal, à semelhança do resto do Algarve, existem quatro zonas com características distintas nos aspectos relativos ao clima,

geologia, solos, relevo, vegetação e população, que são denominados de : Serra, Beira Serra, Barrocal e Litoral.

A Serra é a mais vasta zona, ocupando cerca de 46% do território municipal e suporta uma população muito escassa e envelhecida de apenas 5,4 habitantes por Km². A freguesia louletana do Ameixial (12,242 habitantes) é a única que se localiza exclusivamente na Serra.

Ao longo dos anos tem-se assistido a um progressivo e gradual despovoamento dos pequenos aglomerados populacionais dispersos existentes por toda a Serra.

A Beira Serra é uma pequena zona climática, que ocupa uma área de apenas 5% do município e trata-se de uma zona densamente povoada - 170 habitantes por Km² - onde se situam as freguesias de Alte (9.364 habitantes), Benafim (8.532 habitantes), Salir (19.210 habitantes), Querença (2.633 habitantes) e Tôr (1.967 habitantes). O Barrocal é uma zona homogénea que ocupa cerca de 28.500 habitantes, que corresponde a cerca de 37% da área concelhia, com uma densidade populacional de 95 habitantes por Km². A cidade de Loulé localiza-se sensivelmente no Centro Barrocal, tendo uma população estimada em 10.000 habitantes e nela estão sediadas as freguesias de S. Clemente (4.694 habitantes), S. Sebastião (6.495 habitantes) e Boliqueime (4.472 habitantes).

A faixa costeira do Concelho estende-se ao longo de 13 Km com um largura média de 5 Km, limitada pelo mar e pela Estrada Nacional 125. As freguesias de Quarteira (3.791 ha) e Almancil (6.353 ha) abrangem a quase totalidade desta área, a qual ocupa cerca de 9.000 ha. A população residente no litoral é de 17.000 habitantes o que traduz uma elevada densidade populacional (190 habitantes por Km²).

No que se refere à evolução sócio-económica do Concelho, esta foi tradicionalmente marcada pelos condicionantes geográficos: extensão da costa (cerca de 215 Km) e periferia relativamente à globalidade do território nacional. As condicionantes naturais (morfologia do solo, clima, etc.) determinam a identificação das quatro sub-regiões referidas anteriormente e todas estas características marcam forçosamente aspectos relacionados com a fixação da população e os modos de vida desta.

Até ao momento sustentou o seu desenvolvimento em torno de duas actividades associadas aos recursos naturais: a agricultura e o turismo. A sua estrutura económica é hoje o resultado da evolução dessas duas actividades nucleares e que em diferentes momentos, se afirmam como pólos do desenvolvimento concelhio. A agricultura é uma actividade que funciona, claramente a duas velocidades. É possível detectar um sector dinâmico e competitivo especializado na produção intensiva, em regime de forçagem ou semi-forçagem, de hortícolas, hortofrutícolas, frutícolas e vitícolas, que se localizam sobretudo no sul do concelho, disputando a utilização do solo com o turismo e o espaço urbano. Em paralelo, existe uma agricultura de subsistência de cereais e leguminosas, em regressão, ocupando sobretudo a faixa serrana a norte do concelho.

O turismo que, desde meados dos anos 60, tem vindo a afirmar-se como o principal pólo de crescimento da economia do concelho, tende a polarizar todos os recursos naturais e humanos.

Não obstante os feitos positivos que trouxe para o concelho, o modelo turístico que foi sendo construído apresenta actualmente vulnerabilidades e aponta claramente para o seu esgotamento.

Segundo dados do Plano de Renovação Urbana de Renovação no Algarve - 98, o concelho apresenta actualmente uma capacidade de alojamento, vocacionado para o turismo, da ordem das 100.000 camas, das quais apenas 25.000 se encontram classificadas, concentradas maioritariamente em Vilamoura, Quarteira, Vale do Lobo e Quinta do Lago. A par de uma oferta desqualificada coexistem alguns dos melhores empreendimentos turísticos da região e um elevado número de campos de golfe. Os produtos turísticos, principais responsáveis pelo fluxo de nacionais e estrangeiros do concelho, são o sol e praia, o golfe, e a animação nocturna.

O turismo para além da restauração e da hotelaria inerentes à própria actividade, permitiu o crescimento de outros sectores a montante e a jusante. Entre eles, os mais significativos são a construção civil e indústrias suas subsidiárias - o sector de alimentação e bebidas, o comércio, a banca e seguros, as operações sobre imóveis e serviços prestados às empresas e os serviços pessoais e domésticos.

Segundo uma reflexão do PDM de Loulé, o modelo de desenvolvimento seguido desde a década de 70, se não for contrariado, tende a esgotar-se, pois o congestionamento verificado no litoral conduzirá à deterioração dos recursos naturais e à saturação das infraestruturas e equipamentos. Trata-se dum cenário que poderá inviabilizar a própria actividade turística, ao destruir os elementos que constituem a sua base de sustentação: a qualidade de ambiente, riqueza de recursos naturais, ordenamento do território.

3 - DEMOGRAFIA

3.1 - Evolução da população

A freguesia de Quarteira, em termos demográficos, cresceu nos últimos 20 anos a um ritmo acelerado, tendo triplicado a sua população entre 1970 e 1991. Passou de 3.275 habitantes em 1970 para 10.275 em 1991. Desde os anos 20, o seu crescimento foi uniforme, no sentido positivo, havendo apenas uma inversão registada na década de 60 que teve a ver com o forte movimento emigratório característico desta época.

QUADRO 1 - Variação da população da freguesia de Quarteira de 1920 a 1991

	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1981	1991
Pop. Residente	2262	2500	3083	3779	3798	3275	7867	10275
Var.%		10,5	23,3	22,6	0,5	-13,8	140,2	30,6
V.Média Anual		1,1	2,3	2,3	0,1	-1,4	12,7	3,1

Fonte: INE - Censos 91

No que se refere à população do aglomerado o crescimento foi ainda mais acentuado, tendo quadruplicado entre 1970 (2127 habitantes) e 1991 (8284 habitantes).

QUADRO 2 - Evolução da população residente

Anos	Vila de Quarteira	Freguesia de Quarteira	Concelho de Loulé
1940	2.590	3.038	52.081
1960	3.429	3.798	45.126
1970	2.127	3.275	36.065
1981	6.195	7.867	44.051
1991	8.284	10.275	46.585

Fonte: INE - Censos 91

O maior crescimento verificou-se na década de 70, como resultado do grande afluxo de ex-colonos que se fixaram neste lugar, sendo o seu crescimento posterior, consequência da atracção que Quarteira exerceu, na oferta de empregos no sector turístico e implicitamente nas actividades a ele ligadas.

Segundo dados do PDM, a freguesia que em 1970 congregava 9% da população do concelho, atingiu em 1991, 22%, devido à deslocação dos habitantes das freguesias mais rurais do norte do concelho para o litoral, em consequência do decréscimo acentuado da actividade agrícola e progressiva diminuição do rendimento dos seus activos, e do aumento da oferta de postos de trabalho, nos sectores da construção civil e restauração e actividade turística em geral.

A tendência de crescimento da população, no concelho, mantém-se nos anos 80, ainda que a um ritmo menos acentuado e ressalta da análise do crescimento natural dessa década, que apresenta taxas anuais sempre positivas, já que neste período, a natalidade é sempre superior à mortalidade; os primeiros anos de 90 prenunciam uma tendência de sinal contrário, observando-se os anos 90 e 93, em que os óbitos se apresentam já com valores superiores aos dos nascimentos.

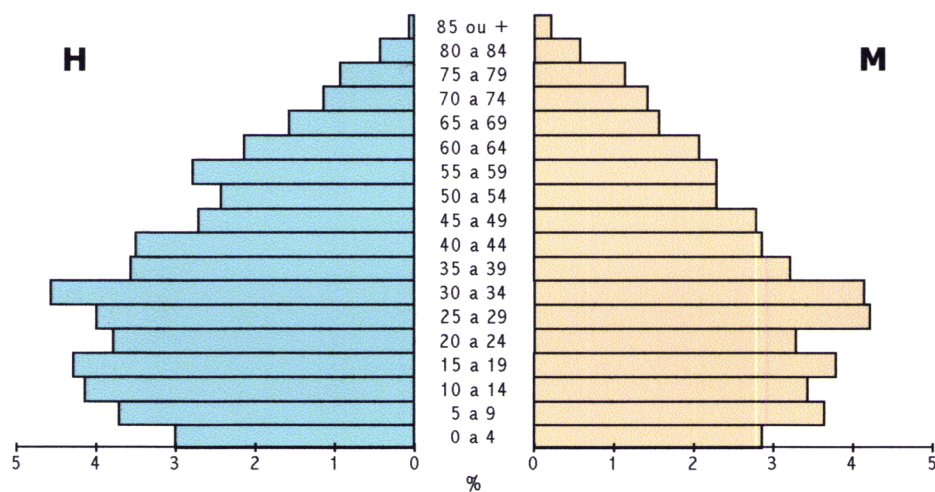
3.2 - Estrutura etária

A evolução da população por idades, e as respectivas pirâmides, permitem avaliar o comportamento dos grupos etários e sugerem algumas reflexões:

- A população é muito jovem apresentando os valores mais elevados nas classes etárias dos 5 aos 19 e dos 25 aos 34 anos;
- Existe uma diminuição dos nascimentos, relativamente à década anterior, uma vez que a base da pirâmide é mais reduzida, o que implicitamente denuncia o declínio da fecundidade;

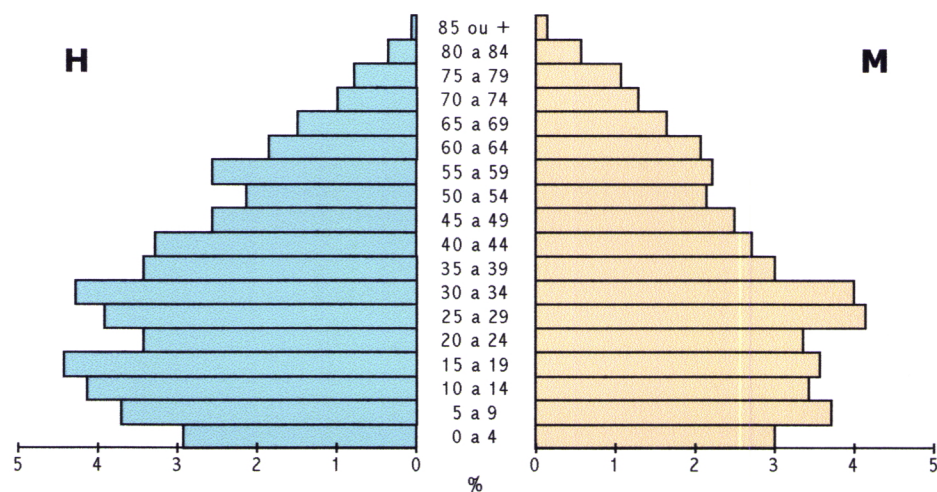
Ao contrário do resto do concelho que apresenta um aumento no topo da pirâmide, exprimindo a tendência de envelhecimento populacional, a Cidade de Quarteira apresenta-o bastante reduzido.

GRÁFICO 1 - Pirâmide de idades da freguesia de Quarteira - 1991



FONTE: INE - Censos 91

GRÁFICO 2 - Pirâmide de idades da Cidade de Quarteira - 1991



FONTE: INE - Censos 91

3.3 - Estado da população

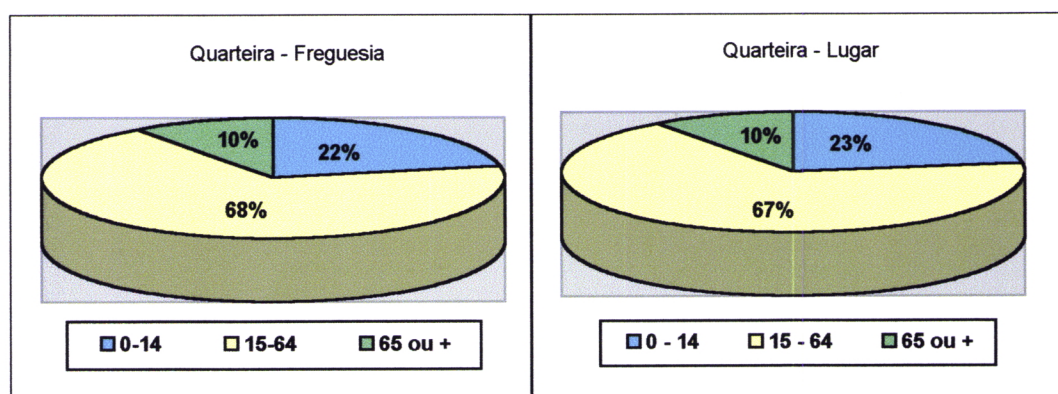
Pela análise dos diferentes índices, verifica-se que tanto a freguesia como a Cidade de Quarteira, apresentam relativamente ao concelho, uma elevada percentagem de população jovem e um índice de envelhecimento inferior. Daqui resulta um menor coeficiente de dependência tanto de jovens como de idosos relativamente à população em idade activa, o que vem reforçar a análise anteriormente feita para a estrutura etária. Verifica-se ainda que não existe grande disparidade entre o número de homens e de mulheres.

QUADRO 3 - Índices de estrutura de Quarteira - 1991

INDICADORES	Unid.	Concelho	Freguesia	Lugar
Pop. Residente	n.º	46.585	10.275	8.284
0 - 14	n.º	8.042	2.265	1.891
15 - 64	n.º	29.756	6.984	5.572
65 ou +	n.º	8.787	1.026	821
0 - 14	%	17,3	22,0	22,8
15 - 64	%	63,9	68,0	67,3
65 ou +	%	18,9	10,0	9,9
Índ. Masculinidade	n.º	0,96	0,97	0,95
Índ. Envelhecimento	%	109,3	45,3	43,4
Coef. de Dependência	-			
Total	%	56,6	47,1	48,7
Jovens	%	27,0	32,4	33,9
Idosos	%	29,5	14,7	14,7

Fonte: INE - Recenseamento Geral da população, 1991

GRÁFICO 3 - Distribuição por grupos etários (Quarteira)



Fonte: INE - Censos 91

4 - CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-ECONÓMICA

Os dados disponíveis em termos de emprego pelo Recenseamento Geral da População, mostram a extrema dependência dos activos de Quarteira face ao sector do turismo, o que a torna sensível às oscilações conjunturais deste mercado e à sua sazonalidade.

Em 1991, a freguesia tinha 4.438 indivíduos a exercer uma actividade económica, dos quais 4.209 estavam empregados. Segundo os dados do INE (1991) a taxa de actividade era de 43,2%, valor que é semelhante ao registado para o Algarve e superior ao do concelho de Loulé.

QUADRO 4 - População residente, com 12 ou mais anos, segundo a condição perante a actividade económica e sexo

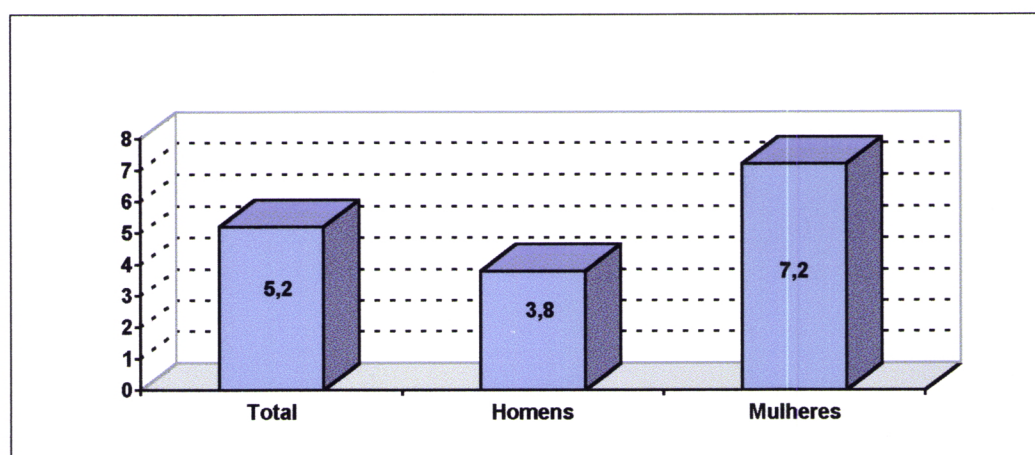
	Freguesia de Quarteira		
	HM	H	M
TOTAL	8.491	4.161	4.330
Pop. Com Act. Económica	4.438	2.648	1.790
Pop. Empregada	4.209	2.547	1.662
Pop. Desempregada	229	101	128
Pop. Sem Act. Económica	4.053	1.513	2.540
Estudantes	994	487	507
Domesticos	921	18	903
Reformados	1.289	577	712
Incapac. Permanente para trab.	56	25	31
Outros	793	406	387

FONTE: INE - Recenseamento Geral da População, 1991

A taxa de actividade calculada para cada sexo, permite observar que cerca de metade dos homens são activos, enquanto que as mulheres se ficam pelos 34%.

Segundo os Censos de 1991, na freguesia de Quarteira existiam 229 desempregados (dos quais 101 eram homens), o que corresponde a uma taxa de desemprego de 5,2%. Quarteira apresenta relativamente ao Algarve e ao concelho, uma taxa de desemprego superior, respectivamente em 0,1 e 0,9 pontos percentuais. Esta taxa para o sexo feminino embora alta, era ligeiramente inferior à equivalente para o Algarve.

GRÁFICO 4 - Taxa de desemprego da freguesia de Quarteira



Fonte: INE - Recenseamento Geral da População, 1991

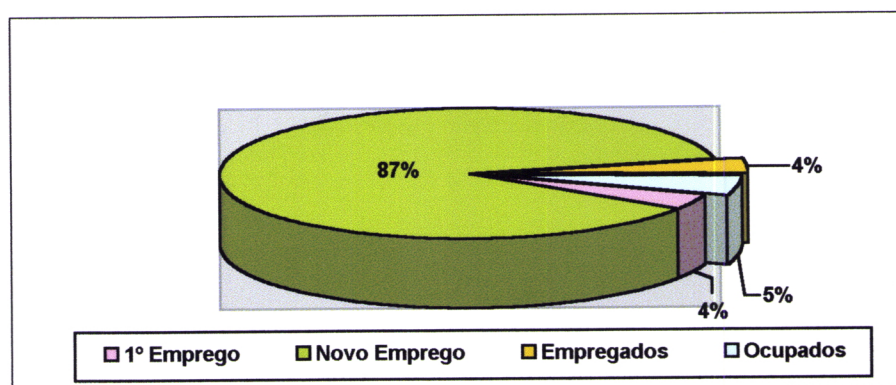
A maior parte da população activa concentra-se nos grupos etários dos 20 aos 40 anos nas mulheres, e dos 20 aos 44 nos homens. A estrutura etária dos desempregados é mais irregular sobressaindo a classe dos 25 aos 29 anos. Nos homens, a classe com maior peso no desemprego é a dos 20 aos 24 anos.

A informação disponibilizada recentemente pelo Cento de Emprego de Loulé (embora não possa ser directamente comparada com os dados dos Censos de 1991) e a evolução que a taxa de desemprego tem evidenciado no Algarve, permite inferir valores de desemprego mais elevados para Quarteira.

Segundo o Cento de Emprego, no dia 15 de Março de 2000, estavam inscritos 490 candidatos a emprego com residência na freguesia de Quarteira.

Do total de inscritos, 447 (87%) estavam desempregados. Destes, 424 procuravam novo emprego e 22 o primeiro emprego.

GRÁFICO 5 - Pedidos de emprego de residentes da freguesia de Quarteira



Fonte: IEFP - Centro de Emprego de Loulé, 15-03-2000

Em termos globais, pela classificação CNP, os grupos de profissões com maior número de inscritos são: o pessoal especializado dos serviços, o pessoal administrativo e similares e o pessoal do comércio e vendedores.

No quadro seguinte podemos observar as 10 profissões mais representativas no número de inscritos da freguesia de Quarteira.

QUADRO 5 - As 10 profissões mais representativas

CNP	Profissões	N.º
39305	Empregado de Escritório/Escriturário	57
45130	Empregado de balcão/Caixeiro	34
39410	Recepcionistas de Hotel	30
54005	Empregado de Quarto	19
53210	Empregados de Mesa	16
55220	Serventes de Limpeza	12
53255	Empregado de Copa	11
45155	Repositores	8
99901	Indiferenciados	8
98560	Motoristas de Pesados	7
	TOTAL	202

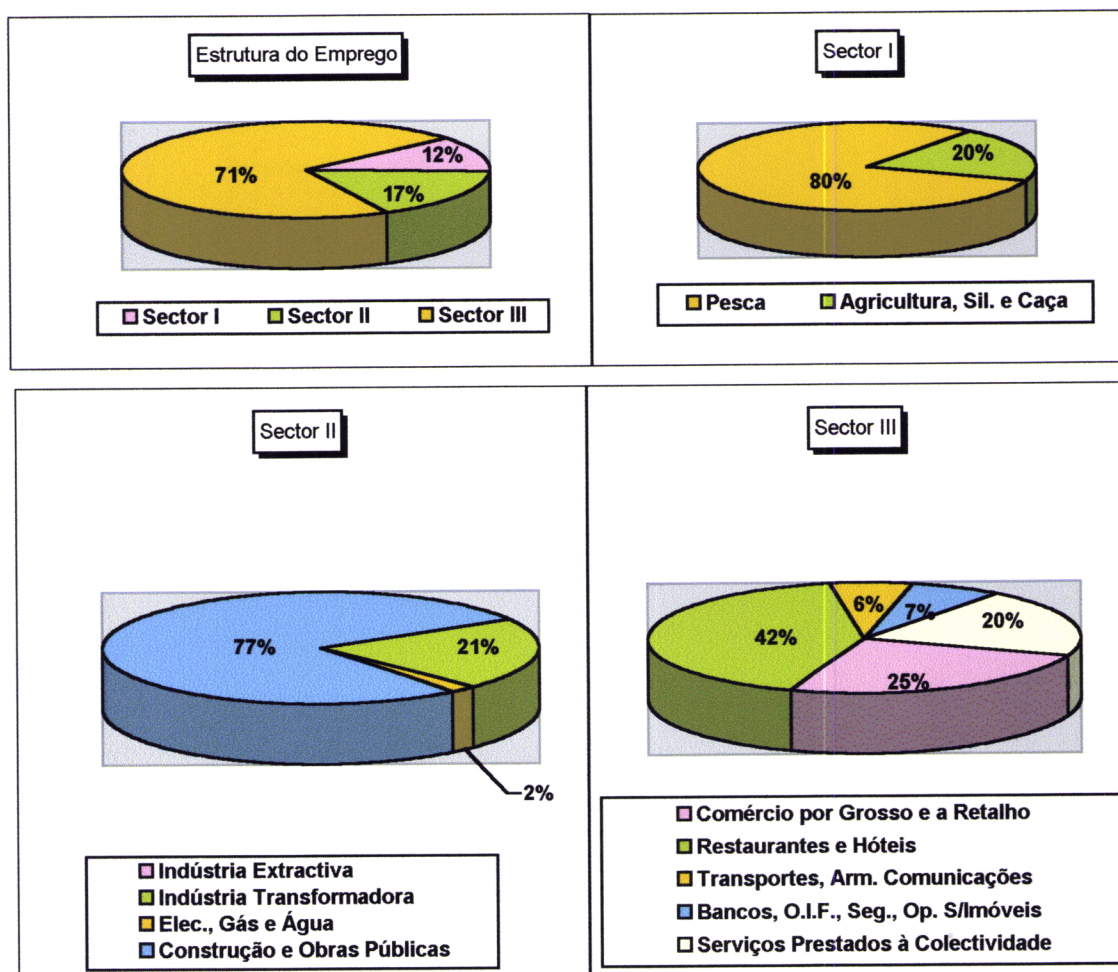
Fonte: IEFP - Centro de Emprego de Loulé, 15-03-2000

Os empregados de escritório, empregados de balcão e recepcionistas de Hotel são as três profissões com mais pedidos de emprego.

Analisando a estrutura sectorial do emprego, observa-se a importância que o sector terciário tem na freguesia de Quarteira ocupando 71% da

população empregada. Segundo os Censos de 91 o sector primário representa 12% do emprego, ou seja, dois pontos percentuais abaixo do peso do sector no Algarve e um ponto abaixo do peso do sector no concelho. O sector secundário representa 17% do emprego na freguesia, enquanto no concelho e no Algarve representa 24% e 22%, respectivamente.

GRÁFICO 6 - Estrutura do emprego na freguesia de Quarteira - 1991



FONTE: INE - Recenseamento Geral da População, 1991

No sector terciário, o emprego é assegurado na maior parte pela actividade da Restauração e Hotelaria. Quarteira representa 40% do emprego no sector dos Restaurantes e Hóteis relativamente ao concelho de Loulé e 6% relativamente ao Algarve (a população empregada total representa 23% da população empregada do concelho e 3% do Algarve). A estrutura do emprego no sector terciário na freguesia, apresenta 42% de activos em Restaurantes e

Hóteis e 25% no comércio. Os serviços prestados à colectividade têm, relativamente ao concelho e ao distrito, menor importância.

Ainda segundo dados dos Censos de 91, no sector secundário, é a construção e obras públicas que mais emprego proporciona tendo as outras actividades pouco peso.

A estrutura do emprego no sector primário ocupa 80% da população nas pescas, enquanto a agricultura se queda pelos 20%. A população empregada nas Pescas em Quarteira, representa 8% do total da população empregado no Algarve.

5 - EQUIPAMENTOS

5.1 - Ensino e formação profissional

A rede de estabelecimentos de educação Pré-Escolar da cidade de Quarteira é constituída por 2 Jardins de Infância, sendo um privado e outro de Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS), que não respondem à procura existente. Ambos têm três salas com uma capacidade para 75 alunos. O primeiro apresenta uma taxa de adesão de 40%, enquanto o segundo de 100%.

QUADRO 6 - Educação Pré-Escolar em Quarteira

Jardim Infantil	Capacidade		Inscrições 1999/2000	Taxa de adesão
	N.º salas	N.º alunos		
Externato Palmo e Meio	3	75	30	40%
Centro de Apoio à Criança	3	75	75	100%

FONTE: PDM - C.M. Loulé, 12 - 01 - 2000

A rede do 1º ciclo do Ensino básico Oficial, é composta por 2 estabelecimentos na cidade - EB1 n.º 1 de Quarteira com 20 salas (10 das quais em pavilhões pré-fabricados) e EB1 n.º 2 de Quarteira, com 10 salas. Uma tem cozinha e refeitório, ambas têm recreio ao ar livre e são razoavelmente bem servidas em termos de saneamento básico.

O parque escolar referente aos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e Secundário, encontra-se desequilibrado em Quarteira, com 2 estabelecimentos, onde a procura supera oferta de instalações, embora seja

razoavelmente dotado em termos de infraestruturas básicas, instalações gimnodesportivas e de espaços de apoio.

QUADRO 7 - Escolas do 1º, 2 e 3º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário em Quarteira

Escola	Número de salas	Espaços Exteriores		Espaços de Apoio			Instalações Gimono desportivas
		Rec. e circ. cobertas	Recreio ar livre	Biblioteca	Refeitório	Cozinha	
EB1 nº1	20	Não	Razoável	Sim	Sim	Sim	Não
EB1 nº2	10	Não	Razoável	Sim	Não	Não	Não
ES/42	26	Bom	Razoável	Sim	Sim	Sim	Sim
EB/24	17	Razoável	Razoável	Sim	Sim	Sim	Sim

Fonte: PDM - C.M. Loulé, 12-01-2000

Relativamente à Formação Profissional, existe uma escola em Quarteira - a Escola Profissional de Gestão e Tecnologias Marítimas, que oferece um leque de opções considerável, com 6 cursos, e com um total de 185 alunos.

QUADRO 8 - População escolar da Escola Profissional de Gestão e Tecnologia Marítimas 1999/2000

Cursos	N.º
Gestão do Ambiente	38
Informática Fundamental	41
Recursos Marinhos/Oceanografia	42
Gestão dos Recursos Naturais e Ambiente	22
Controlo de Qualidade/Química	27
Recursos Marinhos/Tecnologia do Pescado	15
Total	185

FONTE: IEFP - Centro de Emprego de Loulé, 15-03-2000

5.2 - 3ª idade e saúde

Quarteira tem um equipamento de apoio à terceira idade, gerido por IPSS, com a valência de lar com refeitório e apoio domiciliário. Detendo uma população idosa bastante reduzida, comparativamente à população total, o que corresponde a cerca de 821 habitantes com mais de 65 anos, dispõe de uma cobertura para 37 idosos, o que actualmente se poderá considerar insuficiente se tivermos em conta o aumento da esperança de vida e consequentemente o aumento da população deste grupo etário.

Existe uma Extensão do Centro de Saúde de Loulé em Quarteira, cuja área de influência é a freguesia, onde são fornecidos cuidados médicos e de enfermagem. Dispõe de sete médicos e dois enfermeiros e o edifício não se encontra nas melhores condições, sendo necessário a construção de um novo.

Na vila existem ainda três farmácias, quinze centros ou consultórios de especialidades médicas e centros de fisioterapia, que se considera servirem as necessidades da população.

5.3 - Desporto

Relativamente aos equipamentos desportivos, verifica-se que a maioria são pertença de particulares (59), unidades hoteleiras ou similares, os restantes 5 de escolas e só 3 são municipais.

O elevado número de equipamentos privados não assegura o desenvolvimento desportivo, uma vez que o seu acesso não é possível ao cidadão comum, pelos elevados preços praticados.

Desta forma, as carências são mais sentidas ao nível dos equipamentos municipais e escolares em pavilhões e polidesportivos, bem como em actividades de ocupação dos tempos livres dos jovens e da população em geral.

QUADRO 9 - Equipamentos desportivos em Quarteira

EQUIPAMENTOS	N.º
Municipais	3
Campo de Futebol Relvado	1
Campo de Futebol Pelado	1
Pista de Atletismo	1
Escolares	5
Polidesportivo	3
Ginásios	2
Particulares	59
Campo de Ténis	33
S. Musculação	9
Golf (18 b.)	4
C. Squash	3
Piscina Aprend. Coberta	2
Campo de Golf (9 b.)	1
Parque Aquático	1
Hipodromo	1
Aerodromo	1
Marina	1
Campo de Tiro	1
Polidesportivo	1
Mini-Golf	1

FONTE: PDM - Câmara M. de Loulé

5.4 - Prevenção e segurança

No âmbito da Protecção Civil, Quarteira dispõe de 1 secção do corpo de bombeiros municipais com 8 elementos permanentes.

Quanto à segurança pública esta é feita pela GNR, que dispõe de um posto territorial na vila sendo considerado insuficiente, sobretudo na época alta, para resolver os problemas que surgem normalmente.

Está em construção 1 Quartel da GNR em Vilamoura, que servirá também de apoio ao de Quarteira, mas que já se prevê insuficiente para responder às solicitações da população residente.

5.5 - Habitação

Na última década, verificou-se um aumento significativo no número de edifícios e de alojamentos na freguesia e na Vila de Quarteira, resultado do grande impulso do sector turístico no município, que arrastou o aumento de actividade no sector da construção civil e consequentemente do sector terciário em geral (serviços de apoio à actividade turística, banca e seguros, comércio, entre outros). Este crescimento não foi acompanhado pelo aumento do número de famílias. Como resultado desta diferença existente podemos associar alguns dos problemas sociais, ligados à existência de muitos alojamentos vagos a maior parte do ano, o que poderá levar a problemas de segurança.

QUADRO 10 - Evolução do número de famílias/habitações

	Vila de Quarteira		Freguesia de Quarteira		Concelho de Loulé	
	1981	1991	1981	1991	1981	1991
Edifícios	1.784	2.570	2.668	6.488	17.619	23.768
Alojamentos	3.907	10.667	5.590	18.199	21.810	38.279
Famílias	1.872	2.618	2.383	3.313	11.956	16.799

FONTE: INE - Censos 91

Segundo dados da CCR - Renovação Urbana no Algarve 98, 79% das famílias da freguesia, residem na Vila de Quarteira, encontrando-se 59% dos alojamentos e 40% dos edifícios do total da freguesia também aqui, o que

denota o carácter habitacional da Vila relativamente ao resto da freguesia, onde predomina o alojamento sazonal.

Como caracterização genérica da antiguidade dos edifícios, segundo dados da CCR verifica-se que 1/3 dos edifícios no concelho são construídos anteriormente a 1945, o que poderá por si só denotar deficiências quanto ao seu estado de conservação e inexistência de algumas infraestruturas. Na freguesia e Cidade de Quarteira, este valor não é tão acentuado, uma vez que o grande “boom” da construção, ocorreu na década de 80.

De uma maneira geral, a maioria parte da população não tem grandes carências ao nível da existência de cada de banho, sanita, banheira, duche, água canalizada e electricidade, apresentando um nível de conforto mínimo.

Dos 2570 edifícios da Cidade de Quarteira, existem 156 edifícios em mau estado de conservação, sendo a maioria respeitante a habitações unifamiliares ou colectivas e barracas.

É ainda de salientar que alguns dos edifícios com deficiências estão desocupados ou abandonados, contribuindo assim para problemas de degradação urbana e para acolhimento de toxicodependentes e mendigos.

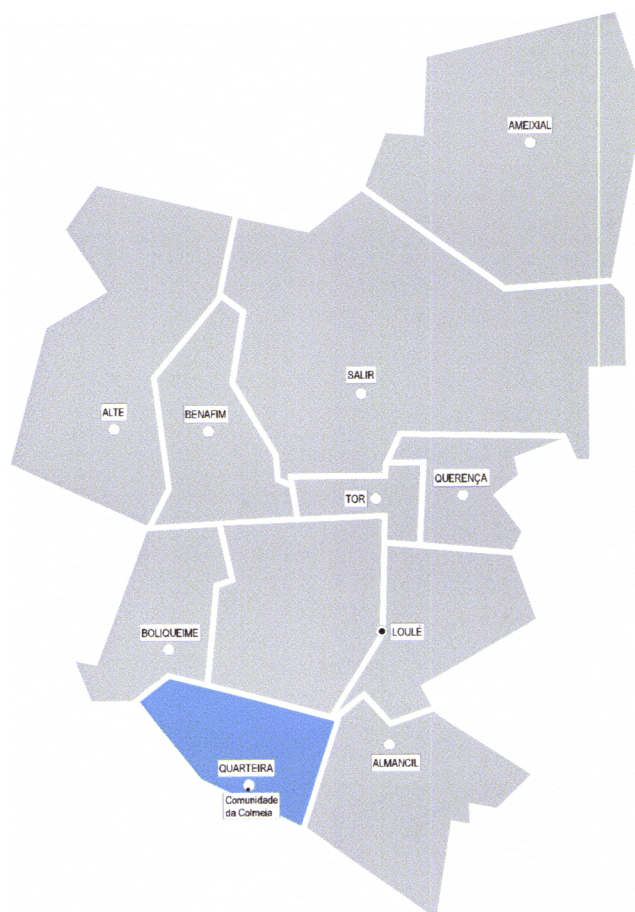
QUADRO 11 - Identificação de deficiências no edificado

Identificação das Situações/Deficiências		Estado de Conservação		Ruínas/Em perigo de derrocada	Desocupado/ Abandonado	TOTAL
		Mau	Razoável			
Edificado	Habitação Unifamiliar ou Colectiva	92	2	6	44	144
	Barracas	52	12			64
	Armazéns/Garagens	4				4
	Em Construção		6			6
	Em Construção/ Parado/Abandonado	5				5
	Outros	3			3	6
TOTAL		156	20	6	47	229

FONTE: PRVQ, CML - Junho 97

CAPÍTULO V - O CASO DA COLMEIA

1 - ENQUADRAMENTO GERAL



MAPA 3 - A Comunidade da Colmeia integrada na freguesia de Quarteira

O processo de realojamento da população residente na Comunidade da Colmeia, iniciou-se em Setembro de 1997 e a sua urgência justificou-se pelo facto do antigo “Bairro da Lata” ter sido um espaço geo-social que se caracterizava genericamente não só por uma acentuada degradação do habitat, como também por uma forte concentração de problemas económicos e sociais, sofrendo uma acentuada incidência do fenómeno da pobreza e da exclusão social.

O bairro de barracas, tal como era formado o “Bairro da Lata”, é um fenómeno associado aos processos de crescimento urbano onde os fenómenos migratórios acrescidos de uma escassa oferta de habitação inviabilizavam um alojamento condigno das populações. Estas deficientes condições de alojamento estão, também elas, associadas a outros níveis de empobrecimento articulados com fenómenos de deficiente inserção no mercado do trabalho, desqualificação da mão-de-obra e fenómenos cada vez mais relacionados com a marginalidade e exclusão social.

À caracterização do perfil da população residente em bairros de barracas associam-se populações pobres, com precárias condições de vida, habitacionais e económicas. Existe, assim, uma relativa homogeneidade social, que conduz à interiorização de uma determinada condição de existência (pobreza), limitando a um nível mínimo as aspirações e expectativas futuras.

Desta forma, devido à multiplicidade dos problemas que cada vez mais se levantam à sociedade tem-se vindo a sugerir a necessidade de se encontrar formas estruturadas de respostas sociais polivalentes que procurem atenuar/resolver eficazmente os problemas que afectam as comunidades. Tal foi o caso do “Bairro da Lata”, em Quarteira.

A Câmara Municipal de Loulé, no âmbito do seu plano de intervenção no domínio da habitação e, por forma a solucionar a situação habitacional da população residente no referido Bairro, celebrou em 12 de Maio de 1994, um Acordo de Colaboração entre o Município, o IGAPHE e o INH, ao abrigo das disposições do Decreto-Lei n.º226/87, de 6 de Junho, com vista à construção de 64 fogos em Quarteira para realojamento da população residente no “Bairro da Lata”.

Este acordo foi aprovado por unanimidade em sessão de Assembleia Municipal em 4 de Julho de 1994. Em 18 de Outubro de 1994, foi realizado o Concurso Público para arrematação da empreitada de “construção civil de 64 fogos de Habitação Social Económica a custos controlados em Quarteira”. Em Maio de 1997 ficou concluída a construção dos fogos e em Setembro do mesmo ano iniciou-se a atribuição dos fogos a 57 famílias.

2 - LOCALIZAÇÃO E EQUIPAMENTOS

O Bairro de Habitação Social da Colmeia localiza-se na periferia Nordeste da Cidade de Quarteira, a cerca de 2 Km do centro da cidade. Situa-se numa zona urbana recente que tem um Plano de Pormenor, mas sem concretização do Plano de infra-estruturas. É constituído por 64 fogos de habitação, distribuídos por 8 edifícios de 4 andares. Dos 64 fogos, 6 encontram-se devolutos e 1 corresponde ao espaço físico do Centro de Animação Infantil. Esta estrutura é gerida pelos Serviços da Divisão de Acção Social da Câmara Municipal de Loulé e tem como objectivo desenvolver actividades dirigidas às crianças do bairro com vista à ocupação de tempos livres e acompanhamento técnico daquelas que não têm acompanhamento e apoio familiar. Ao nível dos equipamentos existe ainda um polidesportivo que é utilizado por crianças e adolescentes como espaço para jogos pontuais de futebol.



Fotografia 1 - Vista geral do Bairro e Polidesportivo



Fotografia 2 - Fachada principal de dois edifícios do Bairro

3 - TECIDO SOCIAL

Na Comunidade da Colmeia residem 57 famílias correspondendo a um total de 239 indivíduos.

Tal como na freguesia de Quarteira, a população da Colmeia é muito jovem, apresentando valores elevados nas classes etárias dos 5 aos 19 e dos 30 aos 44 anos, o que deverá ser tido em consideração aquando do dimensionamento dos equipamentos colectivos, nomeadamente os escolares, desportivos e recreativos, para ocupação dos tempos livres.

Verifica-se, uma vez mais, que tanto a Comunidade da Colmeia, como a freguesia de Quarteira e o concelho de Loulé têm uma elevada percentagem de população jovem, não existindo grande diferença entre o número de indivíduos do sexo feminino e o número de indivíduos do sexo masculino.

O número de indivíduos do sexo masculino destaca-se ligeiramente na classe etária dos 10 aos 14 anos e o número de indivíduos do sexo feminino destaca-se também de forma pouco notória a partir dos 67 anos.

QUADRO 12 - Idades da população da Comunidade da Colmeia

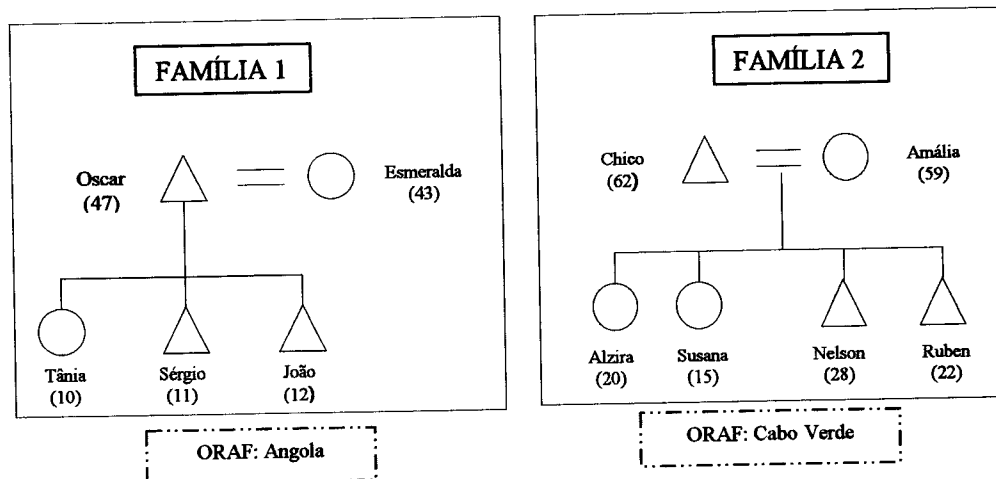
GRUPOS ETÁRIOS	Nº
0 - 9 anos	47
10 - 19 anos	73
20 - 29 anos	25
30 - 39 anos	41
40 - 49 anos	27
50 - 59 anos	14
60 - 69 anos	7
70 e + anos	5
Total	239

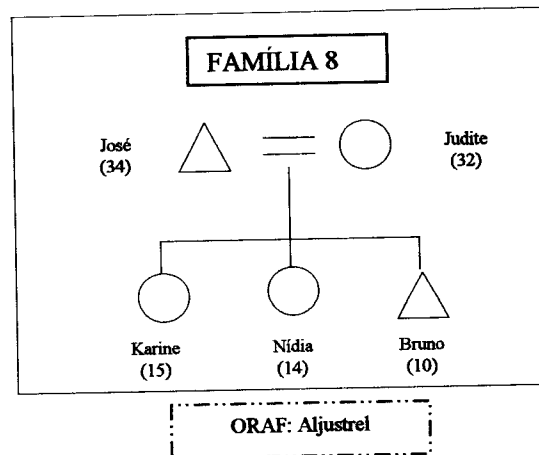
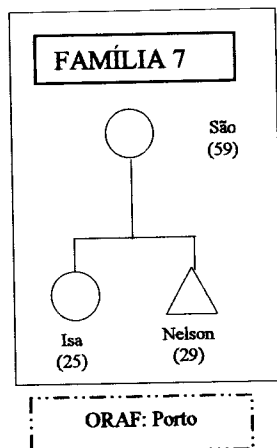
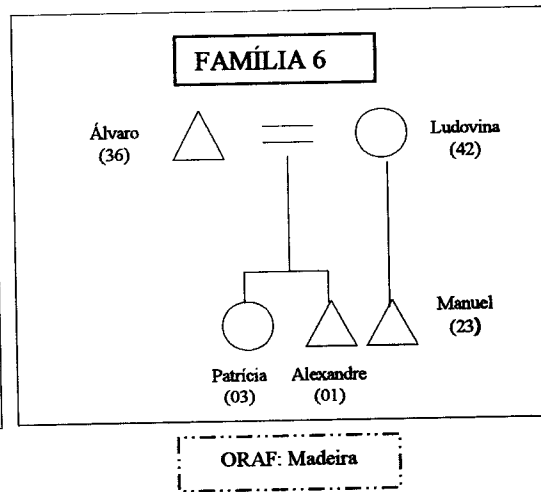
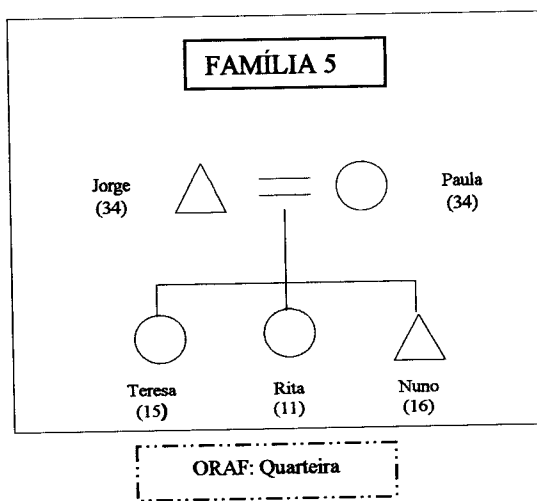
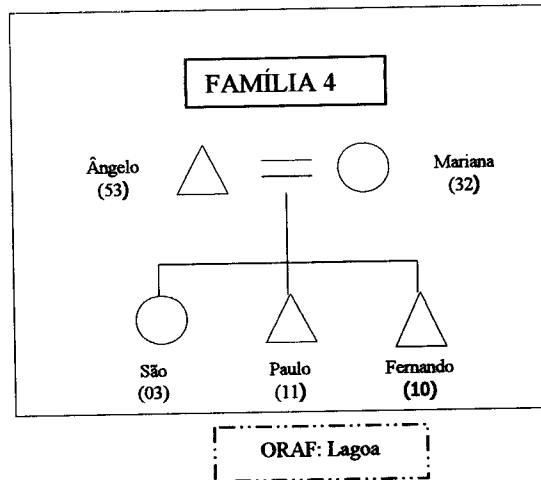
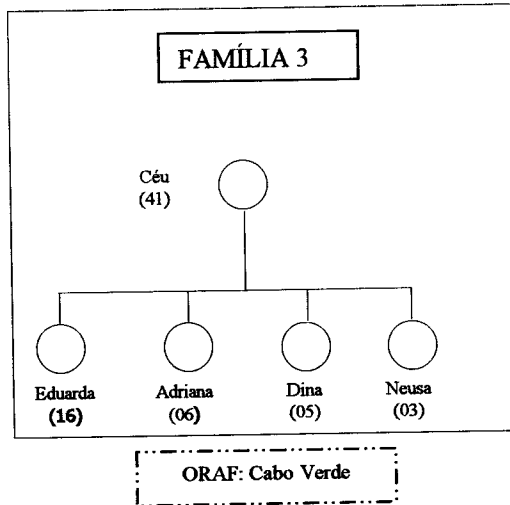
Fonte: "Levantamento da Colmeia - 1999"

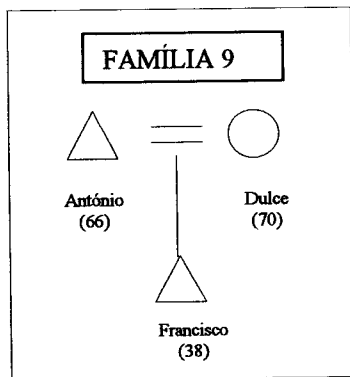
A tipologia das famílias da Colmeia é na sua maioria caracterizada por famílias nucleares, são famílias de procriação extensa (3 a 6 filhos por casal).

São famílias com origem diferenciada e que se caracterizam por um dinâmico percurso de vida em termos geográficos. Verifica-se a migração das ilhas para o continente, a migração interna e sobretudo a emigração das ex-colónias para Portugal. Estes movimentos migratórios prendem-se na maioria a motivos laborais e à procura de melhores condições de vida. De seguida apresento os diagramas familiares de todas as famílias que residem na Colmeia. Nestes diagramas indico a origem do representante do agregado familiar (ORAF) bem como a composição do mesmo. A idade dos elementos que compõem o agregado familiar é indicada entre parêntesis.

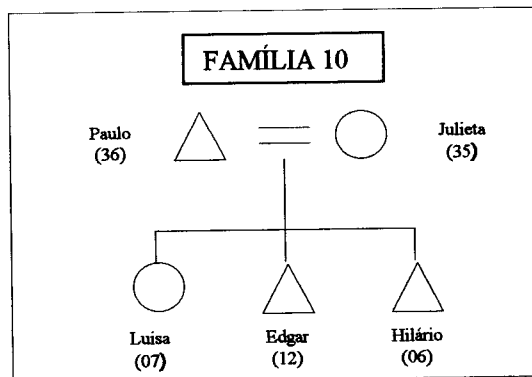
3.1 - Diagramas familiares



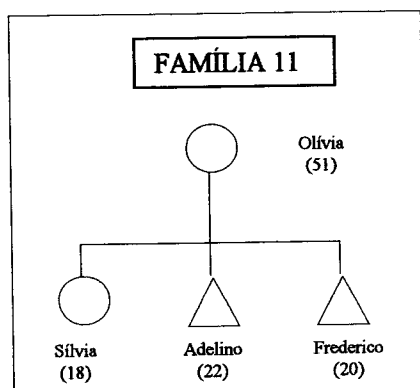




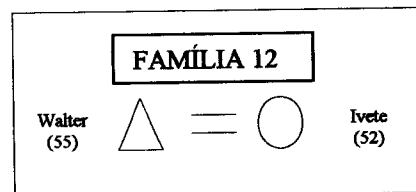
ORAF: Quarteira



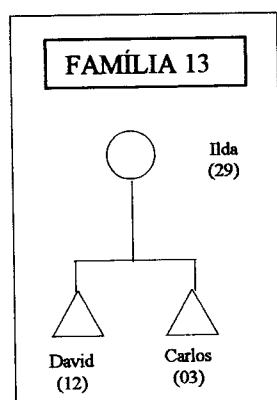
ORAF: Cabo Verde



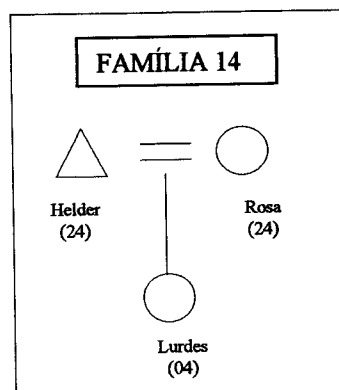
ORAF: Angola



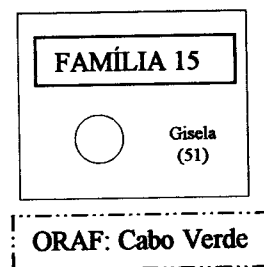
ORAF: Brasil



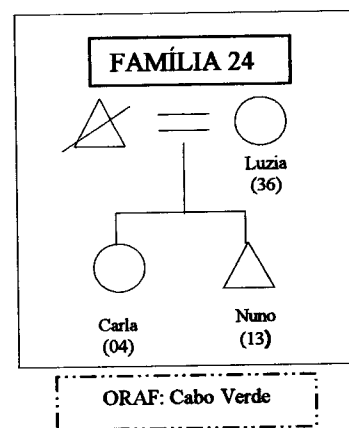
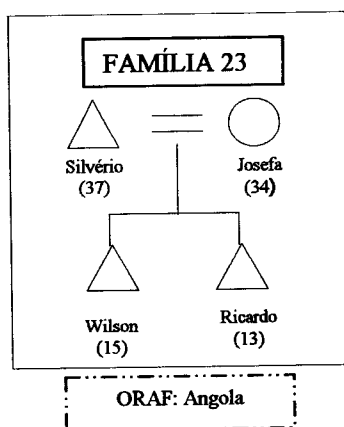
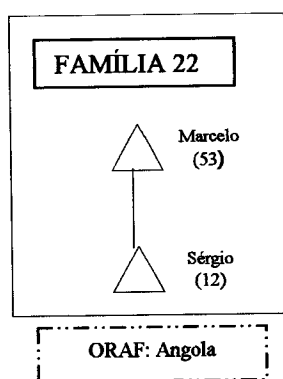
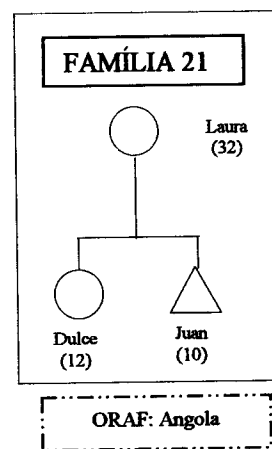
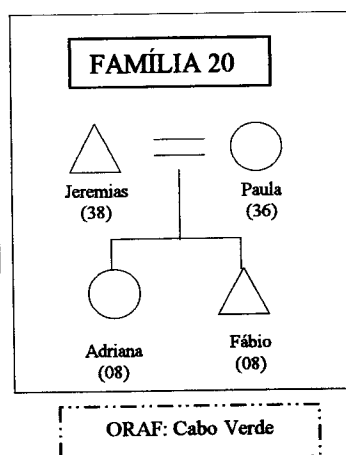
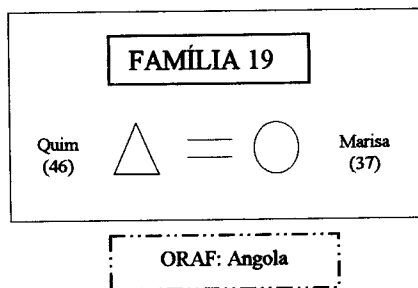
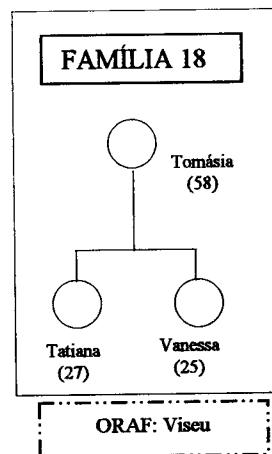
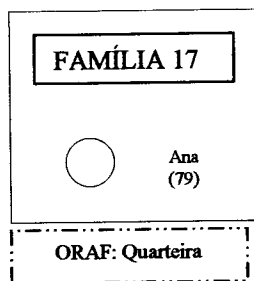
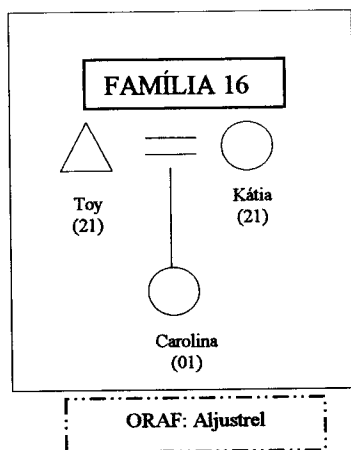
ORAF: Sines

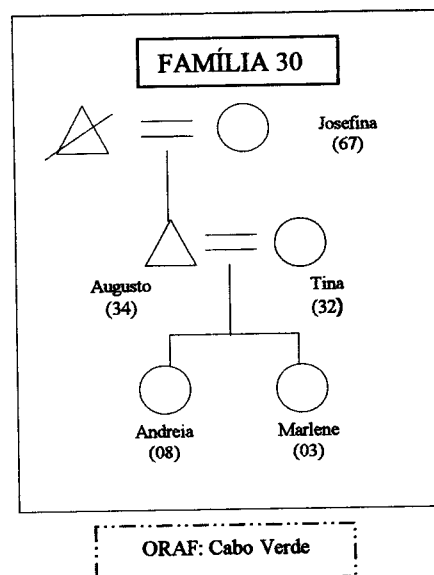
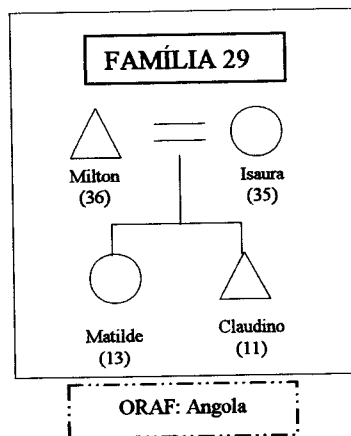
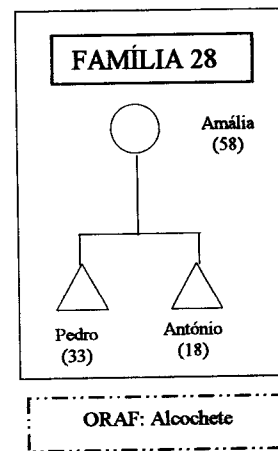
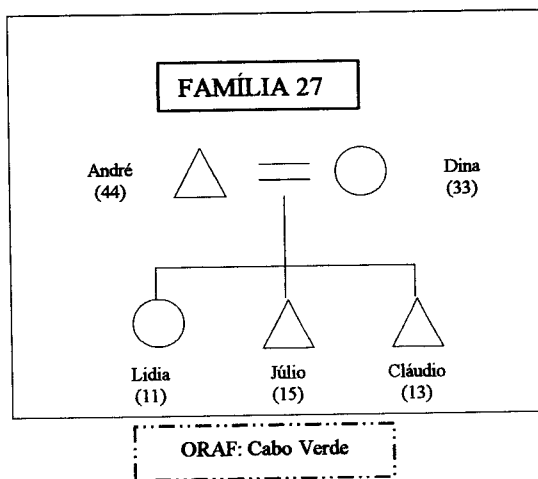
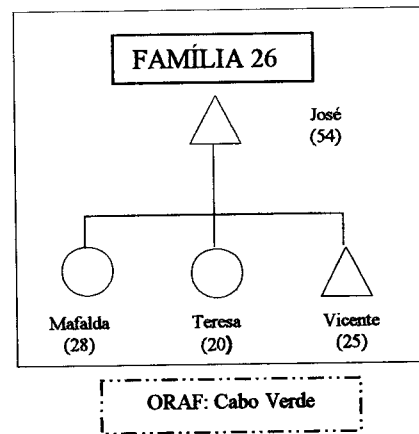
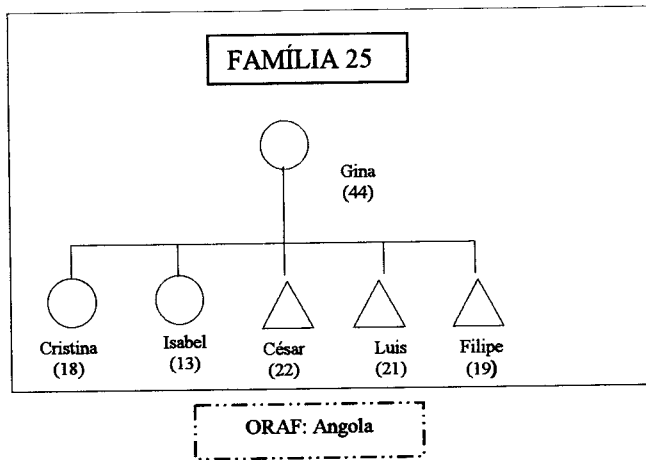


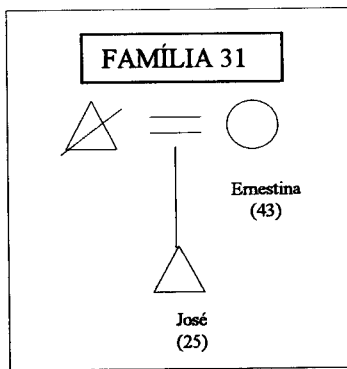
ORAF: S. Brás de Alportel



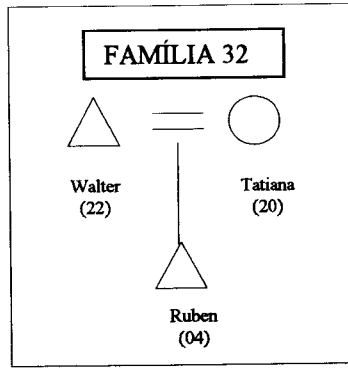
ORAF: Cabo Verde



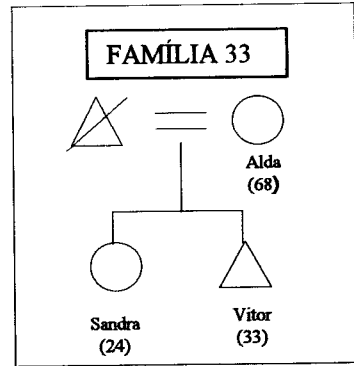




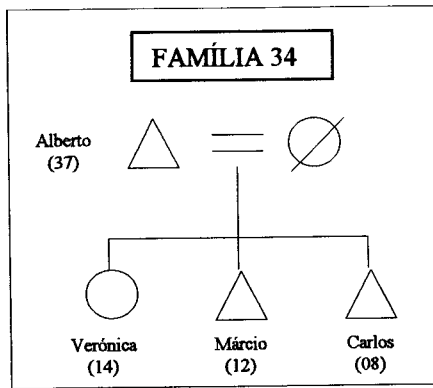
ORAF: Quarteira



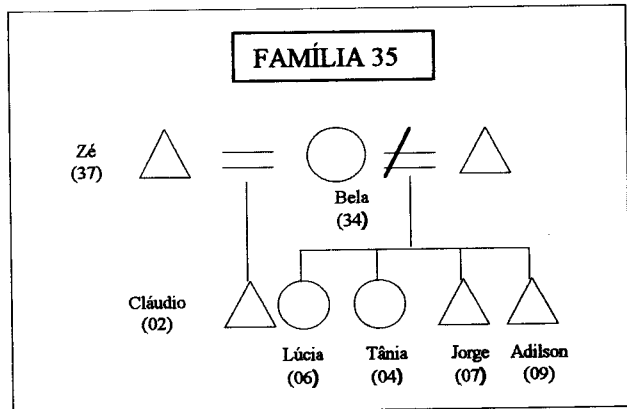
ORAF: Porto



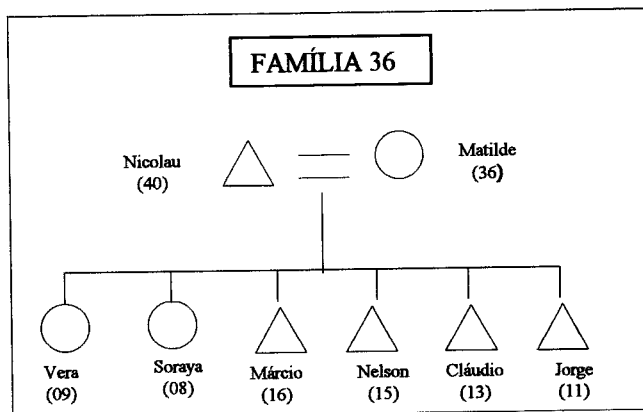
ORAF: Angola



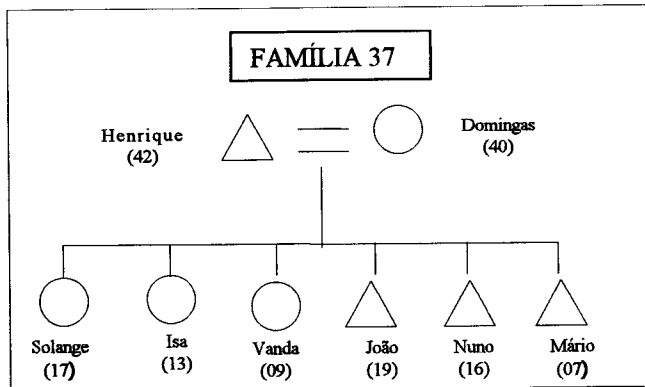
ORAF: Angola



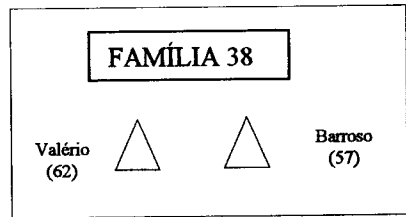
ORAF: Açores



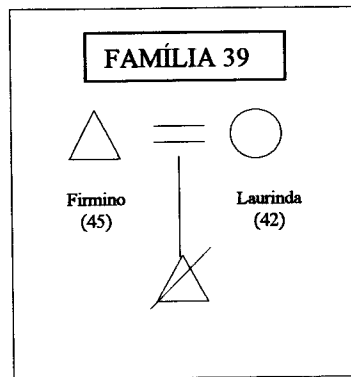
ORAF: Angola



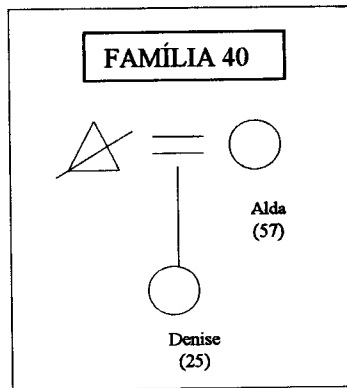
ORAF: Cabo Verde



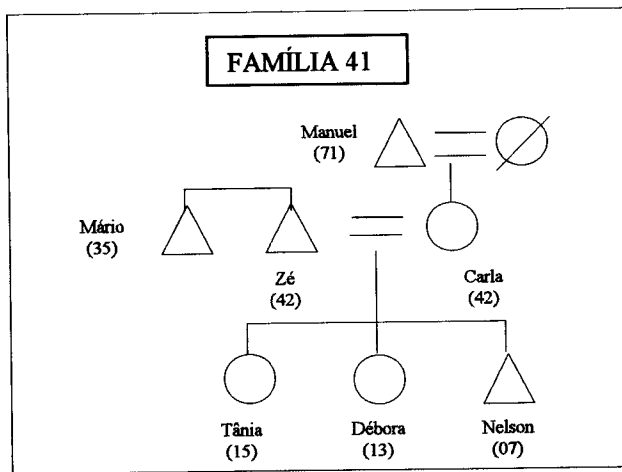
ORAF: Quarteira



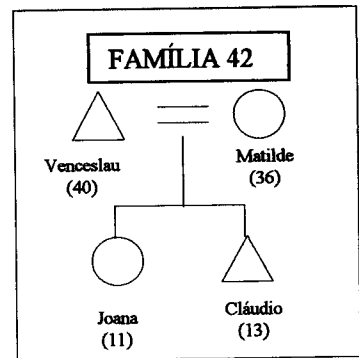
ORAF: Cabo Verde



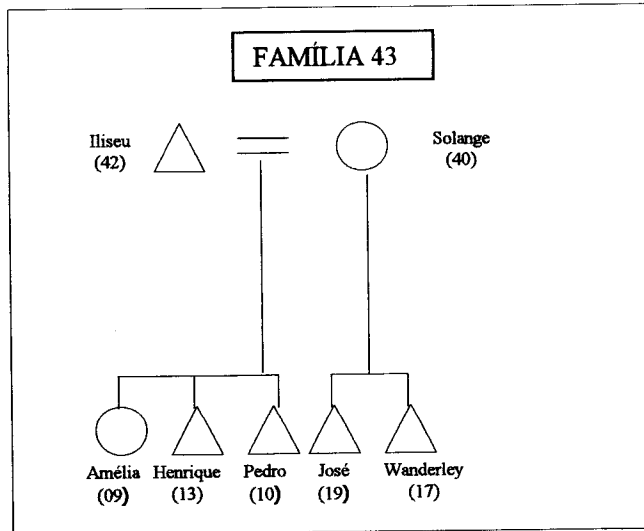
ORAF: Vila Franca de Xira



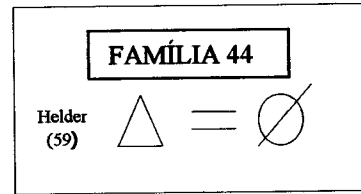
ORAF: Cabo Verde



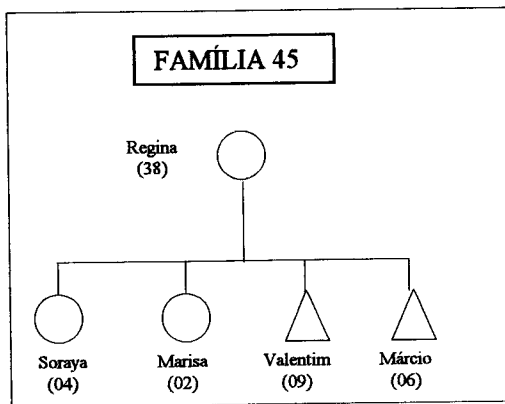
ORAF: Açores



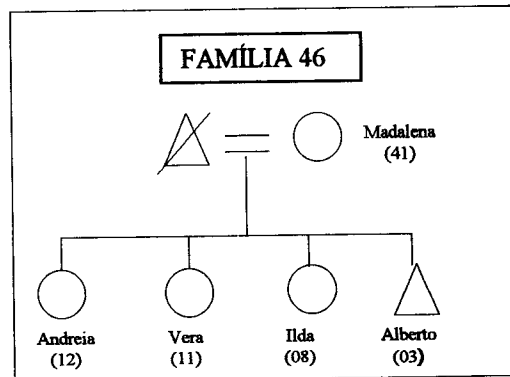
ORAF: Moçambique



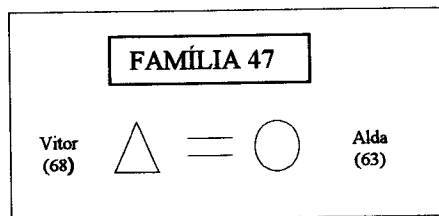
ORAF: Cabo Verde



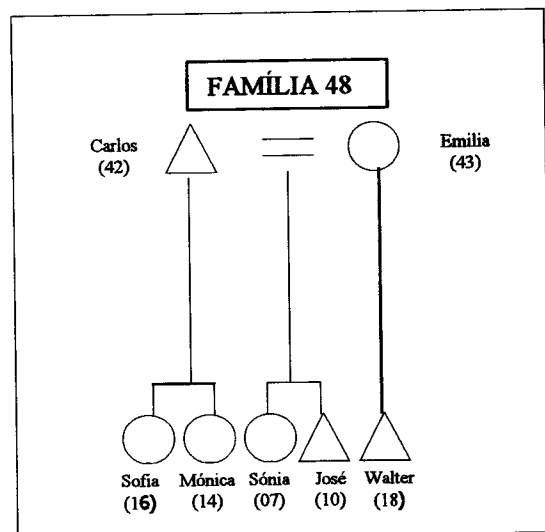
ORAF: Esposende



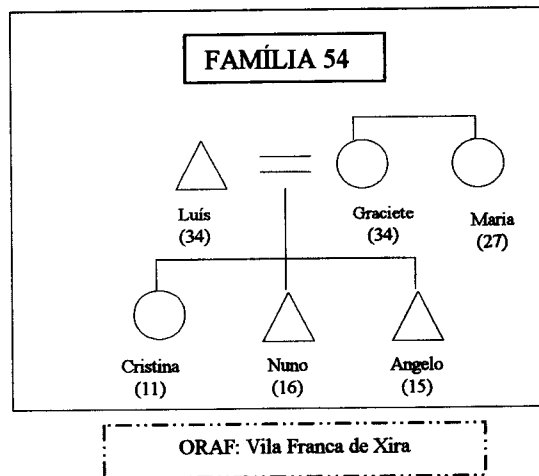
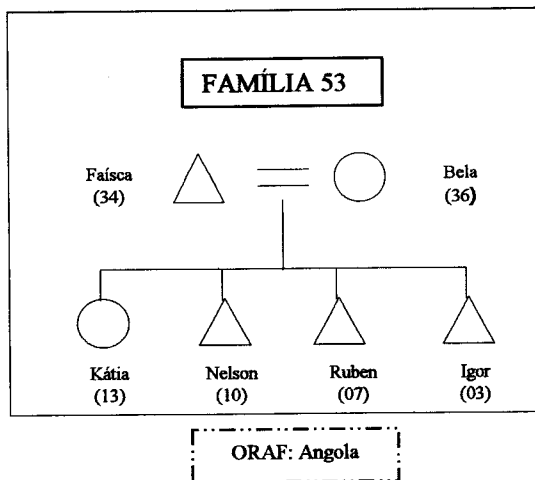
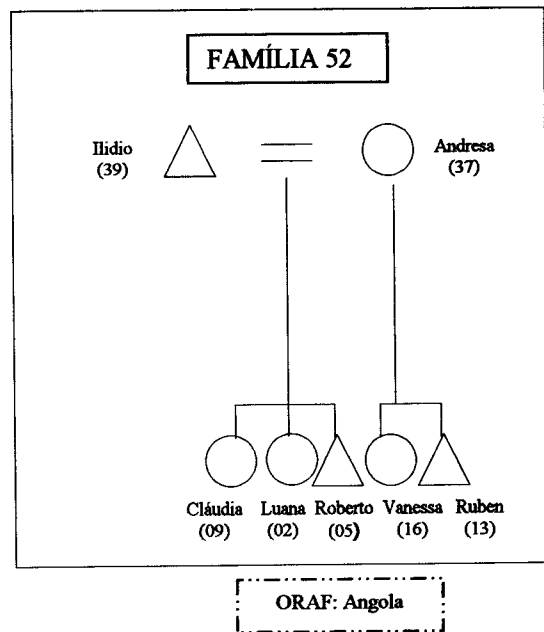
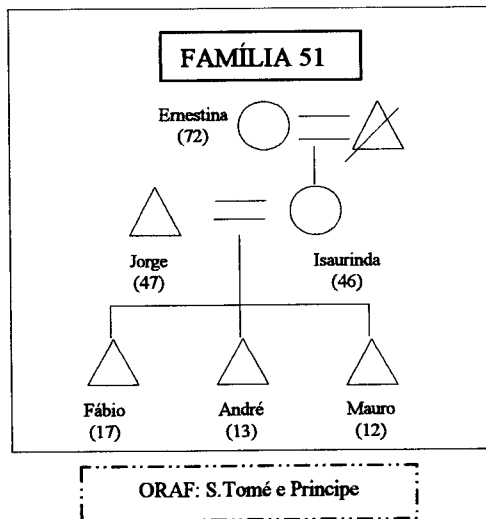
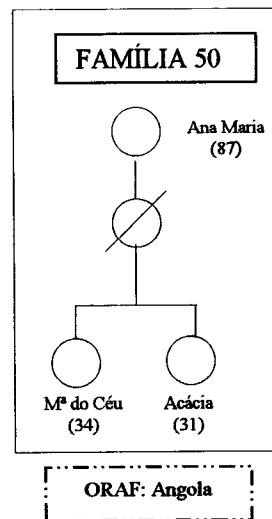
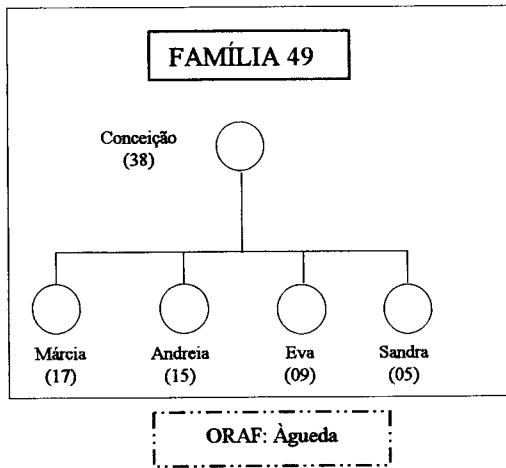
ORAF: Angola

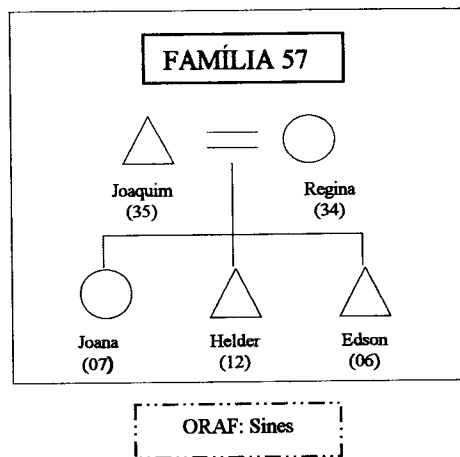
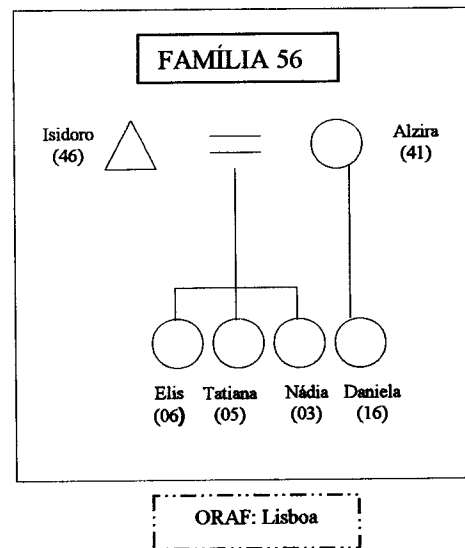
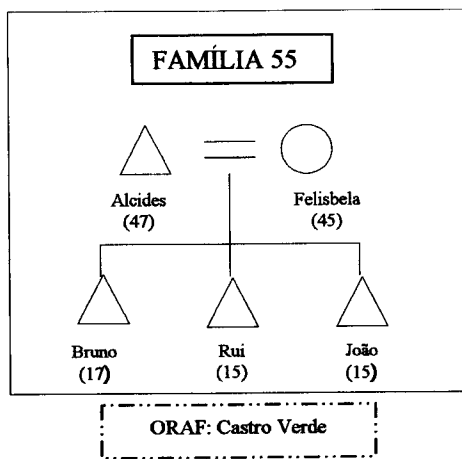


ORAF: Angola



ORAF: Cabo Verde





CAPÍTULO VI - ESTRATÉGIAS FAMILIARES DE MOBILIDADE

1 - PERCURSO DE VIDA EM TERMOS GEOGRÁFICOS

Com a independência das colónias, entre 1974 - 1976, verificou-se uma chegada significativa de africanos a Portugal, que têm como objectivo a procura de emprego e conseqüentemente a aspiração a melhores condições de vida. Neste sentido, estas migrações laborais são, sobretudo, efectuadas por pessoas em idade activa e por núcleos familiares. A integração destas famílias revelou-se problemática e constituiu um processo demorado. São múltiplos os obstáculos que estas famílias enfrentam para se integrarem numa sociedade e num universo sócio-cultural em nada semelhantes aos seus. São dificuldades de carácter material (habitação e trabalho), de natureza legal (dificuldade na obtenção de documentos) e de ordem cultural (modos de vida, tradições religiosas e linguísticas).

Acrescendo ainda a falta de educação formal, de experiência profissional e de padrões de trabalho, condições indispensáveis para a integração satisfatória numa sociedade industrial e urbana.

Dos 57 representantes dos agregados familiares, a maioria é oriunda das ex-colónias, sendo 16 de Angola, 14 de Cabo Verde, 1 de Moçambique, 1 de S. Tomé e Príncipe e 1 do Brasil.

“Olhe eu nasci em Cabo Verde, na Ilha de S.Vicente, fui para Angola em Janeiro de 1958. (...) E nessa altura, vim para Portugal ... comecei logo a exercer as minhas funções em Faro”. (Chico)

“Nasci em Moçambique ... vim para Portugal em 77. (...) vivi dezasseis anos lá em cima, depois é que vim para aqui.” (Ana)

Dos 57 agregados que residem na Comunidade da Colmeia, apenas 5 são naturais de Quarteira, são sobretudo famílias de pescadores que residiam no antigo “Bairro da Lata”, devido à proximidade deste com o mar.

19 representantes dos agregados familiares são oriundos de diferentes províncias do país. São sobretudo famílias que procuram melhores condições de vida, habitação e trabalho. O desenvolvimento turístico de Quarteira a partir dos anos 60, permitiu também o crescimento da construção civil, indústrias e comércio, tornando-se uma zona de eleição residencial para muitas famílias.

“Eu nasci nos Açores ... viemos para a Madeira ... da Madeira depois viemos para aqui. (...) viemos logo para aqui para Quarteira.” (Bela)

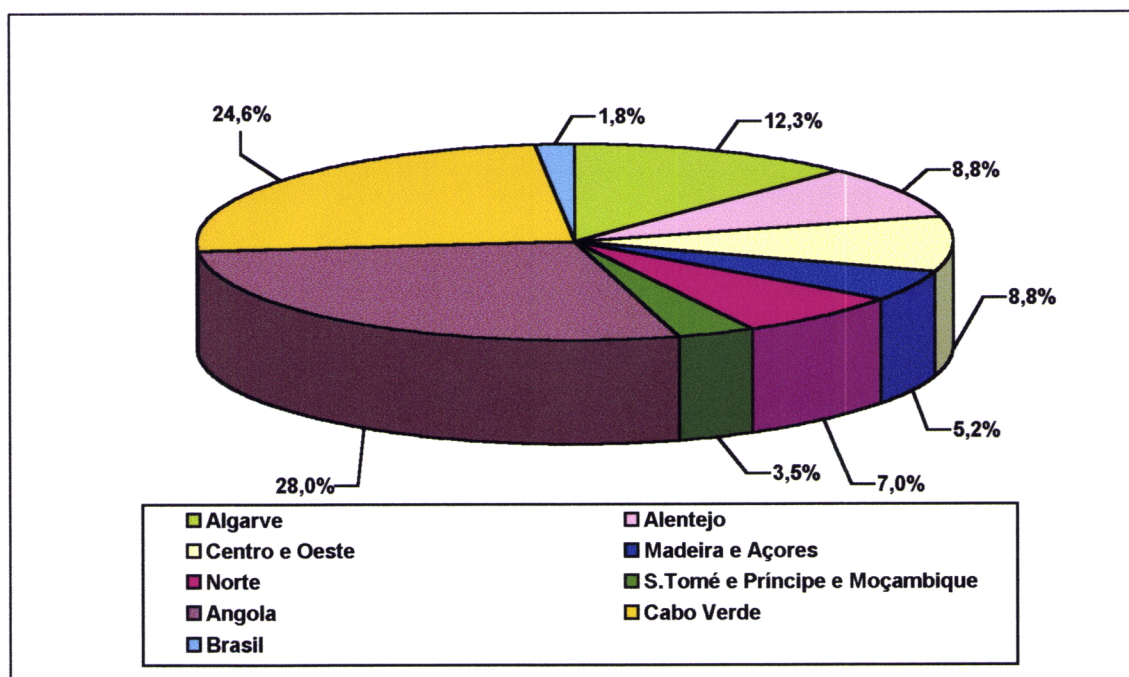
“Nasci em Alcochete. (...) Fui viver ali para os lados de Vila Franca ... depois vim para o Algarve.” (Amália).

QUADRO 13 - Origem da família

Origem da Família	Nº
Angola	16
Cabo Verde	14
Moçambique	1
S. Tomé e Príncipe	1
Brasil	1
Açores	2
Madeira	1
Lisboa	1
Porto	2
Alcochete	1
Águeda	1
Lagoa	1
Sines	2
Esposende	1
Viseu	1
Aljustrel	2
Castro Verde	1
S. Brás de Alportel	1
Vila Franca de Xira	2
Quarteira	5
Total	57

Fonte: “Levantamento da Colmeia - 1999”

GRÁFICO 7 - Origem da família



Fonte: "Levantamento da Colmeia - 1999"

A atracção pelo litoral, neste caso por Quarteira, significou segundo o discurso de alguns entrevistados, a procura por melhores condições de vida de entre os quais o processo de mobilidade geográfica prende-se com motivos de carácter pessoal e profissional.

"O meu pai foi transferido para trabalhar (...) trabalhava nas obras."
(Bela)

"(...) Já estava saturado, portanto, e já não podia aguentar a situação da guerra. Portanto, agarrei na família toda. A mulher e os filhos, e vim para Portugal."(Chico)

2 - PERCURSO PROFISSIONAL

O baixo nível de habilitações literárias é uma das características desta população, facto que influencia as condições de acesso ao mercado de trabalho. As mulheres empregadas concentram-se em profissões ligadas à Hotelaria e restauração (empregadas de limpeza, ajudantes de cozinha), ao cuidado da casa e dos filhos e a sectores de actividade indiferenciada. Os

homens situam-se sobretudo no sector da construção civil (pedreiro, afagador, montador de andaimes, pintor, etc.).

O início da actividade profissional, na maioria dos entrevistados, revela trabalho infantil.

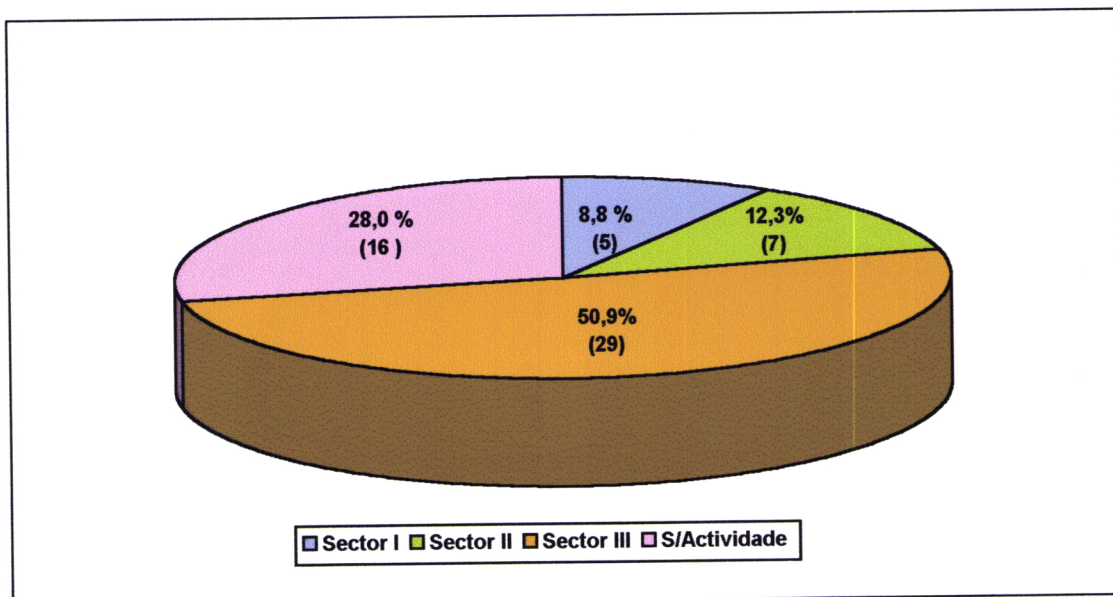
“(...) Tinha eu por volta dos meus catorze, quinze anos (...) apanhar tomates, cebolas, essas coisas assim de horta (...) estive em Lisboa ... por volta de uns dois, três anos. (...) Fazia a lida da casa (...) vim p’ra baixo e depois comecei a trabalhar aqui no restaurante do Leonel, prontos no tempo do verão ... a trabalhar na copa.” (Bela)

“(...) E em treze ... saí de baixo das saias da minha mãe ... a minha mãe pôs-me numa fixa e eu depois comecei a sentir uma grande falta da minha mãe e do meu pai. (...) Já não fui servir mais. Depois comecei a fazer malhasinhas para Lisboa. (...) Depois vim para o Algarve (...) tive uma banca de peixe (...) e ... como faço estes trabalhos de costura (...)” (Amália)

“(...) Portanto aos 13 anos de idade fui trabalhar para uma empresa, estrangeira. (...) a profissão de torneiro mecânico. (...) e depois fui para Angola ... fui trabalhar nas construções de estradas. (...) através do fundo de desemprego, fui trabalhar, portanto como vigilante na escola primária ... para Quarteira.” (Chico)

Se a decisão de partir para o Litoral tinha subjacente a procura de melhores condições de trabalho, parece-me que esta mudança não permitiu uma promoção profissional significativa, na medida em que a inserção profissional fez-se para a grande maioria a um nível pouco qualificado, prevalecendo a situação de trabalho precário.

GRÁFICO 8 - Sector de Actividade do representante da família



Fonte: "Levantamento da Colmeia - 1999"

3 - PERCURSO HABITACIONAL APÓS A VINDA PARA O ALGARVE

Este percurso de mobilidade geográfica implicou necessariamente a instalação de nova residência, muito embora esta mudança não tenha proporcionado condições condignas de habitabilidade a estas famílias, que na sua maioria passou por uma vivência de barracas. Porém, o seu percurso habitacional permitiu o acesso a uma habitação social.

"(...) A gente quando viemos, viemos para uma casa que o meu pai tinha alugado (...) Depois começaram a fazer as barracas no Bairro e lá fomos a gente todos para lá (...) Depois mudámo-nos para aqui para a Colmeia."
(Bela)

"Morávamos em quartos de cama (...) de ali dos apartamentos em Março tínhamos que sair (...) De maneira que então a gente pensou em comprar aquela barraca ali no Bairro." (Amália)

"(...) Fui viver num sítio, acho que não estava preparado, para viver ... no Bairro da Lata (...) donde permanecemos ali até Out. 97" (Chico)

4 - ANTIGO BAIRRO - OPINIÕES

A inexistência de infra-estruturas de acolhimento e integração destas populações migratórias, bem como a ausência de uma política de habitação que responda às necessidades, contribuem para aumentar a proliferação da habitação degradada. Surgem, assim os bairros de habitat espontâneo que devido às suas características (falta de infra-estruturas, de saneamento básico, de ordenamento territorial, etc.) em zonas periféricas, favorecem o isolamento social dos residentes, ou seja, a formação de “Guethos”.

Como já referi, o facto de se viver em “Bairro de Lata” e concretamente num habitat que denota traços evidentes de degradação, constitui um factor de estigma e de exclusão social, demarcando desde obstáculos ambientais e relacionados com a comunidade envolvente.

Face ao antigo Bairro verificam-se sentimentos ambíguos de saudade e de repulsa.

“Gostava de morar lá (...) uma pessoa lá metia música à vontade e, pronto fazia muito barulho ... lá sempre dava para a gente ir à praia um bocadinho (...) Agora já não dá assim para a gente conviver (...) Tenho saudades do Bairro, tenho. (...) Mas para voltar a morar para aquele sítio onde eu vivi, não! Aquilo que eu passei... três cheias! Fiquei sem nada (...)”
(Bela)

“(...) era tudo bom pessoal. Eu gostei sempre de viver lá ...! era mesmo ao pé da praia, aquilo ali era maravilhoso! (...) o pior ainda foi o mar entrar dentro da minha casa três vezes, aquilo degradou-se tudo. (...) tive muito medo! Tive, tive.” (Amália)

Relativamente à percepção quanto à zona de residência d antigo Bairro de Lata, a maioria dos entrevistados apontou vários níveis de insatisfação: as cheias, a degradação habitacional, a toxicodependência, a prostituição e a insegurança.

Estas questões aparecem bem demarcadas nas seguintes passagens:

“(...) os incêndios eram constantes (...) o Bairro foi sempre um sítio com muita gente indesejável ... devido à droga, à prostituição, e à miséria (...).” (Chico)

“(...) aquilo a gente tinha sempre medo quando havia aqueles rapazes com aquela vida, nem vale a pena explicar ... sentia medo, sentia medo à noite, quando eles corriam ... a gente sentia aquele correr, às vezes ouvia tiros, ouvia tiros .. de onde vinham não sei.” (Amália)

Mas, a par desta nostalgia e negatividade em que é conotado o Bairro ressaltam aspectos positivos que dizem respeito às relações de vizinhança mais profundas, ao maior convívio entre os residentes, promovendo o estabelecimento de relações de convivialidade mais intensas, à proximidade da praia e a uma maior liberdade.

CAPÍTULO VII - QUADRO ACTUAL DE VIDA

1 - ESTRUTURA FAMILIAR

A análise dos antecedentes familiares permitiu captar as mudanças induzidas pelo processo de emigração/migração na estrutura familiar.

O percurso de vida dos pais dos entrevistados também permitiu identificar as estratégias familiares de mobilidade, que se prendem muitas vezes a motivos profissionais, como já referi no capítulo anterior.

A maioria dos agregados familiares da Comunidade da Colmeia é constituída por famílias nucleares com filhos (27 famílias). A monoparentalidade, sobretudo mulheres com filhos é significativa (15 famílias). A maior parte destas famílias são constituídas por mães solteiras, muitas vezes com filhos de diferentes progenitores.

Existem 4 casais que não têm filhos, 3 famílias monoparentais - homem com filhos, que estão relacionadas com situações de viuvez ou abandono do lar por parte da progenitora.

Existem 3 indivíduos que vivem sozinhos e que são viúvos ou divorciados, e 5 outras situações, que correspondem a famílias alargadas (casal com filhos e sogro/a, ou casal com filhos e irmão/a, ou casal com filhos e sobrinho/a, etc.).

As famílias da Colmeia têm um número significativo de filhos por casal. Existem 22 famílias com 3 a 4 filhos e 7 famílias com 5 a 6 filhos.

“(...) Tenho seis filhos.” (Amália)

“Cinco.” (Bela)

“Seis, são seis filhos.” (Chico)

Também as famílias de origem são extensas, na maioria dos entrevistados.

“Neste momento estou e muito feliz. Não esperava o homem que eu arranjei! (...) E eu no fim acabei arranjei um bom marido. Dá tudo aos meus filhos. Trata bem a eles (...) e Graças a Deus que é uma pessoa impecável e agora estou bem de vida.” (Bela)

A família constitui uma das principais instituições de reprodução biológica e social, a sua estrutura tem um grande peso na vulnerabilidade à pobreza, na medida em que o desempenho de tarefas no lar, aliada a encargos familiares muito pesados, cuidado dos filhos e por vezes de idosos, condiciona toda a disponibilidade para o desempenho de actividades assalariadas por parte das mulheres.

“(...) e depois mais tarde vieram os filhos (...) são seis filhos (...) portanto, a minha mulher sempre doméstica. Ficava em casa. Nunca trabalhou. Quer dizer, nunca trabalhou fora de casa (...)” (Chico)

“(...) Fiquei grávida, impediu-me de continuar a trabalhar. E foi assim ...” (Ana)

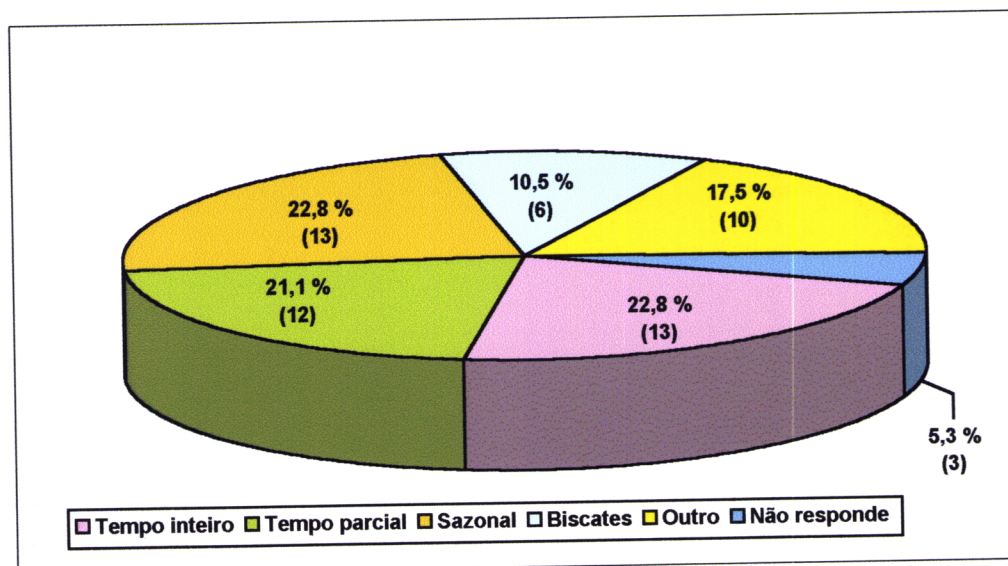
Relativamente à situação profissional dos elementos responsáveis pelo sustento do lar é condicionada por diferentes factores: uns de natureza individual, relacionados com os atributos dos indivíduos; outros com carácter social, designadamente, as características do sistema de emprego. Verifica-se que apenas 13 dos inquiridos têm uma ocupação profissional a tempo inteiro. Cerca de 73% dos inquiridos têm uma situação profissional precária, caracterizada por trabalho sazonal e trabalho em regime de biscates, sobretudo nos meses de verão.

Esta situação profissional traduz-se numa certa clandestinidade e num acumular de desvantagens que impedem o acesso a determinadas regalias sociais.

“(...) e depois comecei a trabalhar aqui no restaurante ... no tempo do verão ... só no inverno é que é um bocado chato! Vou para o fundo de desemprego.” (Bela)

“(…) e como faço estes trabalhos de costura (…) porque só tenho o rendimento mínimo.” (Amália)

GRÁFICO 10 - Representação da situação familiar



Fonte: “Levantamento da Colmeia - 1999”

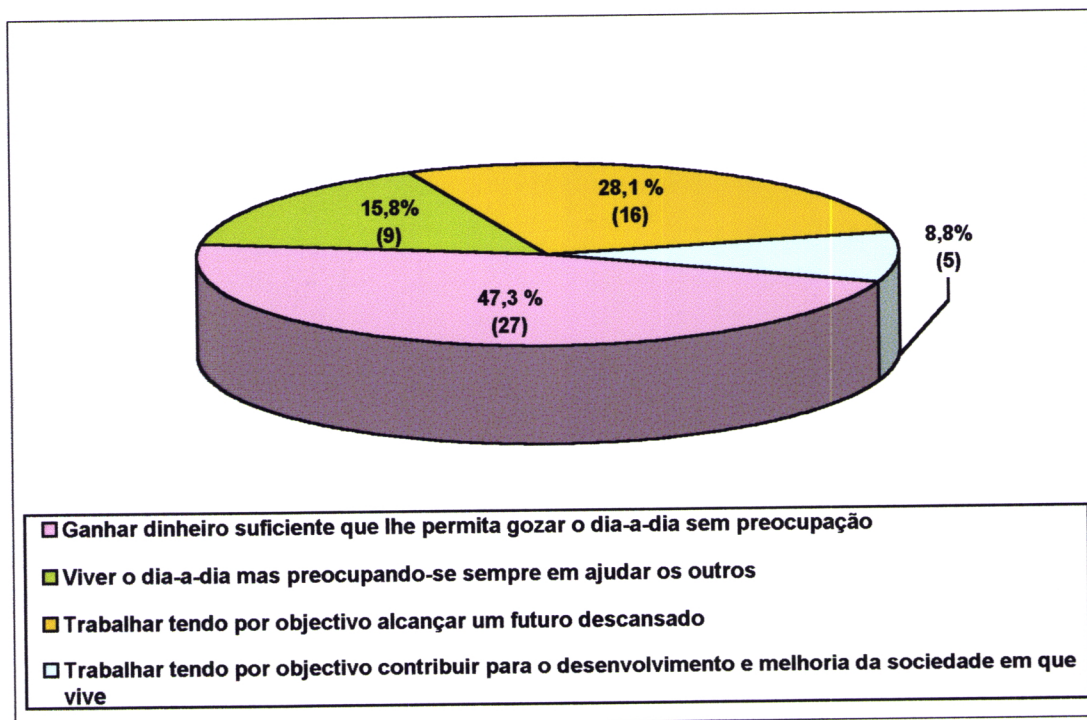
27 inquiridos identificaram-se com o Modelo de Vida: “Ganhar dinheiro suficiente que permita gozar o dia-a-dia sem preocupação”. Luís Capucha identifica este modo de vida como prazer imediato. Este é característico das famílias de rendimento incerto e não muito abundante, ou as que obtêm os seus rendimentos através de actividades marginais. O seu consumo está associado à ostentação - cada vez que há dinheiro - há comida e bebida excessiva e por objectos da tecnologia de ponta. Toda a sua vida é estruturada em função do prazer que possam obter no presente, independentemente dos cálculos futuros. A estratégia de vida assenta no prazer convivial, no expediente e na dependência da assistência, para o que desenvolvem diversos estratagemas de manipulação da própria imagem. 16 inquiridos identificam-se com o Modelo de Vida: “Trabalhar tendo por objectivo alcançar um futuro mais descansado”. Este modo de vida é identificado por poupança. Os produtos que consomem são os mais baratos, à excepção dos momentos de reunião familiar e outras festividades, nas quais apresentam um consumo ostentatório. A sua estratégia de vida baseia-se no acumular poupanças. O seu tempo é vivido em função do futuro, no qual

investem em detrimento do bem-estar actual. Mantêm uma forte identidade cultural, preservando os valores próprios da sua origem.

De acordo com Luis Capucha (1990), as profissões dos elementos do agregado familiar estão directamente relacionadas com os modos de vida.

Do levantamento efectuado é possível elaborar o seguinte gráfico:

GRÁFICO 11 - Modelos de vida com que se identifica



Fonte: "Levantamento da Colmeia 1999"

A falta de consciência da situação de pobreza é reveladora do baixo nível de aspirações e expectativas face ao futuro, devido à vivência prolongada em meio empobrecido.

"(...) Não ... por acaso nunca tive assim sonhos ... mas o meu sonho que eu tinha mesmo (...) que sempre sonhei foi mais um. Seis filhos. Sempre sonhei desde pequenina ter seis filhos." (Bela)

Na forma como gostariam que fosse a sua vida os entrevistados referem elementos de ordem familiar e ou pessoal, escolar, profissional, habitacional.

“Ah, eu a única coisa que sempre desejei na minha vida era ter um torno mecânico, meu, para que eu pudesse, ... fabricar algumas peçazinhas ... de estimação.” (Chico)

“Gostava mais de ter a minha casinha, de viver mais no meio da sociedade ... e ter assim um lugar para trabalhar (...) era como se me saísse um totoloto.” (Amália)

Também é formulado o desejo de concretização de um investimento para os filhos e netos ao nível escolar e profissional.

“Eu gostaria que os meu netos estudassem.” (Chico)

“(...) pelo menos que elas pudessem estudar até que elas tirassem um curso e sei lá ...” (Ana)

Em resumo, relativamente aos três entrevistados foi traçado perfil psico-social com base na análise dos dados das histórias de vida e que pretende de forma sucinta apresentar as características que este indivíduos têm em comum, bem como aquilo que os distingue e que podemos observar através do quadro que se segue.

QUADRO 15 - Perfil Psico-social dos entrevistados

Pontos de análise	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3
Condição socio-económica de origem	Baixa	Baixa	Baixa
Condição socio-económica actual	Baixa	Baixa	Média-Baixa
Nº de elementos da família de origem	Extensa	Média	Extensa
Nº de elementos da família de procriação	Extensa	Extensa	Extensa
Trabalho Infantil	Sim	Sim	Sim

Pontos de análise	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3
Tipo de Trabalho	Precário	Precário- Biscates	Reforma
Relações conjugais	Instáveis	Instáveis	Estáveis
Tipo de discurso	Desarticulado e exuberante	Saudosista e deprimido	Objectivo e realista
Integração no antigo bairro em termos humanos	Total	Total	Não se identificava com o modo de vida do bairro
Integração no novo bairro em termos humanos	Desenraizada	Desenraizada	Não se identificava com o modo de vida do bairro

Fonte: Análise de conteúdo- Colmeia 2000

2 - VIDA LOCAL: A CASA E AS CONVIVIALIDADES

Os bairros sociais são construídos com os cuidados necessários que permita uma boa habitabilidade e salubridade apesar de serem habitações de custos controlados, mas são bairros destinados a ser ocupados pelas populações provenientes dos bairros de barracas ou de outras situações também degradadas.

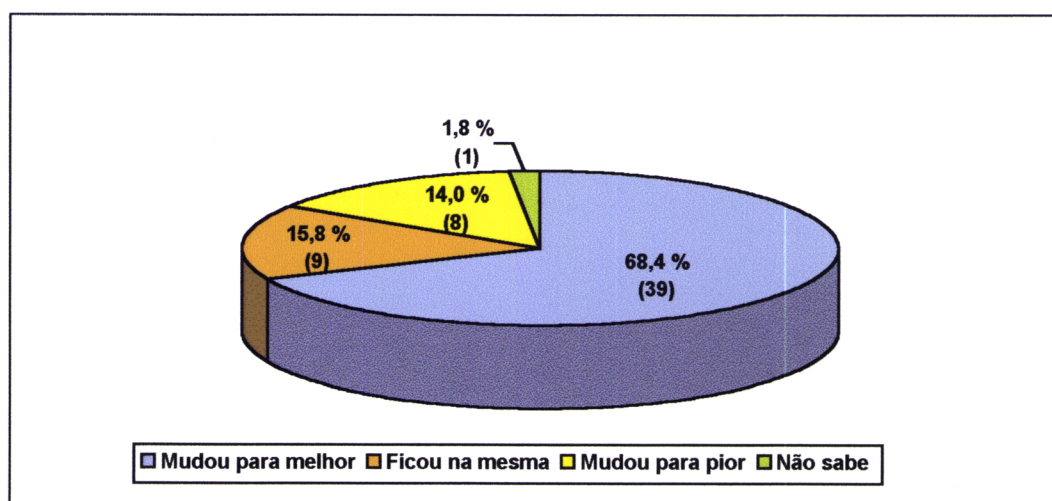
São bairros estigmatizados, o facto de residir neles constitui um indicador de exclusão que a única habitação a que se teve acesso revela.

Uma análise das condições de habitabilidade na Comunidade da Colmeia, manifestadas pelos entrevistados no decurso das histórias de vida, denotam satisfação relativamente à melhoria das condições de habitação.

“Fique muito contente por mudar de casa! Gosto de ter outras condições que não tinha ali, não é. (...) A casa é boa.” (Amália)

“(...) Como também de viver numa casa digna, com condições, muitíssimo diferente daquela que eu vivi (...) Para mim foi uma grande alegria e agradeço bastante.” (Chico)

GRÁFICO 12 - Significado da mudança para a actual casa



Fonte: "Levantamento da Colmeia - 1999"

Por seu turno existe ambivalência, por um lado consideraram boa a casa e por outro lado atribuir-lhe uma conotação negativa tendo em conta o maior isolamento, a menor liberdade nos comportamentos e as relações de vizinhança mais impessoais.

Esta ambivalência é manifestada em discursos como os destes entrevistados:

"(...) uma pessoa lá metia música à vontade e, pronto, fazia muito barulho e aqui já não consegue fazer nem nada." (Bela)

"(...) Mas mesmo assim eu gostava de viver mais no meio da sociedade. Estou muito isolada! Sinto-me um bocadinho triste (...)" (Amália)

É possível observar que a dimensão funcional da extensão do espaço doméstico deixa de ter tanto sentido em situações de realojamento destas famílias, no pressuposto de que as novas condições habitacionais suprimem as carências que a implicavam. Porém, a sua dimensão simbólica e de suporte de sociabilidade também se perde, sem que seja acompanhada por uma evidente perda das necessidades que as suportavam no antigo cenário residencial.

O antigo "Bairro da Lata" era caracterizado por um uso bastante intenso e importante dos espaços imediatamente exteriores ao alojamento. A

rua transformava-se no seu prolongamento, possibilitando uma abertura da vida doméstica.

No novo bairro a casa aparece como um desafio a um projecto, como suporte de uma esperança para a promoção do estatuto residencial e como o centro das atenções numa perspectiva de aumento do conforto. A casa transforma-se no verdadeiro centro da vida quotidiana do Bairro. A perda dos espaços exteriores incentivam ao isolamento e à privacidade pelos novos espaços que dispõem.

O modo de inserção no lugar de chegada e as formas de inserção social são muito diversificadas e estão relacionadas com as características: motivação da própria migração, estratégia de inserção laboral muitas vezes em continuidade com tradições étnicas distintas, com as particularidades culturais de cada comunidade.

A inserção social, segundo Isabel Guerra (1997), compreende a necessidade que o indivíduo tem enquanto ser social de estabelecer relações sociais com os outros actores.

Este conjunto de relações configuram-se num determinado espaço e tempo. O espaço é constituído pelas redes primárias (família, vizinhos e amigos) e pelas redes secundárias (organizações e instituições) que, quando activadas permitem a participação efectiva dos indivíduos na comunidade.

“Se o espaço é construtor de práticas, identidades, contradição e tradição, também é revelador das condições de existência dos que lá habitam. O bairro é gerador de práticas, trocas reais e simbólicas, é espaço simultaneamente de conflito e solidariedade, de proximidade e rejeição. Tanto reforça a identidade como a dilui, consoante a intensidade e qualidade das trocas e os actores em presença” (Costa 1995: 107)

Assim, os novos cenários habitacionais, os espaços primários (a casa) ganham maior importância e opõem-se aos terciários (a rua) sem que se registre uma importante existência dos espaços secundários.

Na esfera das redes de vizinhança. Estas assumem por um lado um factor de convivialidade e por outro lado, um clima de pouca abertura.

Relações cordiais entre vizinhos, mas sem inter-relação.



“(...) Ir a casa das pessoas a gente não vai porque não temos tempo. Mas assim em dias de folga se a gente vir ali uma lá fora, sempre damos um pézinho de conversa.” (Bela)

“Eu é que não tenho antemidade com as pessoas! (...) são tudo pessoas que me tratam bem (...) simplesmente não tenho convívio. Nunca me faltaram ao respeito. É ... Boas pessoas ... são, as minhas vizinhas, não tenho nada que estar a dizer mal (...)” (Amália)

“(...) quer dizer, não digo ... que não, que não convivo com os vizinhos até porque nesse aspecto sou uma pessoa muito social, é que o meu problema é que, também não estava habituado a conviver com essas pessoas (...) e portanto eu evito (...) certas convivências (...)” (Chico)

Se se verificam indicadores da existência de relações de vizinhança impessoais, também se verifica que as relações de amizade com os residentes que vêm do antigo “Bairro da Lata”. São redes de relações pré-existentes, com laços de sociabilidade construídos, que se inserem muitas vezes em indivíduos com a mesma origem geográfica.

“(...) Os amigos e as amigas que eu tinha é o que está aqui no Bairro.”
(Bela)

“(...) É tudo ali naquele Bairro ... tenho umas senhoras amigas, tenho uma então que é como que seja minha irmã!” (Amália)

“(...) por acaso eu tenho muitos amigos. Tenho muitos amigos cá em Quarteira, e mesmo aqui no Bairro ... a maioria reside fora aqui do Bairro (...) amigos e conterrâneos ... malta africana.” (Chico)

CAPÍTULO VIII - NOTAS DE CAMPO

1 - REGISTO DAS EMOÇÕES

07/DEZEMBRO/1998

Esta tarde, quando cheguei ao Bairro da Colmeia, ao ver um grupo de rapazinhos a jogar à bola no polidesportivo descoberto que fica à entrada do Bairro, senti-me feliz.

Relembrei o tempo em que habitavam no antigo “Bairro da Lata” em barracas perfeitamente degradadas, enfileiradas em ruas de terra batida. Senti-me feliz por eles ao constatar que a qualidade de vida desta população melhorou consideravelmente desde 1995, altura em que a conheci. Quase que me atrevi a participar na sua euforia, nos seus gritos de “Golo”...

14/DEZEMBRO/1998

O dia está absurdamente cinzento. Não chove nem faz vento, apenas o sol não consegue romper as nuvens. Espreito o dia pela janela, na esperança que o sol surja a todo o instante. Volto para a secretária onde tento pôr em ordem as ideias e a definição de algumas estratégias de trabalho. Pronto! Parece que finalmente consigo trabalhar com a concentração devida. Decididamente aplico-me na resolução de algumas tarefas. No final, concluo que será necessário ir várias vezes por semana ao Bairro da Colmeia para poder “olhar” esta população com “olhos” de investigadora.

17/DEZEMBRO/1998

Hoje fui visitar a Amália. Notei que a casa estava especialmente arrumada para esta ocasião. Em cima da mesa, estrategicamente colocada entre dois cálices lá estava a “famosa” garrafa de vinho do Porto, tantas vezes anunciada para brindar a minha visita. Conversámos de coisas banais enquanto partíamos o bolo e brindámos à casa nova. Depois, o novelo das preocupações começou a desenrolar-se, e lá fui seguindo os

contornos da sua história familiar. As preocupações revelam-se sempre as mesmas em relação ao filho mais novo, doente com sida e aos problemas que mantém com os traficantes de droga. Hoje falou-me também do envolvimento do seu filho mais velho com uma rapariga de etnia cigana, revelando-me o seu descontentamento e a sua revolta relativamente a este assunto.

21/DEZEMBRO/1998

Realizou-se na Junta de Freguesia de Quarteira a Festa de Natal e a entrega de diplomas do curso de costura. Para além do Presidente da Junta estiveram presentes o Presidente da Câmara Municipal de Loulé, os técnicos do Projecto de Desenvolvimento Integrado de Quarteira e os técnicos do Divisão de Acção Social da Câmara Municipal. A parceria entre estas entidades permitiu a realização de algumas actividades, nomeadamente a realização deste curso dirigido à população de Quarteira. Era notório o seu contentamento e a proximidade que se criou entre as participantes. Foram unânimes em considerarem de úteis as acções desenvolvidas. Foi realmente um dia especial para estas pessoas, era notório o aprumo com que se tinham arranjado para a ocasião, algumas vestiam os trajes típicos dos países africanos de onde eram originárias. O “Clube das Avós” animou a festa com algumas cantigas. No final da festa houve baile e foi servido um lanche.



Fotografia 3 - Formanda do Curso de Costura



Fotografia 4 - Festa de Natal (21/12/98)



Fotografia 5 - Festa de Natal e entrega dos Diplomas do Curso de Costura (21/12/98)

28/DEZEMBRO/1998

Comecei a utilizar as instalações do CAI (Centro de Animação Infantil) como apoio às minhas visitas ao Bairro. É mais cómodo, assim! Em alguns casos poderei ter um espaço especial para aplicação de inquéritos, realização de entrevistas e conversas informais, se bem que seja preferível visitar as famílias.

04/JANEIRO/1999

Hoje, por volta das 18 horas, realizou-se a primeira reunião de condomínio do Bairro da Colmeia com o objectivo de divulgar o “Manual de Gestão de Regras Sociais” da CML para o Bairro. Ao mesmo tempo, pretendia-se com esta reunião promover um contacto mais próximo entre as pessoas e que a população tomasse consciência que vivia num espaço físico que teria que ser preservado por todos.

Aproveitei a ocasião para sensibilizar a população relativamente ao trabalho de investigação que pretendia realizar com aquelas famílias, e que para tal teria que realizar inquéritos e entrevistas, tive o cuidado de referir que se tratava de um trabalho paralelo ao meu trabalho de técnica da C.M.L.. Expliquei que estava a escrever um livro sobre a História de Vida de algumas famílias cuja identidade seria preservada e que em nada iria interferir ou comprometer as suas vidas. Tal como eu esperava, dado o conhecimento que tinha de todas as famílias ao longo deste anos de trabalho, manifestaram-me total disponibilidade para colaborarem no que fosse necessário. Agradei. Contudo, fiquei consciente que seria difícil para estas pessoas “apagarem” a minha imagem de técnica da C.M.Loulé.

07/JANEIRO/1999

Voltei ao Bairro esta manhã para iniciar a aplicação de alguns inquéritos. Tirando a chuva, a manhã até foi agradável! Nada de importante a assinalar a não ser o encontro, já à saída, com o filho mais velho de Amália e com a sua companheira de etnia cigana. O encontro foi perfeitamente casual, no entanto senti que queriam falar comigo, perguntei-lhes se estava tudo bem dada a sua hesitação. Aproximaram-se. Sem rodeios, perguntaram-me se não haveria possibilidade de lhes arranjar uma casa no Bairro da Colmeia atendendo que estão na casa da mãe e esta não aceita muito bem a relação. A paixão era explícita nos olhos e nos gestos. Conversámos.

11/JANEIRO/1999

Mal estacionei o carro apercebi-me da agitação das pessoas, conversavam em pequenos grupos espalhados pela rua. Havia sinais de indignação e de tristeza nos rostos. O Valério morreu, disseram-me. Fiquei incrédula, a tentar perceber o que tinha acontecido. Precipitaram-se num relato pormenorizado dos acontecimentos da noite passada. Assim, fiquei a saber que o Valério morreu em consequência de uma queda. Já era noite quando voltava a casa, o passo trôpego devido ao álcool desequilibrou-o e fê-lo cair aos tropeções do 2º andar pelas escadas abaixo. Já não se mexeu.

14/JANEIRO/1999

O falecido Valério partilhava a casa com o Barroso o que me levou a agendar para hoje esta visita a casa do Barroso. Sentia-me um pouco constrangida pois não sabia até que ponto a morte do Valério tinha atingido emocionalmente o Barroso. Cruzei a porta e apercebi-me que não estávamos sozinhos. A casa estava terrivelmente desarrumada, cheia de lixo e mal cheirosa. Na sala, refastelada no sofá por entre uma série de jornais velhos, estava uma outra residente do Bairro, a Matilde, hipotética mulher-a-dias do dono da casa. "A Dr.ª não diga a ninguém que me viu aqui! Eu só trabalho nesta casa para arranjar uns trocos para os meus botões!!! Nem o meu marido sabe que eu venho aqui trabalhar..." A "cena" era quase cinematográfica! A casa suja e desarrumada sob o olhar indiferente do dono da casa e da mulher-a-dias, sentados em amena conversa rodeados de garrafas e beatas de cigarros. A fumarada era intensa, até ardia nos olhos!!! O Barroso estava revoltado por não ter ficado com os duzentos contos que o Valério tinha guardados no quarto. Segundo ele, tinha direito ao dinheiro quase na qualidade de herdeiro directo pois partilhava a casa com o falecido e a família não se interessava por ele em vida. A Matilde apoiava incondicionalmente as opiniões do Barroso, com leves acenos de cabeça. Indignado, gesticulava intensamente enquanto me revelava que o Valério tinha enganado toda a gente fazendo-se passar por pobre, quando afinal tinha uma reforma mensal enquanto trabalhador emigrante na Alemanha, no valor de 200 contos, dinheiro esse que depositava religiosamente no Banco sem lhe tocar, vivendo uma vida de privações sem necessidade. "... o Valério era rato! ... enganou-os a todos".

Também eu, sem no entanto o mostrar, fiquei admirada com esta parte da história.

18/JANEIRO/1999

Dei continuidade aos inquéritos com uma visita mais demorada ao agregado familiar do Chico. Esta família revela um nível educacional diferente da maioria das famílias, realçado através da linguagem utilizada e do comportamento dos indivíduos. A mulher do Chico tornou-se Testemunha de Jeová e ausenta-se de casa com frequência o que desespera, de certo modo, o marido. Ele passa muito tempo sozinho em casa e isso entristece-o. O seu maior sonho era poder ter um torno mecânico para continuar a fazer alguns trabalhos e ocupar assim o seu tempo.

21/JANEIRO/1999

Encontrei a Amália, esta tarde, à porta de casa, com ares de segredo disse-me "A cigana está grávida". Sorri e pensei: Eu também! Há coincidências engraçadas!!!

01/FEVEREIRO/1999

À hora combinada cheguei a casa do Marcelo. Encontrei-o muito atarefado na cozinha com a sua vizinha Josefina a prepararem o jantar. A Josefina é negra, viúva, e vive com o filho e a nora na mesma casa. Explicaram-me, que por vezes, se juntam para uns petiscos e para arrumarem a casa. Achei interessante estes laços de solidariedade e vizinhança embora saiba que não é só isso...

04/FEVEREIRO/1999

Para assinalar o fim do curso de "Artes Domésticas", realizou-se hoje um almoço de confraternização entre os técnicos do Projecto de Desenvolvimento Integrado de Quarteira, eu enquanto técnica da C.M.L. envolvida na parceria e as formandas do curso. Dado que uma das vertentes do curso era "Culinária", as formandas colocaram os seus conhecimentos em prática e cozinham um arroz de marisco delicioso. O almoço decorreu nas instalações locais da Segurança Social, nas traseiras do Centro de Saúde, espaço destinado ao Projecto de Apoio Domiciliário. Embora a boa disposição reinasse durante todo o almoço, as participantes no curso

queixaram-se da distância que tinham que percorrer para chegarem até ao centro da cidade. A distância realmente é considerável e não há transportes urbanos para a vencer. É natural que, especialmente as pessoas mais velhas, tenham sentido dificuldade em andar abaixo e acima enquanto o curso decorreu. Contudo, estão abertas a novas iniciativas mas, se possível, mais perto do Bairro.



Fotografia 6 - Formandas do Curso de Pintura



Fotografia 7 - Formandas em aula teórica do Curso de Artes Domésticas



Fotografia 8 - Almoço de Confraternização no encerramento do Curso de Artes Domésticas

08/FEVEREIRO/1999

Tirei o dia para reflectir e traçar objectivos. Voltarei ao Bairro dia 11 para a realização de mais inquéritos.

11/FEVEREIRO/1999

O Alberto e o Marcelo estavam completamente desorientados quando os encontrei, à entrada do prédio, a discutirem um com o outro. O Alberto sempre se considerou uma vítima e sempre revelou alguns sentimentos de inferioridade, não suporta as brincadeiras dos miúdos do Bairro. O filho do Marcelo, que é todo reguila e espevitado, não perdoa uma ao Alberto e cada vez que passa por ele, aproveita para lhe pregar umas partidas e para o irritar com algumas alcunhas... O Alberto desta vez perdeu a cabeça e fez um escândalo! Era ver o Marcelo com cara de incrédulo a defender o filho, muito indignado com a atitude do vizinho, argumentando que ele é apenas uma criança e que passa os dias em casa a ver televisão e a dormir sem se meter com ninguém! O Alberto desesperou com esta afirmação e lá continuou proferindo ameaças enquanto descia a rua, sem olhar para trás.

18/FEVEREIRO/1999

Continuação do trabalho programado para esta semana. Nada de relevante a assinalar.

22/FEVEREIRO/1999

Hoje trabalhei até tarde, saí do Bairro já passava das 20H30 e por isso combinei jantar em Quarteira, para descontraír um pouco e aliviar a tensão do dia. Ao entrar no "Jacinto" dei de caras com duas das tendeiiras residentes no Bairro, a "Judite tendeira" e a "Felisbela tendeira", refasteladas nas suas cadeiras, deliciavam-se entre o ruidoso chupar dos dedos com uns camarões grelhados, acompanhados por uma garrafa de "Muralhas". Chamaram-me, todas entusiasmadas com o encontro, pois estavam a comemorar o recebimento do primeiro cheque do rendimento mínimo. Segundo elas, lugar melhor para o feito não havia, tinha que ser na marisqueira mais "fina" de Quarteira, onde "param" os jogadores de futebol dos grandes clubes e as pessoas que

aparecem nas revistas, pois nunca tiveram dinheiro para entrar ali, era a primeira vez. Sorri e limitei-me a não tecer considerações sobre o assunto; foi preferível assim...

25/FEVEREIRO/1999

Hoje, recebi a visita da Domingas no CAI. Sorrateiramente orgulhosa, veio-me mostrar um vestido que tinha comprado nessa tarde. A compra destinava-se a uma passagem de modelos, a realizar no próximo fim-de-semana em Vilamoura. A filha mais velha vai desfilas e ela quer ir assistir sem fazer má figura. A Domingas tem muito orgulho na filha Solange, pois a rapariga já ganhou vários prémios em concursos de beleza, nomeadamente Miss Quarteira. Despedi-me depois de ter apreciado o vestido e de ter trocado algumas ideias sobre malas e sapatos.

Continuei o dia a realizar mais inquéritos.

01/MARÇO/1999

Encontrei a Matilde após a visita a casa da Josefina. Fiquei impressionada! Quando conheci a Matilde, ela morava no “Bairro da Lata”, era uma mulata muito bonita e vistosa que gostava de se arranjar. Com o passar do tempo fui notando um certo desleixo na maneira de vestir, no seu aspecto. Apercebi-me, por várias vezes, de um certo hálito a álcool, que não estava bem... Confrontei-a. Nunca consegui que assumisse que estava com problemas. O tempo foi passando e a imagem foi-se degradando, foi perdendo peso, ficando pálida, o olhar vago e já ausente. Nem parece a mesma...

04/MARÇO/1999

Saí do Bairro ao cair da tarde. Foi um dia pesadamente triste, a Dina morreu. Senti-me profundamente chocada com a notícia porque a Dina estava grávida de sete meses e tinha apenas 35 anos. Morreu a ver televisão. A causa da morte “... deveu-se a líquido nos pulmões ...” . Como é que uma mulher grávida, com acompanhamento médico regular, estava com problemas pulmonares e o médico não se apercebeu? Incrível!!!

A Dina deixou três filhos pequenos. A população está bastante afectada com esta morte, está especialmente preocupada com o que irá acontecer às três crianças. As pessoas questionam-se...

08/MARÇO/1999

Passei a tarde na casa da Conceição dando assim continuidade aos inquéritos. A Conceição mantém uma relação que para muita gente seria perfeitamente insustentável. É uma história de amor particularmente bonita. Casou com um indivíduo viúvo, com quatro filhas pequenas e foi viver com eles para o “Bairro da Lata”. Na tentativa de melhorar as condições de vida do agregado familiar, ele resolve emigrar para os Estados Unidos. A Conceição ficou com as quatro crianças, sozinha, amando à distância o seu companheiro. Há seis anos que ele partiu. Nunca mais se viram, trocam apenas sentimentos através de cartas. Todos os meses, fielmente, ela recebe na conta o esforço do seu trabalho. A filha mais nova, agora com sete anos, já nem se lembra do rosto do pai. É só o remexer num amontoado de fotografias e numa série de papéis escritos. A Conceição mantém-se fiel e firme nesta relação desencontrada. Os filhos dele crescem nos seus braços, amparados pelo seu amor, pela sua coragem, pela sua alegria. Sem outras referências, chamam-lhe “mãe”, a única mãe que alguma vez tiveram.

11/MARÇO/1999

Dia passado entre papéis. Sem visitas e sem inquéritos. Organização de ideias. Análise do trabalho efectuado até à data. Planeamento de acções a realizar após as férias. Agora só volto ao Bairro da Colmeia em Abril...

08/ABRIL/1999

Regressei das férias. É difícil engrenar no ritmo depois de tanto tempo ausente. A concentração não é a melhor! Às vezes nem consigo fixar-me nas pessoas, no que me dizem. Sinto-me ausente. O dia rendeu pouco.

12/ABRIL/1999

Hoje comecei as entrevistas. Passei parte da tarde na casa da “Felisbela tendeira”. A entrevista correu muito bem, embora a Felisbela se sentisse um pouco nervosa e alterada com os últimos acontecimentos. O filho mais velho, na véspera, juntou-se com uma rapariga e levou-a para casa. A situação para ela é perfeitamente insustentável, o espaço físico da casa não chega para tanta gente e principalmente devido aos conflitos que mantém com o marido, não lhe agrada ter uma “estranha” em casa. Fiquei assim a saber que a relação entre ela e o marido continua conflituosa, segundo ela com a agravante que o marido mantém um relacionamento com uma outra mulher. Implicitamente estava-me a pedir ajuda para a resolução deste problema, no fundo o que ela pretendia era que eu, na qualidade de técnica da C.M.L., a ajudasse a obter uma casa para o filho e em caso de ruptura do seu casamento queria garantias em como não perderia a casa e se possível pretendia ainda receber o rendimento mínimo.

No decorrer da conversa veio-me à memória a alcunha do marido da Felisbela. Ele é conhecido pelas pessoas como o “Zé dos Tiros”, desde o tempo em que moravam no “Bairro da Lata”. Certas noites, as discussões entre eles eram bastante acesas e à laia de vingança, não encontrando outra forma de dar vazão à sua raiva, o marido da Felisbela saía para a rua, de espingarda na mão, lançando tiros aos cães e aos gatos que passeavam a essas horas pelo Bairro.

15/ABRIL/1999

Recebi no CAI a visita da Solange, filha da Domingas. A Solange é realmente uma jovem muito bonita! Tem uns olhos negros enormes e muito doces. Reparei especialmente no sorriso e na timidez das mãos. É pena que não tenha certos cuidados de higiene e que os dentes comecem a ficar ligeiramente cariados.

A Solange procurou-me porque queria saber informações sobre os cursos de Assistente Social: escolas, zonas do país onde é leccionado, habilitações necessárias para concorrer e disciplinas desenvolvidas durante o curso. Disse-me que o seu maior sonho era ser Assistente Social e que por esse motivo, embora tenha muitos rapazes interessados em si, não quer namorar para poder seguir os estudos, depois terá tempo de pensar nisso.

19/ABRIL/1999

Depois de uma longa conversa consegui encaminhar o Venceslau para uma consulta de alcoologia do Centro de Saúde Mental de Faro. Tanto ele como a mulher têm problemas de alcoolismo. Este casal tem uma filha que é deficiente e está agora na adolescência, as preocupações agravaram-se e o casal não está a conseguir controlar a situação. A filha, segundo ele, tem uma série de namorados e ausenta-se de casa sem dizer para onde vai e com quem vai. Desta vez está bastante preocupado pois já não sabem dela desde sábado passado. Participaram o caso à GNR, mas até agora ainda não a encontraram.

22/ABRIL/1999

O Barroso deu-me a notícia: "Morreu a Matilde!" Não se conhece a causa da morte, mas imagino.... O marido ficou com os seis filhos menores. É pescador e bastante trabalhador. Já não se entendiam há muito tempo, uma vez disse-me que estava a pensar separar-se e criar os filhos sozinho visto ela não ter condições para tomar conta das crianças. Mesmo assim, ficou deprimido e triste. Está desorientado.

26/ABRIL/1999

A filha do Venceslau já foi encontrada e regressou ao seio familiar. Andava a passear descontraidamente em Portimão com um dos namorados. A GNR encontrou-a. O namorado conseguiu fugir.

27/ABRIL/1999

Depois de terminar a entrevista com a Isaura fui até ao CAI. No gabinete, liguei o gravador e ouvi atentamente o registo que havia feito. A Isaura e o marido são relativamente jovens, trinta e poucos anos, mas não têm objectivos de vida. Vivem o dia-a-dia sem a preocupação de construir um futuro. Vivem de pequenos trabalhos, o suficiente para comprar comida, para não passarem fome. A casa está mobilada com móveis velhos que apanham na rua. Os filhos só têm direito a brinquedos esquecidos por outros meninos e a roupas usadas. Passam dias inteiros em casa, perfeitamente apáticos, deitados em frente à televisão. Quando lhes pergunto porque é que não tentam arranjar um trabalho fixo para poderem satisfazer algumas necessidades,

respondem-me sempre com os bicos de papagaio, as dores na coluna e as hérnias discais do costume. Segundo a Isaura, a CML devia dar-lhes um subsídio para mobilarem a casa.

29/ABRIL/1999

Hoje o dia está a correr mal! Tinha combinado com a Dulce, na Terça-feira passada, entrevista para as 17 horas e já é a terceira vez que vou tocar à campainha e não está ninguém em casa. Já passou uma hora. Vou ter que combinar a visita para outro dia, para o início de Maio. Contudo, estranhei a solícita e anafada Dulce ter “fugido” ao compromisso.

03/MAIO/1999

Resolvi aparecer de surpresa em casa da Dulce e tive a sorte de a encontrar em casa. Esqueceu-se que tinha combinado comigo a entrevista do passado dia 29, foi às compras, voltou já tarde. Só se lembrou de mim quando uma das vizinhas lhe disse que eu lhe tinha tocado à porta. Desfez-se em desculpas alegando que a sua cabeça já não é o que era e que só faz disparates “... são os 72 anos ...”. Achei divertida a sua atrapalhão e evidentemente que aceitei as suas desculpas sem um quê de censura. Já sentada na sala, o gravador em acção, segui atentamente a história de família desta mulher. Orgulhosa, falou-me do curso profissional que o filho, deficiente, está a fazer em Albufeira. A CML paga-lhe o passe e assim o rapaz vai diariamente para Albufeira sem qualquer encargo para os pais. Está bastante optimista em relação ao futuro do filho “... ele está a adquirir maior desenvoltura e acima de tudo uma profissão que o torna independente seja de quem for”. Ela encoraja-o a continuar. O marido, um sisudo homem do mar, continua indignado por ter um filho deficiente, não se habitua à ideia e não aceita o filho de modo nenhum. Mostra-se sempre muito revoltado, não entende como é que lhe pode ter acontecido semelhante coisa e culpa-a do filho ser assim. A Dulce tenta apaziguar a relação pai/filho, mas actualmente essa tarefa não é nada fácil visto o filho sentir profundamente a rejeição do pai e, por outro lado, por o marido descarregar nela a sua raiva. “... ele tem-me uma raiva tão grande que agora até me dá amantes ...”

06/MAIO/1999

Faltavam inquirir três representantes de agregado familiar. Consegui hoje!
Conclusão dos inquéritos.

10/MAIO/1999

Encontrei a Tomásia na rua, perto do estacionamento. São 16 horas e tenho uma entrevista marcado com ela, no CAI, para daqui a uma hora. A casa da Tomásia é bastante limpa e arrumada; sei que é assim pois passei por lá outro dia, para marcar o encontro de hoje e estava tudo impecável, mesmo sem a minha visita estar prevista. Fico contente quando constato que realmente assim é, que não se trata de encenações. De qualquer forma, não pareceu muito satisfeita com a minha visita, pareceu-me desconfiada, evasiva. Sempre a considerei muito calma e educada, assim continua, mas há qualquer coisa que mudou nesta mulher... Talvez hoje descubra o quê.

13/MAIO/1999

Esta é uma quinta-feira diferente aqui no Bairro. As pessoas estão eufóricas pois foi hoje anunciada na comunicação social a passagem de Quarteira a cidade. Nunca pensei que esse facto interferisse tanto com a vida das pessoas, mas pelo que posso observar a maioria julga que alguma coisa de substancial irá mudar para melhor.

17/MAIO/1999

Passei a tarde no CAI a arrumar os inquéritos e iniciar o tratamento de dados em S.P.S.S., programei trabalho para o resto da semana. Ao rever o inquérito da Tomásia, lembrei-me do seu problema. Descobri que o comportamento revelado no dia da entrevista escondia um problema de alcoolismo. A Tomásia tem duas filhas. Ela é a única fonte segura de rendimento no agregado familiar, as filhas têm trabalhos precários, e revelam uma postura de total dependência em relação à mãe.

20/MAIO/1999

A Regina chegou domingo passado do Alentejo, foi passar uns dias a casa da filha. Desde que a Regina teve a trombose as coisas não andam muito bem entre ela e o

seu companheiro. Disse-me que ia para a casa da filha passar uns dias, porque estava a tentar dar um tempo para as coisas acalmarem lá em casa. Não percebi este regresso tão repentino. A Regina, veio do Alentejo para o Algarve depois do marido ter sofrido um acidente e conseqüentemente ter ficado paraplégico, preso a uma cama no Hospital. A filha que foi visitar, é a sua filha mais velha que deixou ficar em Sines, para ser criada com uma tia. A Regina reconstruiu a sua vida no Algarve e hoje tem mais três filhos para além da filha que já tinha. Ganhou a vida a vender roupas de porta em porta. Passado um tempo de estar a morar aqui no Bairro, numa casa com a qual sonhou toda a vida, teve uma trombose. A Regina era uma mulher muito vistosa e algo provocante na maneira de vestir. Tem sido difícil superar os problemas psicomotores que a trombose lhe provocou embora continue a fazer fisioterapia e o braço já não se encontre tão “preso” como no início. O companheiro deixou de se interessar por ela e começou a sair com outras mulheres. Ela ficou bastante traumatizada e os insultos verbais começaram a crescer de tom. Por esses motivos, resolveu afastar-se e ir passar um tempo a casa da filha.

Depois da nossa conversa fiquei a perceber que as coisas com a filha não correram muito bem, ao que parece o genro terá sido a causa do desentendimento entre mãe e filha. Voltou para casa corrida pela filha. “... o velhaco do meu genro foi dizer à minha filha que eu me andava a atirar a ele!...”

24/MAIO/1999

Actividades no CAI. Reunião com os técnicos da C.M.L. e animadores sociais sobre actividades a desenvolver com as crianças do Bairro, atendendo que a maioria não está inserida em nenhuma instituição para ocupação dos tempos livres. Organização de colónias de férias em regime aberto visto as férias estarem a aproximar-se e a maioria das crianças não tem para onde ir. Organização de visitas a parques de diversão, museus, monumentos e cinema.

25/MAIO/1999

Ao fim deste tempo, concluo que as pessoas se sentem muito bem nas casas novas porque são bonitas e têm outras condições que não tinham no “Bairro da Lata”, ao mesmo tempo têm saudades do espaço exterior do Bairro antigo. Os laços que os uniam eram mais explícitos, as barracas eram construídas umas ao lado das outras

conforme a origem das pessoas, as simpatias, as relações que mantinham. Por outro lado, o “Bairro da Lata” ficava mais central. Entre o cento da cidade e os grandes Hotéis de Vilamoura, perto do mar e de “... tudo!...”. Aqui sentem-se “... postas um pouco à margem da sociedade”. As famílias dispersaram-se pelos prédios e o espaço exterior não é vivido da mesma forma que era no outro Bairro. Dadas as características urbanas do Bairro da Colmeia, não é possível assar sardinhas, nem dar festas, como antigamente faziam, no meio da rua.

31/MAIO/1999

Cheguei a casa da Marisa por volta das 16H15. Na casa da Marisa viviam duas pessoas, ela e o marido. Há pouco tempo resolveu albergar as duas filhas e os dois netos lá em casa e o espaço tornou-se reduzido e conseqüentemente desarrumado. As filhas separaram-se dos respectivos companheiros e ficaram sem sitio para morar, cada uma com um filho nos braços... A Marisa e o Quim apertaram-se em casa, reduzindo o seu espaço ao quarto e elas habitam, com os rebentos, o outro quarto e a sala. A Marisa é a única fonte de rendimentos da família, vende roupas de porta em porta e peixe. Conhece os pescadores todos da cidade que lhe arranjam uns peixinhos para ela vender “à pagela” e assim ganhar uns tostões.

Falámos das suas experiências, do modo como encara a vida, dos seus relacionamentos, dos seus objectivos e planos a curto e longo prazo. A sua maior preocupação é a doença, tem um tumor no peito e por vezes fica com o braço adormecido e sem forças, impedida de trabalhar. A última vez que foi à consulta, os médicos colocaram-lhe a hipótese de ser operada para solucionar o problema. Falou com o Quim, o companheiro, e este foi de opinião que não se deixasse operar, nunca mais foi às consultas do Instituto Português de Oncologia. O Quim não concebe a ideia de ter uma mulher sem um seio, defeituosa, como ele diz. Ela lá vai suportando as dores e continua sem tratamento para não fazer a desfeita ao marido, nem perder o “glamour” de loira oxigenada de seios fartos.

01/JUNHO/1999

Dia Mundial da Criança. Passei a tarde no Bairro, no CAI, colaborando com os animadores sociais nas actividades programadas para esse dia. Realização de vários

jogos e pinturas. As crianças estavam especialmente felizes. Nem que fosse só por hoje, este era o Dia da Criança!



Fotografia 9 - Comemorações do Dia Mundial da Criança (1/6/99)

08/JUNHO/1999

Entrevista à Ivete. A casa desta família é cheia de particularidades, dada a origem brasileira da Ivete, que se diz descendente dos índios da Amazônia. A casa tem um ar agradavelmente tropical, pois é muito colorida e decorada com artesanato brasileiro. O casal é simpático e respira-se harmonia. Não têm filhos mas têm cães e gatos, no entanto está tudo limpo e arrumado. Deram-me a provar licores de receitas antigas dos índios, feitos por ela, à base de frutos. Foi uma entrevista agradável.

23/JUNHO/1999

Esta noite, fui à marginal de Quarteira ver as marchas populares. A marginal estava cheia de gente, Quarteirenses e forasteiros. Começa-se a sentir o acréscimo de turistas. As pessoas balançavam-se ao som da música enquanto as marchas passavam. Os fatos este ano eram muito garridos, cheios de brilhantes e coloridos. Os arcos estavam ornamentados com motivos alusivos à quadra, mas também a referenciam a

actividade piscatória da cidade. Era notório o bairrismo de cada rua em defender e aplaudir a “sua” marcha! Tudo isto fez-me reflectir se o Bairro da Colmeia não deveria estar também aqui representado.

02/JULHO/1999

Dei continuidade às entrevistas. Entrevista à Bela. O maior sonho da Bela é ter seis filhos. Já não falta muito pois já tem cinco! De cada relação ficou com um filho e agora que se diz terrivelmente apaixonada, não quer perder a oportunidade de realizar o sonho com o homem da sua vida; segundo ela nunca amou tanto alguém, sente-se feliz.

11/AGOSTO/1999

A barriga já pesa!!! É cada vez mais difícil trabalhar com este calor! Não posso exceder-me, não seria positivo nem para mim nem para o bebé. Vou ter que abrandar ainda mais com o trabalho. Hoje só fiz uma entrevista, vou ter que repeti-la, não correu bem ...

08/SETEMBRO/1999

Encontro ocasional no Hospital com a cigana companheira do filho mais velho da Amália. Já pariu. Daqui a duas semanas vou eu parir.

29/SETEMBRO/1999

Nasceu o Miguel. 15horas 34minutos.

03/NOVEMBRO/1999

No mês de Outubro praticamente não trabalhei. Os dias foram todos dedicados ao Miguel, período de adaptação mútuo à nossa nova vida. Acerto de horários. Conhecimento de hábitos e personalidades. Impossível pensar em trabalhar! As noites ainda são muito mal dormidas...

03/DEZEMBRO/1999

Passei a tarde no CAI a reflectir e a amadurecer ideias sobre o processo de investigação decorrido até agora. Regresso ao trabalho de pesquisa.

07/DEZEMBRO/1999

Depois de realizar uma entrevista à Domingas, encontrei a Bela perto do polidesportivo. Reparei que chorava, nem tentou disfarçar. Começou por me dizer que o Nelson, o filho mais velho, tinha feito uns disparates. Não fiquei a saber o quê, porque ela não disse, preferiu dizer que “foram coisas sem importância, de miúdos”. Ao que parece o juiz terá decretado mandá-lo para um colégio do Instituto de Reinsersão Social e que a polícia tinha acabado de levá-lo para o colégio. Não é a primeira vez que isso acontece. Perfeitamente histérica e descontrolada barafustava dizendo que “o meu filho tem medo de ir para esses sítios por causa dos paneiros que lá há!”.

10/DEZEMBRO/1999

Reunião com os técnicos do Projecto de Desenvolvimento Integrado de Quarteira. Trabalho de parceria na elaboração de futuros projectos destinados à população de Quarteira em geral.

22/DEZEMBRO/1999

Realizou-se a Festa de Natal no Salão de Festas da Junta de Freguesia de Quarteira. Foi uma festa dirigida à população do Bairro da Colmeia. As pessoas divertiram-se e de modo geral toda a gente gostou da festa. Como no ano passado, a festa acabou com bailarico.



Fotografia 10 - "Clube de avós" - Festa de Natal 22/12/99

05/JANEIRO/2000

As visitas ao Bairro continuam. Mantenho conversas informais com as pessoas e participo no planeamento de actividades conjuntamente com os técnicos do Projecto de Desenvolvimento Integrado de Quarteira.

Hoje, à saída do Bairro, cruzei-me com a Domingas. Ficámos na conversa um bom bocado. Combinámos uma "cachupa" para a próxima semana, em sua casa. Despedimo-nos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises deste estudo revelam que o realojamento da população residente no Bairro da Colmeia resolveu alguns problemas derivados das más condições de habitabilidade, mas não se tem revelado suficientemente eficaz, só por si, no combate à pobreza e à exclusão social, uma vez que a grande maioria dos agregados familiares continuam a ser protagonistas de inúmeros problemas sociais que continuam a dificultar os processos de saída da pobreza e a impedir a integração na sociedade envolvente, bem como a integração na própria comunidade.

O realojamento da população residente na Colmeia é o resultado de uma solução concertada entre a Câmara Municipal de Loulé, mais precisamente da equipa técnica da área de Habitação/Ação Social e a população a realojar. Considerando o processo do realojamento protagonizado pelas famílias da Colmeia, a Câmara Municipal de Loulé no âmbito da Parceria com o Projecto Integrado de Desenvolvimento Comunitário de Quarteira desenvolveu esforços com o objectivo de sensibilizar esta população a um maior envolvimento e participação em todo o processo, uma vez que o objectivo último é a satisfação residencial e a integração social dos indivíduos. Sendo a atribuição de uma casa um momento fulcral e determinante na mudança de estatuto social deverá implicar uma participação da população a realojar em todo o processo. Neste sentido foram promovidas algumas acções, actividades, encontros e nomeadamente as Festas de Natal e as Comemorações do Dia Mundial da Criança.

Ainda no âmbito da parceria da CML com o PIDCQ foram realizados cursos de valorização pessoal e formação pré-profissional nas áreas de “Artes Domésticas” e “Costura”. Estes cursos de formação tiveram como objectivo a melhoria das condições económicas das famílias da Colmeia, qualificar e capacitar as formandas para o desempenho de serviços domésticos; melhorar a qualidade de vida familiar; aperfeiçoar a adaptação à nova situação habitacional; ocupar os tempos livres de mulheres em situação de desemprego e emprego precário e motivar as formandas para a constituição de auto emprego.

A formação profissional ministrada às mulheres teve como objectivo criar condições que permitam o enriquecimento e desenvolvimento pessoal de modo a suscitar novas motivações e atitudes.

Parece porém que, os cursos de formação profissional apresentam algumas limitações, nomeadamente no que se refere à exiguidade da sua duração condicionando as formas de aprendizagem e as competências técnicas. Por outro lado, os cursos de formação profissional, só por si não constituem factores determinantes que desencadeiam processos de participação e integração, isto só será possível quando são reveladas predisposições individuais e familiares que proporcionem a definição de estratégias e projectos de vida.

No entanto, estes cursos apresentam um carácter bastante positivo no que concerne às relações inter-pessoais, convivialidade, contacto com novas experiências. A componente teórica, por um lado, potenciou uma qualificação e valorização pela aquisição de conhecimentos tendo em conta que muitas destas mulheres abandonaram a escola não concluindo os níveis básicos de ensino, devido à debilidade do orçamento familiar dos pais ou devido a factores que se relacionam com a identidade feminina legitimada no seu contexto de vivências e que subvaloriza a apetência das mulheres para a escola. A grande maioria destas mulheres tem origem sócio-económica baixa, sendo também o trabalho infantil uma vivência comum nas histórias de vida, por outro lado as relações conjugais caracterizam-se pela instabilidade sendo também a maternidade vivenciada prematuramente, são todas estas vivências que subvalorizaram a escola e a formação profissional.

A realização dos cursos de valorização pessoal revelou-se importante ao nível das convivialidades, o espaço da aprendizagem cruzou-se com o espaço do convívio. Na sequência desta formação com um total de 356 horas por curso surgiram grupos informais, nomeadamente o “Clube de avós”, constituído por um grupo de mulheres que têm em comum a experiência de serem avós, algum tempo livre para conviver, trocar experiências de vida e principalmente gostarem de cantar canções tradicionais.

A análise deste estudo permitiu concluir que estas acções foram insuficientes uma vez que é manifestada uma acentuada perda de identidade de grupo no novo bairro.

Verifica-se que o realojamento possibilitou uma dualidade de efeitos. Como efeito positivo considera-se o fornecimento de um elemento desencadeador de projectos e protagonismos por parte dos actores sociais – a casa. Por outro lado, um

efeito negativo, devido à inexistente relação entre as especificidades das dinâmicas sociais e as soluções políticas, técnicas e administrativas protagonizadas no realojamento, que provocam a privação destas famílias de um contexto social e identitário nos seus modos de vida. O facto de serem realojados em apartamentos é disso um exemplo, as casas térreas com espaço exterior que permite o convívio e a extensão ao bairro não condicionaria as suas práticas culturais. É necessário que o processo de realojamento tenha em conta as particularidades das culturas, antes mesmo da construção das habitações.

A maioria dos residentes do Bairro da Colmeia estão satisfeitos com a nova casa devido à melhoria das condições habitacionais relativamente ao antigo bairro de barracas. A população refere que a nova casa aparece como um desafio a um projecto, como suporte de uma esperança para a promoção no estatuto residencial e como o centro das atenções e das mudanças ao nível dos investimentos no interior da casa numa perspectiva de aumento do seu conforto. Contudo, os espaços de convívio diminuíram, as alterações provocadas pela nova casa fazem-se sentir sobretudo nas variáveis tempo: o tempo dispendido com os vizinhos diminui e o tempo passado em casa aumenta substancialmente.

As conclusões não apontam para uma ruptura, mas para uma fragilização das redes de sociabilidade, provocadas pela redução do número de encontros. Verifica-se, assim, a nível composicional, um recurso às redes sociais constituídas no antigo bairro, ou seja, predomina o recurso aos antigos vizinhos ou amigos. A língua de origem dos indivíduos também surge como reforço na identidade cultural, não existindo um alargamento das mesmas no bairro actual. Isto deve-se, em parte, à percepção negativa do bairro, o que provoca um afastamento a par de um duplo registo, isto é, uma valorização do espaço primário (casa) para as sociabilidades mais próximas, contrapondo o recurso aos espaços secundários (rua) para os encontros ocasionais com vizinhos do bairro. Na vertente temporal, os tempos não se traduzem num investimento afectivo ao nível do estabelecimento de redes sociais no bairro actual.

A satisfação residencial deverá ser um dos objectivos que norteiam o realojamento enquanto processo de reestruturação dos modos de vida, como culminar da construção de expectativas, anseios, projecções emocionais sobre a nova casa encarada como bem-estar e felicidade. Um realojamento implica mudança de casa e uma conseqüente reestruturação da vida quotidiana e de todo um conjunto de práticas ligadas ao meio de residência – as relações de vizinhança, os locais de compra, o

trajecto casa-trabalho, etc.. A vivência quotidiana do espaço era a casa com extensão para a rua, e portanto para o bairro, depois do realojamento o centro vital das famílias passa a ser a casa. Não se tendo em conta que não é a população a realojar que se deverá adaptar ao realojamento, mas este é que deve contemplar as identidades sócio-culturais em presença, os modelos de habitat, as redes de relações pré-existentes, os laços de sociabilidade construídos.

Como já referi nesta análise, o realojamento representa uma fragilização das redes sociais que se exprime num duplo registo: menos informações, menos comunicação, menos apoio ou suporte em caso de dificuldade. O isolamento e o decréscimo das redes de sociabilidade fragilizam progressivamente o sentimento de pertença ao grupo, numa identidade colectiva na qual o indivíduo se integra e se situa na sua própria identidade como pontes de segurança e valorização.

Considero que a perspectiva paternalista da doação de habitações a populações socialmente desfavorecidas agudiza a cultura da exclusão, não promovendo o protagonismo social das populações a realojar. A satisfação residencial deverá ser um dos objectivos que norteiam o realojamento enquanto processo de reestruturação dos modos de vida, como culminar da construção de expectativas, anseios, projecções emocionais sobre a nova casa encarada como bem-estar e felicidade. A integração deverá ser abordada como uma pluralidade vasta de estilos de vida, todos partilhando a cidadania. Isto é, todos eles conservando, aprofundando e exprimindo capacidades de escolha.

Verifica-se que se confirmam as opiniões de alguns autores, referidos no enquadramento teórico conceptual, segundo os quais os bairros sociais não são dotados de infra-estruturas suficientes e capazes de garantir o mínimo de qualidade de vida social, pois não basta que o alojamento para ter um uso social correcto, a sua construção obedeça rigorosamente aos hábitos de vida comuns e que se obedeça à dimensão do tipo de família. É necessário saber criar um ambiente no qual as populações possam organizar o seu habitat.

Face aos resultados da pesquisa gostaria de apresentar algumas sugestões: Após o realojamento, a actividade profissional não deve ser dada como terminada, a população deverá ser acompanhada no sentido de potenciar aspectos positivos que a comunidade enquadra. Neste sentido sugiro a criação de uma estrutura de apoio à população realojada num dos fogos que se encontram devolutos no Bairro da Colmeia. Este espaço destinar-se-ia à implementação de projectos de intervenção e participação

comunitária., desenvolvendo acções tão diversificadas quanto as necessidades sentidas pela população, favorecendo o enquadramento da mesma, estimulando e motivando os sujeitos residentes para serem mais activos, participativos e autónomos na sua vida social. O objectivo global deste projecto consiste na criação de um espaço aberto à população dotado de meios e condições que possibilitem aos indivíduos, grupos e famílias o exercício do direito da cidadania, e a consequente integração social, através de um conjunto de respostas globais e integradas, que vão de encontro às necessidades vivenciadas.

As actividades a implementar e desenvolver neste **núcleo de participação comunitária** teriam os seguintes objectivos gerais:

- Apoiar, encaminhar e intervir junto de toda a população residente na Comunidade da Colmeia.
- Contribuir para a criação de condições que possibilitem aos indivíduos o exercício pleno do seu direito de cidadania e apoiar as famílias no desempenho das suas funções e responsabilidades, reforçando a sua capacidade de integração.
- Promover e estimular a participação activa da comunidade alvo em acções a desenvolver, que contribuam para elevar progressivamente a sua qualidade de vida com vista ao seu desenvolvimento social, económico e cultural.
- Desmistificar o estigma da população e contrariar o fraco nível de auto-organização, assim como desenvolver o sentido de pertença, a autonomia e a capacidade de resolução de problemas.
- Promover uma oferta de serviços e de actividades dinamizadoras da vida social e cultural e eventualmente económica orientadas para o acolhimento dos indivíduos e das famílias numa perspectiva global e globalizante.

→ Específicos:

- Aumentar a auto-estima e auto-confiança dos indivíduos, no sentido de uma participação activa na sua auto-formação e desenvolvimento das suas capacidades;

-
- Promover as competências/potencialidades individuais e colectivas de forma a permitir uma melhor e maior adequação para a inserção social;
 - Promover a consciência do colectivo, visando a cooperação e participação, intensificando as redes de solidariedade e vizinhança;
 - Sensibilizar e dinamizar a população para mudança de comportamentos e atitudes.

Com base nos objectivos considero que numa primeira fase sejam priorizadas algumas actividades que fomentem a participação efectiva da comunidade – Animação Sócio-Cultural.

A animação sócio-cultural visa fundamentalmente a valorização da população no que concerne às capacidades necessárias ao processo de mudança através da

- Promoção de formas associativas
- Intensificar a aceitação e tolerância de grupos culturais diferentes
- Reforçar o sentimento de pertença e identidade social (o dia de África, o dia de Quarteira, o dia do Bairro, etc.)

No âmbito da animação sócio-cultural deverão ser realizadas as seguintes acções: ateliers sócio educativos para crianças e jovens; realização de eventos desportivos; intercâmbio de grupos de jovens e idosos; comemoração de dias festivos; organização de exposições; organização de um grupo etnográfico; organização de um grupo de teatro; actividades culturais diversas.

BIBLIOGRAFIA

- ABRANTES, Teresa
1994 "Efeitos Perversos dos Bairros Sociais: Observações e Sugestões", **Sociedade e Território** 20: 50 - 54
- ALMEIDA, João Ferreira et al
1992 **Exclusão Social**, Oeiras: Ed. Celta
- ALMEIDA, João F.; COSTA, António F.; MACHADO, Fernando Luís
1990 "Estudantes e Amigos - Trajectórias de Classe e Redes de Sociabilidade", **Análise Social**, 105/106: 193 - 221
- ALMEIDA, João Ferreira de e PINTO, José Madureira
1976 **Investigação nas Ciências Sociais**, Lisboa: Editorial Presença
- AZEVEDO, José
1992 "Perspectivas Psicossociais no Estudo da Identidade", **Sociologia**, Vol II: 111 - 119
- BARDIN, Laurence
1988 **Análise de Conteúdo**, Lisboa: Edições 70
- BERTAUX, Daniel
1978 **Destinos Pessoais e Estruturas de Classes**, Lisboa: Moraes
- BIDLE, Willian e Biddle Laureide J.
1965 **The Community and Development, The Rediscovery of Local Initiative**, New York: Rinehart and Winston
- BOURDIEU, Pierre
1994 **O Poder Simbólico**, Lisboa: Difel
- BOZON, Michel
1984 "Vie Quotidienne et Rapports Sociaux dans une ville de province", **La mise en scene de différences**
- BOUTIN, Gérald et al
1994 **Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas**, Lisboa: Instituto Piaget
- CAPUCHA, Luís Manuel Antunes
1990 "Associativismo e Modos de Vida num Bairro de Habitação Social", **Sociologia - Problemas e Práticas**, 8: 29-41

-
- 1992 Problemas de Pobreza: Conceitos, Contextos e Modos de Vida, Lisboa: ISCTE (Tese de Mestrado)
- 1994 "Modos de vida e Cidadania num Bairro Social: o caso do direito à habitação", **Dinâmicas Culturais e Desenvolvimento Local - Actas do Encontro de Vila do Conde**, APS, 189 - 199
- CARDOSO, Ana
1993 A Outra Face da Cidade - Pobreza em Bairros Degradados de Lisboa, CML
- CARDOSO, Ana e PIMENTA Manuel
1989 A Pobreza nos Bairros Degradados de Lisboa: Alguns Elementos de Caracterização. **Sociedade e Território** 10/11: 13 - 24
- CASAL, Adolfo Yánes
1994 "Identidades Culturais e Desenvolvimento", **Antropologia Portuguesa** 12: 5 - 17
- CHATELAT, Bernard
1985 **Styles de Vie**, Paris: Les Éditions L'Organization
- COSTA, António Firmino da et al
1995 "Estudantes e amigos - trajectórias de classe e redes de sociabilidade", **Análise Social** 125: 107-121
- COELHO, António Baptista e PEDRO João Branco
1998 Do Bairro e da Vizinhança à Habitação: Tipologias e caracterização dos níveis físicos residenciais, Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil
- CURRIE, Jaques; CAUSSADE, Gérald; HAJJAR, Viollete
1986 **L'Esprit des Lieux**, Paris: CNRS
- DIAS, Jorge
1961 "Problemas de Método em Estudos de Comunidade", **Estudo das Ciências Políticas e Sociais**, 52:5 - 39
- FERREIRA, Vírginia
1986 "O Inquérito por Questionário na Construção de Dados Sociológicos", **Metodologia das Ciências Sociais**, Lisboa: Afrontamento
- FERREIRA, António Fonseca
1988 "Política de Habitação em Portugal". **Sociedade e Território**, 6: 15 - 50

-
- FODDY, William
1996 *Como Perguntar: teoria prática da construção de perguntas, entrevistas e questionários*, Oeiras: Celta Editora
- FREITAS, Maria João
1990 *Satisfação residencial e atitudes face ai realojamento: estudo de uma amostra de indivíduos residentes no bairro do relógio*, Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil
- 1993 *Acções de Realojamento e Reestruturação dos Modos de vida: Um Estudo de Caso*, Dissertação de Mestrado em Sociologia Urbana e Rural, ISCTE
- 1994 "Os Paradoxos do Realojamento", *Sociedade e Território* 20: 25 - 35
- FONSECA, António Ferreira
1994 *Evolução das Políticas de Habitação em Portugal - Livro Branco de Habitação*
- FERRAROTTI, Franco
1983 *Histoire e Histoires de Vie*, Paris: Livrairie des Méridiens
- GONÇALVES, Custódio A.
1992 *Questões de Antropologia Social e Cultural*, Porto: Edições Afrontamento
- GONÇALVES, Helena Seita
1994 *Processos de (Re)Construção de Identidades Culturais num Bairro de Habitação Social*", *Sociologia - Problemas e Práticas* 16: 135 - 149
- GROS, Marielle Christine
1994 "Pequena História do Alojamento Social em Portugal", *Sociedade e Território* 20: 80 - 90
- GUERRA, Isabel
1993a) "Modos de Vida - Novos Percursos e Novos Conceitos", *Sociologia - Problemas e Práticas* 13: 59 - 74
- GUERRA, Isabel
1993b) "As Pessoas não são coisas que se ponham em Gavetas", *Sociedade e Território* 20: 43 - 71
- GUERRA, Isabel
1997 *O realojamento Social - Debate sobre Princípios, Reflexões sobre Programas de Realojamento*, *Fórum de Habitação*, INH

-
- GUSMÃO, Manuel
1988 "A Cultura, as Culturas", **Revista Vértice**, II Série, 1: 7 - 10
- GHIGLIONE, Rodolphe e MATALON, Benjamin
1993 **O inquérito. Teoria e prática**, Oeiras: Celta Editora
- Juan, Salvador
1991 **Sociologie des Genres de Vie - Morphologie Culturelle et Dynamique de Positions Sociales**, Paris: PUF
- LAKATOS, Eva Maria
1991 **Sociologia Geral**, São Paulo: Atlas
- LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade
1996 **Técnicas de Pesquisa**, S. Paulo: Editora Atlas
- LEWIS, Oscar
1979 **Os Filhos de Sánchez**, Lisboa: Moraes Editores
- LOPES, João Teixeira
1993 "Estruturas Espaciais e Práticas Sociais, A Inexistente Opção entre o Local e O Global", **Sociologia**, 4: 219 - 229
- LUZ, Carlos
1995 **Vida e Morte de uma Aldeia na Serra Algarvia**, Aljezur: Suledita
- MACHADO, Paulo
1995 "Análise sócio ecológica de comunidades urbanas de habitação degradada", **Colóquio viver na cidade**
- MENDES, José Manuel de O.
1994 "As Identidades Sociais como Políticas e como Estratégias: O Caso dos Açores", **Revista Crítica de Ciências Sociais** 40: 153: 172
- MELO, Romeu de
1978 **Ensaio sobre a Cultura**, Lisboa: Presença
- MOZZICAFREDO, Juan
1992 **O Estado Providência em Portugal: Estratégias contraditórias**, **Sociologia - Problemas e Perspectivas**, 12: 3 - 91
- OLIVEIRA, Ataíde de
1986 **Monografia do Concelho de Loulé**, Faro: Editora Algarve enfoco
- O'NEILL, Brian Juan
1988 "Reflexões sobre o estudo de caso antropológico". **O Estudo da História**, 5/6 : 7-41
-

-
- PAIS, José Machado
1993 **Culturas Juvenis**, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda
- PINTO, José Madureira
1991 "Considerações sobre a produção Social da Identidade", **Revista Crítica de Ciências Sociais** 32: 217 - 231
- PINTO, José Madureira
1994 "Uma Reflexão sobre Políticas Culturais", **Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local - Actas do Encontro de Vila do Conde**, APS, 767 - 792
- PINTO, Teresa Santos
1975 "Sobre a Problemática da forma Urbana. O método de pesquisa de Kevin Lynch", **Análise Social** 33: 191 - 202
- PINTO, Teresa Costa
1994 "A Apropriação do Espaço em Bairros Sociais: O Gosto pela casa e o desgosto pelo Bairro", **Sociedade e Território**, 2
- POIRIER, Jean et al
1995 **História de Vida - Teoria e Prática**, Oeiras: Celta Editora
- QUIVY, Raymond e CAMPENHOUD, Luc Van
1992 **Manual de Investigação em Ciências Sociais**, Lisboa: Editora Gradiva
- RAMOS, Francisco Martins
1997 **Os Proprietários da Sombra, Vila Velha Revisitada**, Lisboa: UA
- ROCHER, Guy
1982 **Sociologia Geral** Lisboa: Editorial Presença
- RODRIGUES, Walter
1990 **Minorité Cap. Verdienne: Espaces, Identités et Processus de Marginalization. Les Engeux Sociaux**", **Sociedade e Território**, nº especial
- RODRIGUES, Walter
1992 "Urbanidade e Novos Estilos de Vida", **Sociologia, Problemas e Práticas**, ISCTE
- ROSS, Murray G.
1967 **Community Organization Theory, Principles e Practice**, Harper and Row, New York
- SÁ, Henrique Oliveira
1988 "Política de Habitação", **Análise Social**, 98: 21 - 28

-
- SILVA, Augusto Santos e PINTO, José Madureira
1986 **Metodologia das Ciências Sociais**, Lisboa: Afrontamento
- SILVA, F. Nunes e CORREIA, Paulo Dias
1989 "A Questão do Alojamento e a Intervenção Municipal: Liberalismo ou Participação Popular", **Sociedade e Território** 10/11: 69 - 85
- SILVA, Manuela
1989 **Pobreza Urbana em Portugal**, 13, Ed. Centro de Reflexão Cristã - Departamento de Pesquisa Social
- VALA, Jorge
1986 "A Análise de conteúdo", **Metodologia das Ciências Sociais**, Porto: Edições Afrontamento
- VILAÇA, Helena
1993 "Território e Identidades na Problemática dos Movimentos Sociais: algumas propostas de pesquisa", **Sociologia**, vol. III, 51 - 71
- WELLMAN, Barry e LEIGHTON, Barry
1981 "Reseau, quartier et Communité: Préliminaire L'Étude de la Question Communautaire", **Espaces e Sociétés**, 38/39: 111 - 133

OUTROS DOCUMENTOS

INE - V Recenseamento Geral da População.

1991

Câmara Municipal de Loulé

1993, Plano Director Municipal, cadernos de divulgação, volumes I, II, III e IV.

Câmara Municipal de Loulé

1997, Plano de requalificação urbana de Quarteira

Comissão de Coordenação da região do Algarve

1998, Plano de renovação urbana no Algarve

Direcção Regional do Algarve - Centro de Emprego de Loulé

2000, Relatório trimestral do Mercado de Emprego (1º trimestre)

ANEXOS

ANEXO 1 - Guião do inquérito por questionário

Inquérito por Questionário

Identificação do Questionário

Número do questionário

P.1

Zona do Bairro

P.1.1

Hora : Início ___h___m

Fim ___h___m

P.1.2

Identificação do Inquirido _____

I

CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-FAMILIAR E PROFISSIONAL

P.2 - Quantas pessoas fazem parte do seu agregado familiar

P.3 - Acerca do seu agregado familiar, gostaria de saber alguns elementos:

Membros do agregado	Parentesco (1)	Sexo (2)	Idade (3)	Estado civil (4)	Naturalidade (distrito) (5)	Nacionalidade (6)	Habilitações literárias (7)
A							
B							
C							
D							
E							

Membros do agregado	Meios de Vida (8)	Condições perante o trabalho (9)	Profissão principal (10)	Situação na Profissão (11)
A				
B				
C				
D				
E				

P.4 - Em que regime de ocupação de tempo exerce a sua profissão principal:

- Trabalho permanente a tempo inteiro (1)
 Trabalho permanente a tempo parcial (2)
 Trabalho sazonal (3)
 Trabalho ocasional (biscates) (4)
 Outro. Qual? _____ (5)
 NR (6)

P.5 - Caso tenha pessoas a cargo, diga quantas?

P.6 - Como caracteriza a sua situação profissional quanto à estabilidade:

- É estável e é muito provável que no futuro se mantenha (1)
- É estável mas no futuro talvez venha a ser ameaçada (2)
- É instável mas no futuro talvez ganhe estabilidade (3)
- É instável e não se vêem perspectivas de estabilidade no futuro (4)
- Outra situação. Qual? _____ (5)
- NR (6)

P.7 - A nível profissional, considera-se uma pessoa realizada?

Sim (1)

Não (2)

Porquê? _____ (3)

NR (4)

P.8 - Gostaria de ter outra profissão?

Sim (1)

Não (2) Qual? _____ (2)

NR (3)

NS (4)

(se respondeu não, passar à P.12)

P.9- Indique as razões que, na sua opinião o impossibilitam de exercer essa profissão:

- 9.1- Não pôde estudar.....
- 9.2- Não teve oportunidade para aprender
- 9.3- Não ganharia o suficiente
- 9.4- Teria menos oportunidade de emprego
- 9.5- Achava que não tinha capacidade para tal
- 9.6- Outra situação. Qual? _____
- 9.7- NR
- 9.8- NS

P.10 - Diga com que idade começou a trabalhar?

Relativamente ao seu local de trabalho:

P.11 - Diga onde se situa:

- Na freguesia de Quarteira (1)
No Concelho de Loulé (2)
Outro (3)
NR (4)

P.12 - A quantos quilómetros fica da sua residência _____ Km

P.13 - Quanto tempo gasta na deslocação (ida + volta) ____ h ____ m

P.14 - Qual o meio de transporte que utiliza na deslocação para o emprego:

- 14.1- Carro próprio (1)
14.2- Boleia (2)
14.3- Velocípede (3)
14.4- Transporte Público (4)
14.5- A pé (5)
14.6- Outro. Qual? _____ (6)
14.7- NR (7)

II

RESIDÊNCIA: TRAJECTÓRIA E IMAGENS

P.15 - Tendo em conta a sua casa anterior, diga o que significou para si vir viver para esta casa:

- Mudar para melhor _____(1)
 Ficar na mesma _____(2)
 Mudar para pior _____(3)
 NR _____(4)
 NS _____(5)

Em relação ao bairro

P.16 - Actualmente o que sente em relação ao Bairro?

- Gosta de viver no Bairro _____(1)
 É - lhe indiferente _____(2)
 Não gosta _____(3)
 NR _____(4)
 NS _____(5)

P.17 - Em relação ao Bairro, diga como considera cada um dos seguintes aspectos:

	Boa	Razoável	Má
	(1)	(2)	(3)
17.1 Qualidade das casas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17.2 Rede de transportes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17.3 Rede de equipamentos (culturais, desportivos e sociais)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17.4 Rede de amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17.5 Integração na zona	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17.6 Proximidade do emprego	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17.7 Localização geográfica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17.8 Qualidade dos espaços verdes e de lazer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17.9 Imagem do Bairro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17.10 Relação entre vizinhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17.11 Actividades culturais desenvolvidas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17.12 Actividades desportivas desenvolvidas.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17.13 Preservação e cuidados com o meio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17.14 Segurança e tranquilidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

P.18 - Indique a expressão que considera mais adequada para completar a seguinte frase:

"A Comunidade da Colmeia é..."

- Uma zona residencial onde dá gosto viver (1)
 Um dormitório como qualquer outro (2)
 Um bairro de habitação como qualquer outro (3)
 Uma grande família (4)
 Um refúgio acolhedor (5)
 Um espaço com vida cultural próprio (6)
 Um amontoado de betão (7)
 Um espaço de delinquência e vagabundagem (8)
 Um local de passagem (9)
 Outro. Qual? (10)
 NR (11)
 NS (12)

P.19 - Na sua opinião, qual é a ideia que as pessoas que não moram aqui, têm do bairro:

- Boa imagem (1)
 Razoável (2)
 Má imagem (3)
 NR (4)
 NS (5)

P.20 - Se escolheu má imagem, diga se é:

- Consideram um bairro violento (1)
 Não gostam do aspecto do bairro (2)
 É um bairro de habitação social (3)
 Outra. Qual? (4)
 NR (5)
 NS (6)

P.21 - Como avalia a imagem do Bairro?

- Positivamente (1)
 Negativamente (2)
 NR (3)
 NS (4)

Falemos novamente da sua casa:**P.22 Qual o aspecto que associa à sua casa:**

- Conforto _____ (1)
 Felicidade _____ (2)
 Tarefas domésticas _____ (3)
 Privacidade _____ (4)
 Descanso _____ (5)
 Desconforto _____ (6)
 Gritaria _____ (7)
 Prisão _____ (8)
 Falta de espaço _____ (9)
 Família para aturar _____ (10)
 Dormitório _____ (11)
 Seu mundo _____ (12)
 NR _____ (13)
 NS _____ (14)

P.23 - Nos próximos anos pretende:

- Continuar a morar na mesma casa _____ (1)
 Procurar nova casa fora do bairro _____ (2)
 NR _____ (3)
 NS _____ (4)

III

SOCIABILIDADES, CULTURAS E LAZER

P.24 - Relativamente à seguinte lista indique o grau de pertença:

	Elevado (1)	Razoável (2)	Reduzido (3)
24.1 Grupo de amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24.2 Família	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24.3 Escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24.4 Bairro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24.5 Colegas de trabalho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24.6 Profissão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24.7 Colectividades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24.8 Clubes desportivos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24.9 Igreja ou Associações religiosas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24.10 Partido político	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24.11 Corrente de ideias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24.12 Terra de naturalidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24.13 Freguesia de Quarteira	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

P.25 - Em relação aos problemas entre vizinhos, considera que:

- Existem muito problemas _____ (1)
 Existem poucos problemas _____ (2)
 Não existem problemas assinaláveis _____ (3)
 NR _____ (4)
 NS _____ (5)

P.26 - Os principais problemas entre vizinhos são devido a (indique o mais grave):

- 26.1 Barulho _____ (1)
 26.2 Mau ambiente provocado por zaragatas _____ (2)
 26.3 Invejas e intrigas _____ (3)
 26.4 Condomínio _____ (4)
 26.5 Limpeza dos prédios _____ (5)
 26.6 Outro. Qual? _____ (6)
 26.7 NR _____ (7)
 26.8 NS _____ (8)

P.27 - Tendo presente a semana de trabalho, o fim de semana e o tempo de férias, indique em quais destes tempos é que mantém as seguintes relações:

	Dia Livre (1)	Dia de Trabalho (2)	Férias (3)	Nunca (4)
27.1 Com pessoas da mesma religião	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27.2 Com familiares	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27.3 Com pessoas da mesma Origem/Terra	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27.4 Com velhos amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27.5 Com colegas de trabalho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27.6 Com amigos feitos no Bairro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27.7 Com colegas de escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27.8 Com vizinhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

P.28 - Num dia típico de descanso semanal (livre), qual a actividade que lhe ocupa mais tempo:

28.1 Estar a dormir	<input type="checkbox"/>
28.2 Actividades domésticas	<input type="checkbox"/>
28.3 Cuidar das crianças	<input type="checkbox"/>
28.4 Trabalho Extraordinário	<input type="checkbox"/>
28.5 Estudar	<input type="checkbox"/>
28.6 Ouvir rádio	<input type="checkbox"/>
28.7 Ver TV	<input type="checkbox"/>
28.8 Ler	<input type="checkbox"/>
28.9 Passear	<input type="checkbox"/>
28.10 Outra	<input type="checkbox"/>

P.29 - De cada uma das seguintes actividades de lazer, diga se as realiza:

	Diariamente (1)	Semanalmente (2)	Por Vezes (3)	Nunca (4)	
29.1 Não fazer nada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
29.2 Ver T.V	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
29.3 Ouvir rádio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
29.4 Ouvir música	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
29.5 Ler	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
29.6 Dormir a sesta	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
29.7 Passear	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
		Semanalmente (1)	Mensalmente (2)	Por Vezes (3)	Nunca (4)
29.8 Receber familiares em casa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29.9 Receber amigos em casa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29.10 Almoçar ou jantar fora sem ser por necessidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29.11 Ir a casa de familiares	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29.12 Ir a cafés, cervejarias, pastelarias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29.13 Ir a associações recreativas ou colectividades locais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29.14 Ir à missa ou cerimónia religiosa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29.15 Passear	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29.16 Praticar desporto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29.17 Ir ao cinema/ teatro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29.18 Ver filmes vídeo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29.19 Ir a bailes/ discotecas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29.20 Ir a bares	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29.21 Ir a exposições (pintura, desenho, fotografia, etc.) / museus.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	Pelo Menos 1x Ano (1)	Algumas Vezes Ano (2)	Nunca (3)
29.22 Ir ao campo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29.23 Ir à praia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29.24 Ir à Terra natal ..	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29.25 Viajar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

P.30 - Da seguinte lista de iniciativas realizadas em 1998 no Bairro, diga:

	Teve Conhecimento (1)	Não Teve Conhecimento (2)	Assistiu (3)	Participou (4)
30.1 Mediateca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30.2 ATL	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30.3 Colónias de férias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30.4 Curso de costura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30.5 Curso de informática	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30.6 Curso de artes domésticas ..	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30.7 Clube de avós	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

P.31 - Das actividades a que assiste ou em que participa no Bairro, tem conhecimento delas através:

	Frequentemente (1)	Raramente (2)	Nunca (3)
31.1 Dos familiares	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31.2 De amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31.3 De colegas de trabalho/escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31.4 De vizinhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31.5 De folhetos/cartazes informativos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

P.32 - Diga se realiza alguma das seguintes actividades:

- Pintura (1)
- Escultura..... (2)
- Cerâmica (3)
- Tapeçaria (4)
- Marchas / Santos Populares (5)
- Teatro..... (6)
- Espectáculos de musica (7)
- Festas populares (8)
- Folclore (9)
- Desporto (10)
- NR (11)

IV

**PROJECTOS, REPRESENTAÇÕES DE VIDA, VALORES E
REALIZAÇÃO PESSOAL**

P.33 - Com qual dos seguintes modelos de vida mais se identifica:

Ganhar dinheiro suficiente que lhe permita gozar o dia-a-dia sem preocupação	<input type="checkbox"/> (1)
Viver o dia-a-dia mas preocupando-se sempre em ajudar os outros	<input type="checkbox"/> (2)
Trabalhar tendo por objectivo alcançar um futuro descansado	<input type="checkbox"/> (3)
Trabalhar tendo por objectivo contribuir para o desenvolvimento e Melhoria da sociedade em que vive	<input type="checkbox"/> (4)

P.34 - Considera que a sua vida:

- Tem vindo a melhorar (1)
 Tem tido altos e baixos (2)
 É sempre a mesma coisa (3)
 Tem vindo a piorar (4)
 Outra. Qual ? _____ (5)
 NR (6)
 NS (7)

P.35 - Considera que a sua vida, nos próximos anos:

- Irá melhorar (1)
 Irá pior (2)
 Vai continuar a ser a mesma coisa (3)
 Outro. Qual? _____ (4)
 NR (5)
 NS (6)

P.36 - Quando faz projectos para a sua vida procura opiniões junto de quem?

	Frequentemente (1)	Raramente (2)	Nunca (3)
38.1 Família	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
38.2 Vizinhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
38.3 Amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
38.4 Colegas de trabalho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
38.5 Namorado/Cônjuge	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
38.6 Filhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

P.37 - Se tivesse meios, que desejo gostaria de concretizar no próximo fim de semana?

ANEXO 2 - Guião da entrevista

Guião da Entrevista

Natzação n.º.

Data:

Morada:

Referência da Cassete:



QUESTÕES

1 . Durante quanto tempo morou no antigo bairro?

A) Aspectos negativos e positivos do antigo bairro?

2. Percurso de Vida

A) É capaz de me contar como foi a sua vida até agora:

Onde nasceu?

Com quem viveu?

As mudanças de residência, de profissão e ainda o percurso escolar.

3. Percurso de vida dos pais

A) E em relação aos seus pais, conte-me como foi a vida deles:

Meio de origem.

Mudanças de residência e de profissão.

B) Como compara a sua vida com a vida dos seus pais?

4. Trajectória sócio-profissional e familiar do cônjuge/companheiro

E em relação ao seu cônjuge, conte-me como foi a sua vida até ao casamento.

Situação actual de vida**5. Papel no seio da família**

A) Pessoas com quem vive

B) Relações familiares

- Como é que descreve a sua relação ou trato com as outras pessoas com quem vive?
- Fale-me da sua família: qual a função de cada um de vós no sustento do lar?

6. Situação habitacional

- Como é que avalia a sua casa? Gosta de habitar nela?
- E o bairro onde vive, que aspectos positivos e negativos?
- Quanto à vizinhança, tem amigos? Conte-me como é que se relaciona com os outros?

7. Situação profissional**A) Posição face ao emprego**

- O que é para si o trabalho?
- Quais são os motivos porque trabalha ou não trabalha?
- O que é que gosta de fazer no seu emprego?
- O que é que não gosta?
- Se pudesse deixava de trabalhar? O que é que fazia?

8. Lazer**A) Sociabilidades e convivências**

- Tem muitos amigos, encontram-se dentro ou fora do bairro onde vive?
- Qual a importância que considera que têm os amigos?

B) Participação em actividades ocupacionais

- Como ocupa o seus tempos livres?
- O que gosta de fazer nos momentos em que não tem obrigações?

C) Tem problemas com os seus vizinhos?

D) Costuma desenvolver algumas actividades com os vizinhos?

- Que actividades?

E) Com que pessoas mantêm melhores relações dentro do Bairro?

F) Participa em alguma associação recreativa ou colectiva local?

9. Aspirações/Expectativas

A) Percepção do modo de vida

- Gosta da vida que leva?
- Como gostaria que fosse a sua vida?
- Pensa que no futuro a sua vida se vai alterar para melhor ou para pior?
- Quais são as suas ambições para o futuro e como pensa concretizá-las?

ANEXO 3 - Sinopses das histórias de vida

Análise de Conteúdo - Histórias de vida

H Nº	1 - Percorso de vida em termos geográficos	2 - Motivos que levaram à mudança de residência	3 - Profissão dos pais
1	<p>Eu nasci nos Açores (P 1)... Viemos para a Madeira... Da Madeira depois viemos para aqui. (P 2)... Viemos logo para aqui para Quarteira. (P 8) depois fui para Lisboa para a casa da minha tia porque era para ser operada ... (P 19)...Tive lá uns bons anos também com o meu tio, com a minha tia, lá em Lisboa e depois 'tive lá... e depois também não me dava muito bem com a minha prima mais velha, olha, daí vim depois p'ra baixo outra vez. (P 20)</p> <p>Nasci em Alcochete. (P 2)... Fui viver ali para os lados de Vila Franca. (P 7) ... Depois vim para o Algarve,... (P 8)</p>	<p>O meu pai foi transferido para trabalhar. (P 3)</p> <p>... casei, foi assim a minha vida. Namorei... tive depois os meus filhos (P 6) Depois a gente separou-se e tive outro casamento... foi assim!!! Depois vim para o Algarve, com esse tal casamento. (P 8)</p>	<p>Pai - A... trabalhava nas obras. (P 4) - E a sua mãe era doméstica? (P 5) Sim... Era a minha mãe, estava no Hotel... também no D. Pedro a trabalhar (após a morte do pai - P 16)</p> <p>O meu pai era descarregador de mar e terra, tinha muitas faltas de trabalho, que era quando chovia muito não podiam ir descarregar o sal, que aquilo era uma terra das salinas... e era de ir a Lisboa para a Central Tejo descarregar o carvão que vinha... carvão de coque, aí é que o meu pai recebia muito dinheiro quando era das empreitadas. (P 5) Não faz referência</p>
2	<p>Olhe, nasci em Cabo Verde, na Ilha de S. Vicente, (P 1), fui para Angola em Janeiro de 1958. (P1) ... E nessa altura, vim para Portugal ... comecei logo a exercer as minhas funções, em Faro. (P 7)</p>	<p>Han, portanto, han, em Angola, han, fui trabalhar, portanto, han, nas construções de estradas, onde trabalhei, portanto, na companhia LUSODANA, (P 5) ... Já estava saturado, portanto, e já não podia aguentar a situação da guerra. Portanto, agarrei na família toda. A mulher e os filhos, e vim para Portugal, (P 7).</p>	

Análise de Conteúdo - Histórias de vida

H Nº	4 - Percorso Profissional	5 - Idade de início da actividade profissional	6 - Idade do Inquirido
1	<p>O que é que fazia... (risos) apanhar tomate, cebolas, essas coisas assim de horta... (P 15) ... este em Lisboa ... por volta de uns dois, três anos. (P 32) ... Fazia a lida da casa... (P 34) Vim p'ra baixo e depois comecei a trabalhar aqui no Restaurante do Leonel, prontos, no tempo do Verão... (P 20) ... estava nos restaurantes ali, a trabalhar na copa. (P 40) ... Tenho... por exemplo o ano passado trabalhei ali no Hotel e agora comecei a... dia dez, ali no Vila Verde. Não, Vila Verde não... Verde Pinho é que é! (P 41) ... só o Inverno é que é um bocadinho chato! Vou para o fundo de desemprego. (P 42)</p>	<p>Tinha eu por volta dos meus catorze, quinze anos, quando ele morreu... (P13) Estava a, sim estava, mesmo por trás, ao pé do Hotel D. Pedro havia uma quinta e eu trabalhava lá, ganhava nessa altura 200\$00 por dia... por semana! (risos) (P14)</p>	<p>Tenho trinta e seis. (P 10)</p>
2	<p>Mas depois ganhava muito pouquinho, a minha mãe pôs-me numa fixa e eu depois comecei a sentir uma grande falta da minha mãe e do meu pai. (P 1) ... Já não fui servir mais. Depois comecei a fazer malhasinhas para Lisboa. (P 4) ... Depois vim para o Algarve ... Depois tive ali uma banca, 'tava bem! Estava tudo bem, estávamos ali bem, tive uma banca de peixe mas ele depois vendeu-ma. (P 8) ... e... como faço estes trabalhos de costura, ter mais contactos com as pessoas para ter mais um trabalhinho porque eu tenho que ajudar o meu filho. E ando assim com um saquinho na mão a oferecer aqui, oferecer ali... Se fosse no meio da sociedade eu punha um papelinho na janela, eu faço arranjo de peixe, eu arranjo saias, arranjo isto... (P 27) , porque só tenho o rendimento mínimo (P 29)</p>	<p>... E com treze... Sai de baixo das saias da minha mãe que até aos treze não tinha ido para lado nenhum. (P1) ...</p>	<p>Olhe, já tenho setenta e dois anos! (P 51)</p>
3	<p>... a profissão de torneiro mecânico, donde portanto exerci essas funções até aos vinte anos mais ou menos, mas entretanto, han, aos dezanove para vinte anos de idade e fui para a tropa, e estive dezanove meses e meio na tropa, e depois de passar à disponibilidade fui para Angola (P 1) ... em Angola, han, fui trabalhar, portanto, han, nas construções de estradas, onde trabalhei, portanto, na companhia LUSODANA, durante nove anos, portanto é uma empresa de construção de estradas e pontes móveis. (P 5) ... depois mais tarde tive um outro convite, han, portanto, outro empregueiro, não é, outro empregueiro que era, portanto, OS CASTILHOS, onde trabalhei quase dois anos, han, depois mais tarde deixei de trabalhar, portanto, nos CASTILHOS e fui para a Companhia Mineira do Lubito. (P 6) ... E depois mais tarde, como não me sentia seguro, não é, porque havia situações difíceis relativamente às minhas funções, e tive que pedir a exoneração, pedi a exoneração, e então, fui trabalhar para o CFB - Caminhos de Ferro, Caminhos de Ferro de Benguela, onde trabalhei um ano e tal, portanto, em 1980 foi quando, portanto, cessei, portanto, a minha actividade nos Caminhos de Ferro de Benguela. (P 7) ... Até mesmo em relação à idade, não é, já estava bastante saturado, de maneiras que tive a trabalhar numa empresa, que... por meio de contratos, não é, e logo assim que acabou o meu contrato, eu fui, portanto, para o fundo de desemprego que depois mais tarde fui... Portanto, fui... através do fundo de desemprego, fui trabalhar, portanto, como vigilante na escola primária durante dois anos, para Quarteira. (P 42) ... Neste momento, estou reformado, estou reformado... (P n°)</p>	<p>...portanto aos 13 anos de idade fui trabalhar para uma empresa, estrangeira (P1)</p>	<p>Nasci ... há 25 de Outubro de 1934 (P 1)</p>

Análise de Conteúdo - Histórias de vida

H N°	7- N° de irmãos da família de origem	8 - Percorso de vida relativamente às relações afectivas/conjugais	9 - Motivos das separações/divórcio	10 - N° de Filhos
1	Éramos dez. Morreu três rapazes e uma rapariga. Depois ficou cinco raparigas e um rapaz. (P 2)	Depois conheci o pai do meu filho, ajuntei-me com ele, ajuntei-me com ele tive o Nelson.(P 20) ... A... tinha por volta dos meus vinte anos.(P 21) ... Depois a gente também chateamo-nos... separei.(P 21) ... , prontos, uma mulher também não... sem companhia... para me fazer companhia com o marido e tudo arranji depois o pai das miúdas. Também depois foi um desastre. Tive também uns tempos com ele. Por volta de uns sete anos, mas durante aqueles sete anos que eu 'tive a viver com ele, separei-me dele duas vezes.(P 38) ... Sim, depois fomos para uma discoteca... com os copos a mais nã é, que hoje a mulher corrente gosta da pinga, nã é (risos). E então o que nos ensina mais passos, paga mais nas discotecas, não é... e acabei por ficar grávida, do Márcio, e fiquei com o Márcio também sem rumo, o mesmo que os outros!...(P 45)... Não, esse foi mau cantor... (risos) Desse não quis ficar de barriga cheia porque já chegava! Levar pontapés no cu para aprender... uma pessoa para aprender tem que levar muitos!(P 55)... - Esse até a fez fugir aqui de casa não foi? Esse sim, para já eu não sabia que ele era assim ... E eu no fim no fim acabei... arranji um bom marido. Dá tudo aos meus filhos. Trata bem a eles. Tenho mais uma. Tenho cinco filhos e Graças a Deus que é uma pessoa impecável e agora estou bem da vida.(P 45)	1º companheiro - Ele ficou preso três anos. Depois apanhou mais três anos foi quando andou à guerra com outro gajo lá dentro, da cadeia. Um moço deu uma facada nele e ele deu outra, com a mesma faca do outro moço. E depois apanhou mais três anos.(P 23) 2º companheiro - Tinha, era malandro de trabalhar! (risos) (P 39) 3º - o pai do Márcio foi uma aventura só de uma noite? Não foi de uma noite... foi para aí de uns três, quatro meses. (P 46) 4º - Ele estava bêbado naquele dia... uma eu não tinha nada que lhe dizer para onde é que eu ia, não estava a viver com ele... e outra ele queria entrar à força. E mandou um moço ir pela janela, para a vizinha ir chamar a polícia, foi na altura que a vizinha telefonou e....(P56)	Cinco (P 47)
2	Tenho outra família, a minha irmã ..(P 41)	... aos dezoito, 'tive até me casar. Namorei, casei, foi assim a minha vida. Namorei... tive depois os meus filhos. (P 6) ... Depois a gente separou-se e tive outro casamento... foi assim!!! Depois vim para o Algarve, com esse tal casamento.(P 8) Não se divorciei não, aqui nunca me divorciei...(P 13) ... se ele não quis... não gostou... faça a vida dele que eu faço a minha. ... Não tenho o meu marido... não tenho... pronto ... (P 42)	Não refere	Tenho seis filhos. (P 6)
3	Portanto, han, da parte da minha mãe eramos três filhos, e do meu pai, e do meu pai mais ou menos cinco ou seis... (Risos) Portanto, (risos) portanto, (risos) portanto, irmãos diferentes...., não é? (P 2)	...conheci a Dona..., a Alice, namorei com ela, seguidamente casei.(P 11) Namorámos, han, portanto, cerca de dois anos...(P 10) ...Casei em Angola...(P 8) ...	Não existiu separação	Seis, são seis filhos (P 17)

Análise de Conteúdo - Histórias de vida

H N°	11 - Situações problema pelas quais os filhos tenham passado	12 - Alusão aos filhos no presente	13 - Alusões ao marido/esposa
1	<p>Não, o Nelson só vê o pai umas duas a três vezes. A família não lhe quis ligar por causa do problema com que ele nasceu. Do lábio... E a família disse que a família deles nenhum tinha aquele problema, que não era filho nem era neto... Foi a avó que disse. E depois mandaram cá para baixo para Quarteira um cheque, um vale de correio, três contos e tal para eu ir mostrar o miúdo, à avó. Fui mostrar a criança, pronto, quando foram quatro e tal da manhã meteram-me na rua, a mim e ao miúdo, de baixo da chuva e tudo! (P 27)... E depois a moça que eu deixei, que a Sandra conhece, que era a Cátia, que era a madrastra das minhas filhas... e foi quando a minha irmã foi para os Açores ter a criança, estava muito mal, estava a rebentar pelos ouvidos e assim e nariz. Tinha um problema nos ouvidos, nos ouvidos... e então fui para Albufeira, passei lá uma semana com ela, lá para arrumar a casa, tratar dela e da miúda. Ela nem conseguia levantar-se da cama. E prontos, deixei a Cátia aqui com os miúdos, só levei o Márcio que era o mais pequenino, tinha que carragá-lo, e deixei os outros aqui. Os outros dois, que era o Nelson e a Vera.(P 56)</p>	<p>Porque a Soraiia passa muito tempo na minha mãe. Porque ela foi mais criada com a minha mãe. E a miúda vai agora... fica aqui durante a semana, sexta-feira sai da escola, se eu não a levar sexta-feira à noite depois do jantar, leva o meu marido de manhã, como tem de levar o meu irmão à obra, vai buscar lá, aproveita leva a miúda de manhã. O passa tempo da minha mãe é aquela miúda!(P 56)</p>	<p>Tinha lá um café que eu parava lá com o meu padrastrto, ia lá sempre, com a minha irmã íamos lá sempre tomar a bica, essa que tá nos Açores, íamos lá sempre tomar a bica. Ele era amigo do meu padrastrto, depois foi fazendo perguntas, perguntias, perguntas ao meu padrastrto e essas coisas assim. Depois queria conhecer os meus filhos todos. Foi daí daí que a gente se começámos a conhecer. Foi daí que nós fizemos a nossa relação. Ficámos até agora.(P 84) É de Guimarães. É branco. Mas ele tem dois filhos na Guiné. Ele tem dois filhos de uma guinesa.(P 81) Eu já vou fazer dois anos e meio com ele.(P 82) Ele veio para cá porque tava chateado com a mulher, que era guinesa... Não sei o que é que ele veio para cá fazer. Quando eu o conheci ele diz que já cá tava há dois, três anos.(P 85) Sim, estava nas obras. Era camionista.(P 86) ele também estava desempregado e agora já está a trabalhar.(P 48) Neste momento estou e muito feliz. Não esperava o homem que eu arranjei! (P 75)</p>
2	<p>Não refere</p>	<p>Tenho um filho que é carpinteiro(P 16)... os filhos tomaram a vida deles. As minhas noras não são daquelas de me virem visitar. Os meus netos... porque o meu filho tem aquele problema... (chora / interrupção). (P 42), tenho um filho muito doente,(P 29) ... Agora a minha família são os meus filhos, os meus filhos são a minha família.(P 27)</p>	<p>O meu marido cantava, cantava o fado em restaurante ou hotel ou em colectividades. Mas como aquilo também não dava começámos a vender uns pexinhos. O meu marido ia à ajuda ali aos barcos e depois o meu marido era fadista e eles... e eu ia na rua com o meu marido, ele ensinou-me e depois ali houve um presidente que faleceu... não sei se era Filipe que se chamava, já não me lembro bem... ofereceu-nos uma pedra para irmos pagando pouco a pouco e fomos ali vender para a Praça.(P 10) O meu marido trabalhou na Lusotur (P 13) O meu marido cantava o fado e ia com ele para... para... também ia com ele... vivia alegre... também passei muito... ia às "Revistas" a Lisboa... o meu marido ia cantar a grandes casas, oh, casas ricas quando havia grandes festas. AAA... quando ele ia para lá trabalhar estava sempre na mesa dos pretendidos, vivia feliz! (P 51) Dos maridos já não me interessa a mim... porque... se ele não quis... não gostou... faça a vida dele que eu faço a minha.(P 28)</p>

Análise de Conteúdo - Histórias de vida

H Nº	11 - Situações problema pelas quais os filhos tenham passado	12 - Alusão aos filhos no presente	13 - Alusões ao marido/esposa
3	<p>Iam às escolas, han, à procura de rapazes que tivessem, portanto, mesmo que fossem menores, mas que tivessem bom físico para a guerra, e entretanto tinha filhos à escola e eu, portanto, receei essa situação. Foi nessa altura então é que mandei, portanto, o filho mais velho aqui para Portugal, porque tinha cá uma tia e a fim de estudar ou, portanto, de, de... de... de... ter ou de... de... fugir daquela situação que existia em Angola. E também a filha, também idem, também a filha, a situação foi a mesma....(P15) O Carlos veio, mais ou menos, com catorze, catorze para quinze anitos mais ou menos. E a São veio mais ou menos com doze ou treze anos.(P 20)... Não, não, dona, em principio quando soube, portanto, que o Carlos e a Ascensão, portanto, não estavam, portanto, em casa da tia senti-me bastante preocupado.(P 22) ... Foram viver os dois sozinhos? Sim. E... senti-me bastante preocupado, e foi uma das causas da minha vinda para cá, e foi mesmo de repente.(P 24)</p>		<p>Pois, ela é de Angola... É angolana, é de Nova Lisboa, e depois mais tarde vieram os filhos, não é...(P 11) Não, tenho a..., ora portanto, tenho a mesma idade, portanto...há um ano e tal dois anos de diferença da idade dela...(P 12) Sempre doméstica. Ficava em casa. Nunca trabalhou. Quer dizer, nunca trabalhou for a de casa...(P 13)</p>

Análise de Conteúdo - Histórias de vida

H Nº	14 - Percorso habitacional (após a vinda para o Algarve)	15 - Aspectos positivos do Antigo Bairro	16 - Aspectos negativos do Antigo Bairro
1	<p>A gente quando viemos, viemos para uma casa que o meu pai tinha alugado, fomos para lá viver. Depois começaram a fazer as barracas no Bairro e lá fomos a gente todos para lá. O meu pai pôs a gente a carretar massa, madeiras e essas coisas, metemo-nos a fazer a casa juntamente com ele. Depois aí tivemos lá uns bons tempos, depois mudámo-nos para aqui para a Abilheira.(P 11)</p> <p>Após a 1ª separação Eu depois vim para o pé da...(P30)</p> <p>Da sua mãe? Sim (P 31) ... Por volta... a... mais dois anos, para aí... Mais dois anos não, mais um ano e picos porque quando eu depois fui... o meu padraço, n é, o que estava com a minha mãe arranhou aquele quartinho que eu tinha lá... ele é que fez aquele quartinho...(P 37)</p>	<p>Gostava de morar lá... prontos, uma pessoa não houve barulhos, entra e sai à hora que a gente quer, é à vontade.(P 57) ... gostava muito de lá estar. Uma pessoa lá metia música à vontade e, pronto, fazia muito barulho e aqui já não consegue fazer nem nada. (P 58) O meu cunhado tinha lá uma garagem que fazia bailo todos os fins-de-semana. Ou coiso, quando fazia bailos de Carnaval, festas, essas coisas assim. Fazia sempre(P 59) ... porque lá sempre dava para a gente ir à praia um bocadinho e aqui já é longe. As folgas também já não é iguais... Agora já não dá assim para a gente conviver... Como antigamente, não. Tenho saudades do Bairro, tenho.(P 65)</p>	<p>Mas para voltar a morar para aquele sítio onde eu vivi, não! Aquilo que eu passei... três cheias! Fiquei sem nada...(P 65)</p>
2	<p>Para ali para... quer dizer morava aqui em casas que não havia estes hotéis como há agora, era... morávamos em quartos de cama.(P 10) Vivi numa casa aqui... ali assim ao pé do Sr. Bota.(P 11) ... de ali dos apartamentos em Março tínhamos que sair. Que era só davam casa até Março, que era mesmo já o contrato feito e depois tínhamos que ir para a terra... De maneira que então a gente pensou em comprar aquela casinha ali no Bairro. O meu marido trabalhou na Lusotur, e um velhote que estava lá, estava doente do coração e pensou em vender a casinha dele e a gente pedimos dinheiro ao Banco e comprámos aquela casa. (Bairro dos Pescadores)(P 13)</p>	<p>Havia. Havia... era tudo bom pessoal. Até as minhas vizinhas e tudo nunca tive nada a dizer das minhas vizinhas, era tudo gente boa lá! ...Estavam pessoas que também vieram de Angola, mas aquilo era tudo boa gente. As que estavam ao pé de mim era tudo boa gente, nunca tive nada que dizer das pessoas.(P 14) Eu gostei sempre de viver lá...! Quando eu comprei aquilo, estava tudo arranjadinho e aquilo... e o meu filho ainda acrescentou a casa com tijolo mas o mar depois é que me começou a entrar pela lado da frente. (P 16) Não me sentia só. Há uma senhora que é costureira, eu gosto muito de falar da costura... aquela senhora às vezes... eu pegava na minha costura e aquilo que eu não sabia a senhora me ensinava. Lá para casa daquela minha amiga, não ia falar mal de ninguém!, era... era só para estar destráida e levava o meu trabalho... ou fosse crochets ou fosse costura. (P 25) Aquilo foi assim... era um sítio como outro qualquer, não é? Como outro qualquer não era muito bem assim, era mesmo ao pé da praia, aquilo ali era maravilhoso! . Quando as pessoas iam lá gostavam de ver a minha casinha! Tinha os beliches dos meus filhos tudo com cobertas, tudo arranjadinho (P 49)</p>	<p>O que é que aquilo depois começou-se a degradar. Começou-se a vir outras coisas, nã é, que nem vale a pena aqui falar do nome... Começou aquilo a ficar assim! Porque aquilo era tudo gente mais ou menos de Quarteira, pescadores...(P 14) Quando era aquelas maresadas grandes é que aquilo começou a degradar-se tudo! Era já... já andavam muitos ratos, muitos bichos... estávamos a comer e... já havia muitos buracos, aquilo estava tudo para deitar a baixo, já não se podia estar a fazer obras, nã é, que o meu filho... os meus filhos têm muito jeito. ! Lá fui sofrendo ali, uns maus bocados, chuva a cair em cima da cabeça. P'ra defender a cabeça caía-me em cima dos pés. E os senhores doutores diziam-me: tem que ter coragem, tem que se aconchegar, mais um bocadinho isto está tudo resolvido. E Deus Nosso Senhor lá me foi dando coragem para enfrentar isto tudo! (P 16) A doutora esteve lá e viu que aquilo era já bichos por todo o lado! Foi o maior sacrifício que eu fiz na minha vida! (P 39) Simplesmente isto com o mal desta coisa que anda aí, é por todo o lado!, aconteceu aquilo estar pior! E as chuvas... Também nunca me foram fazer mal à minha casa. Nunca ninguém me fez mal. Simplesmente o pior ainda foi o mar entrar dentro da minha casa três vezes, aquilo degradou-se tudo, as coisas todas estragadas, as roupas, a pouca mobília... o que a gente tinha, mesmo assim! Não vivíamos assim muito miseráveis, sei lá. O sítio é que tirava o valor às pessoas, não é. E a água salgada quando entrou lá dentro</p>

			<p>estragou-me tudo, não é... , aquilo a gente tinha sempre medo quando havia aqueles coisos de andarem aqueles rapazes com aquela vida, nem vale a pena explicar o que é que era, toda a gente sabe...(P 49) Sentia medo, sentia medo à noite, quando eles corriam... a gente sentia aquele correr, às vezes ouvia tiros, ouvia tiros... de onde vinham não sei. Tive muito medo!Tive, tive.(P 51)</p>
<p>H Nº 3</p>	<p>14 - Percorso habitacional (após a vinda para o Algarve) A partir de um princípio fui viver num sítio, acho que não estava preparado, portanto, para viver...(P 26) No Bairro dos Pescadores, sim, nesse sítio. Estranhei bastante e se... mas entretanto tive forças porque tentava aguentar a situação e vivia muito mal, portanto, relativamente a... a... viver na barraca que os filhos fizeram porque eles cottados não, não tinham expedientes nenhuns na vida, não estavam habituados e coiso..., mas felizmente, Graças a Deus, quando cá cheguei comecei a trabalhar, pronto, arranjei a casinha donde permanecemos ali até Outubro de 97.(P 27)</p>	<p>15 - Aspectos positivos do Antigo Bairro Não refere</p>	<p>16 - Aspectos negativos do Antigo Bairro Senti mas foi do ambiente, como toda agente sabe, o Bairro, portanto, foi sempre um sítio com muita gente indesejável... devido à droga, à prostituição, e à miséria, muito embora eu não estava permanente no Bairro porque sempre trabalhei fora, saía de manhã, às seis da manhã e só chegava às nove da noite a casa, portanto, praticamente nunca convivi com os meus próprios vizinhos.(P 32) Han, haviam, portanto, aqueles vizinhos, vizinhas, portanto, han, que por vezes sem compreensão, han, também por causa das dificuldades do transporte de água, que... eles utilizavam, portanto, mangueiras e isso era um problema! Enquanto as mangueiras tivessem, portanto, ligadas às torneiras ninguém podia utilizar, utilizar...,portanto, han... a bica, ou seja, retirar uma mangueira para se abastecer de água... portanto, essas situações criaram estes problemas...(P35) Foram muitos anos de sacrifício, muitos anos mesmo e não só!(P 36) Os incêndios, eram constantes! Os incêndios eram constantes! (P 39) Os motivos dos incêndios eram precisamente, han, portanto, os toxico... han, os toxicodependentes que acendiam, portanto, lá o... velas e outras coisas mais... e acho que, penso não é, acabavam por adormecer e as velas, portanto, caíam para o chão e a partir daí, pronto... queimavam tudo. E como as barracas eram quase todas encostadas umas às outras, han...(P 40) Houve uma situação drástica em que, quase a metade, quase a metade, do lado donde eu estava a viver, mais da metade dessas casas, portanto, han... han... arderam, não é, foram ardidas e as pessoas ficaram sem casa. Depois mais tarde foram realojadas.(P 42)</p>

Análise de Conteúdo - Histórias de vida

H Nº	17- Nº de anos que residiram no Bairro dos Pescadores	18 - Aspectos positivos do Bairro Novo	19 - Aspectos negativos do Bairro Novo
1	... fomos logo dos primeiros, por volta de uns dezanove, vinte anos (P 12)	E aqui também gosto. (P 58)	Mas sempre, é duas, três horas da manhã a minha vizinha chega tarde, trabalha no restaurante, sai tarde, sai às duas horas, às vezes uma, aquela hora é que arruma a casa. Começa a arrastar os móveis. Esta minha vizinha aqui de baixo aos sábados é tudo para ela! É música, é o marido que está bêbado começa a partir as coisas, bate nela, bate nos moços... é barulho toda a noite. Domingo às vezes, por mim não que estou em casa, mas o meu marido às vezes quer dormir um bocadinho e(tocou o telefone)(P 57) Uma pessoa lá metia música à vontade e, pronto, fazia muito barulho e aqui já não consegue fazer nem nada. (P 58)
2	Não faz referência	Fiquei muito contente por mudar de casa! Gosto de ter outras condições que não tinha ali, não é. Porque eu dantes vivi sempre com condições mas depois que aquilo se degradou é que fiquei mal, não é...(P 17) Não, as pessoas... ninguém me trata mal, não... não tenho... não tenho problemas com ninguém. São tudo boas pessoas.(P 18) ... A casa é boa, não compare uma coisa com a outra, doutora! A doutora esteve lá e viu que aquilo era já bichos por todo o lado! (P 39)	... Mas mesmo assim eu gostava de viver mais no meio da sociedade.(P 17) . Isso os moços novos, já sabe, está tudo por todo o lado, não é!... Prontos, não é só aqui neste Bairro. É verdade ou mentira? Para que é que se há-de dizer... simplesmente, eu para o meu problema que tenho dentro de mim, gostava de estar mais no meio! Pronto... (P 18) Sinto uma falta muito grande! Estou muito isolada! Sinto-me um bocadinho triste...Ficar perto dos meus netos, do meu filho que mora ali mais abaixo, já de noite eu tinha uma aflição qualquer ia chamar o meu filho, não é... e não tenho assim... não tenho aqui...(P 21) Agora aqui tenho esta tristeza, muito sozinha! O meu problema não é as minhas vizinhas, as vizinhas não são culpadas disto. Não pode ser, não... Mas eu pedi logo à senhora doutora, pronto... não gosto de andar sempre a chatear... está nas mãos deles...(P 39) , mas aqui já estou muito mais isolada.(P 48)
3	Foi desde de Novembro de 82, desde Novembro de 82, até Outubro de 97. Até mudarmos...(P 36)analisar	Sim, foi uma grande alegria, foi uma grande alegria porque a partir do princípio, portanto, deixei de viver aquele ambiente indesejável que eu vivia e não só... como também de viver numa casa digna, com condições, muitíssimo diferente daquela que eu vivi, portanto, no Bairro durante dezasseis ou dezassete anos. Para mim foi uma grande alegria e agradeço bastante, em meu nome e da minha própria família. Para nós foi uma salvação, e tenho muito que agradecer.(P 43)	

Análise de Conteúdo - Histórias de vida

23 - Expectativas face ao futuro	
HN ^o 1	<p>O futuro que eu tenho é ter uma vida boa. E mais nada. (P 74) Não... por acaso nunca tive assim sonhos... (P 76) Tudo! Eu como as outras crianças teve e eles nunca tiveram... agora é que vão tendo uma coisa pouca, mas vão tendo... mas o meu sonho que eu tinha mesmo. Que sempre sonhei foi mais um. Seis filhos. Mas eu não sei se o vou fazer! Sempre sonhei desde pequeniniqu ter seis filhos (risos). Não tenho é papel... (P 77) Até dava se fosse um rapaz ficavam três raparigas num quarto e três rapazes no outro! Mas a gente não vai ... se me deixassem fechar a varanda também podia fazer ali um quarto.</p> <p>Por acaso o meu sonho era ter seis filhos, mas não sei, só se vier algum comprimido estragado. (risos)(P 78)</p>
2	<p>Gostava que era... que me mudassem para o pé de... para o sítio dessas pessoas que eu tenho mais amigas. Perto dos meus filhos, que eles moram para lá mais para o meio, e daquelas pessoas... que eu tinha para ir um bocadinho para ir à noite. É isto, não quero mais nada. (P 25) Gostava mais de ter a minha casinha, de viver mais no meio da sociedade (P 26) ! E era isto que eu queria, estar assim num sítio que tivesse mais auxílio, pronto. E não desejo mais nada de... E ter assim um lugar para trabalhar que me viessem trazer o trabalhinho a casa para eu defender o meu trabalhinho e para com o rendimento mínimo já vivia melhor. Mas só assim custa-me um bocadinho a viver... (P 30) Era ir lá para baixo. Para o meio da sociedade... (P 31) Agora eu queria estar perto, se eu pudesse ir para lá morar era como se me satsse um totoloto! Não me importava... quando vim para cá era uma vida... agora já está tudo diferente! (P 42) Gostava de ter um trabalho... de pegar, não é... Para ajudar o meu filho, sou capaz de fazer de tudo... (P 44) Gostava de estar assim a coser... de sair um bocadinho, de ir às compras, beber um cafézinho, é assim, gosto de passear. Não tenho assim nada que gostasse de fazer... (P 45) Gostava de ter uma casinha, assim... que eu pudesse trabalhar. Mesmo que fosse a casa onde eu vivesse, mas que fosse num sítio que fosse bom para esta coisa que eu gostasse de fazer para ganhar o meu pão... (P 46)</p>
3	<p>Eu gostaria que os meus netos estudassem, portanto que, que os meus netos (P53) Porque sem o estudo não podemos dar um passo em frente, não podemos desenvolver nem nós próprios, nem agente próprios, nem, portanto, o próprio país porque há que haver desenvolvimento e para esse desenvolvimento há que haver, portanto, estudos... há que estar à altura para desempenhar, portanto, qualquer função que..., que..., sim... que nos..., qualquer função que... que nos ajude a avançar... (P 54) Digo sinceramente que se tivesse possibilidades de ter um sítio próprio, para mim, tá claro, gostaria, não é, mas... como não vejo, como não vejo essas possibilidades, portanto... (P 55) Ah, eu a única coisa que sempre desejei na minha vida era ter um torno mecânico, meu, para que eu pudesse, portanto, han... fabricar algumas peçassinhas, han... de estimação, relembrando, portanto, o meu profissionalismo que muito adorei. (P 70)</p>

Categorização da componente nº 1, 2 e 3

Por vezes o número de respostas não corresponde ao número de inquiridos uma vez que o que é contabilizado nesta situação é a alusão a determinado(s) facto(s) o que poderá conduzir a uma resposta de tipo múltiplo devido à diversidade das respostas.

1 - Percurso de vida em termos geográficos
Indicador
Migração das ilhas para o Continente
Migração interna
Emigração das ex-colónias para Portugal

2 - Motivos que levaram à mudança de residência
Indicador
Motivos laborais
Motivos pessoais
Motivos pessoais e laborais

3 - Profissão dos pais
Indicador
Trabalhadores não qualificados (Pai e Mãe)
Doméstica (Mãe)
Não faz referência (Pai)
Não faz referência (Mãe)
Nota : É de salientar a função do pai como sustentáculo económico da casa

Categorização da componente nº 4 e 5

4 - Profissão
Indicador
Trabalhador não qualificado
Torneiro mecânico

4 a) - Origem dos rendimentos actuais
Indicador
Trabalho sazonal
Biscates, RMG
Reforma

5 - Idade de início da actividade profissional
Indicador
Entre os 13 e os 15

Categorização das componentes 6, 7, 8 e 10

6 - Idade do inquirido
Indicador
36
72
66

7 - Nº de irmãos
Indicador
1
8
10

8 - Nº de casamentos/unões de facto
Indicador
1
2
5

8 a) - Estabilidade das relações conjugais
Indicador
Instáveis
Estáveis

10 - Nº de filhos
Indicador
Entre 5 e 6

Categorização das componentes 11, 12, 13 (a, b)

11 - Situações problemas na vida dos filhos (no passado)
Indicador
Problemas de relacionados com o poder paternal
Situações advindas do cenário de guerra
Não refere

12 - Alusão aos filhos no presente
Indicador
Problemas de saúde
Permanência de um filho na casa da avó
Afastamento dos filhos

13 a) - Profissão do marido/esposa
Indicador
Trabalhador não qualificado
Fadista (ex-marido)
Doméstica

13 b) - Referências à relação conjugal
Indicador
Referência a aspectos emocionais
Referência a aspectos de caracterização

Categorização das componentes 13 (c), 14 e 15 (a)

13 c) - Caracterização da relação conjugal
Indicador
Felicidade
Saudade
Não caracteriza

14 - Percorso habitacional após a vinda para o Algarve
Indicador
Bairro dos pescadores - Abilheira
Quartos alugados - Casas alugadas - Bairro dos Pescadores - Abilheira

15 - Aspectos positivos no antigo bairro
Indicador
Proximidade da praia
Mais liberdade
Mais convívio
Não refere aspectos positivos
Relações de vizinhança mais profundas

15 a) - Sentimentos face ao antigo bairro
Indicador
Saudade
Repulsa
Fi
2
1

Categorização das componentes 16, 17, 18, 19

16 - Aspectos negativos no antigo bairro
Indicador
Cheias
Degradação habitacional
Toxicod dependência, prostituição
Insegurança
Relações de vizinhança mais profundas

17 - Nº de anos que residiram no Bairro dos Pescadores
Indicador
15 - 20
Não refere

18 - Aspectos positivos do Bairro Novo
Indicador
Melhores condições de habitabilidade
Melhor ambiente (humano)

19 - Aspectos negativos do Bairro Novo
Indicador
Menor liberdade nos comportamentos
Maior isolamento
Relações de vizinhança mais pessoais

Categorização das componentes 20, 21, 22, 23

20 - Relações familiares
Indicador
Proximidade entre os familiares
Relações familiares difusas
Família dispersa

21 - Relações de vizinhança
Indicador
Relações cordiais entre vizinho mas sem inter-relação

22 - Relações de amizade
Indicador
Relações de amizade com elementos do antigo Bairro
Relações de amizade com elementos externos aos dois bairros

23 - Expectativas face ao futuro
Indicador
Ter 6 filhos
Aproximação da família/ quebra do isolamento
Metas de formação académica para os netos
Ocupar os tempos livres

Características comuns nas histórias de vida	
1	Origem socio-económica baixa
2	Família de origem extensa
3	Trabalho infantil
4	Migração/emigração para o Algarve
5	Trabalho precário
6	Família de procriação extensa
7	Relações conjugais instáveis (no caso das mulheres)
8	Permanência longa em termos temporais no Bairro dos pescadores
9	Perca da identidade de grupo no novo Bairro
10	Melhoria das condições de habitabilidade no novo Bairro

Perfil Psico-social dos entrevistados

<u>Pontos de análise</u>	<u>Entrevistado 1</u>	<u>Entrevistado 2</u>	<u>Entrevistado 3</u>
Condição socio-económica de origem	Baixa	Baixa	Baixa
Condição socio-económica actual	Baixa	Baixa	Média-Baixa
Nº de elementos da família de origem	Extensa	Média	Extensa
Nº de elementos da família de procriação	Extensa	Extensa	Extensa
Trabalho Infantil	Sim	Sim	Sim
Tipo de Trabalho	Precário	Precário- Biscates	Reforma
Relações conjugais	Instáveis	Instáveis	Estáveis
Tipo de discurso	Desarticulado e exuberante	Saudosista e deprimido	Objectivo e realista
Integração no antigo bairro em termos humanos	Total	Total	Não se identificava com o modo de vida do bairro
Integração no novo bairro em termos humanos	Desenraizada	Desenraizada	Não se identificava com o modo de vida do bairro